

JAYME DE MAGALHÃES LIMA

ESTUDOS

SOBRE A

LITTERATURA

CONTEMPORANEA

bibRIA



PORTO

LIVRARIA UNIVERSAL
DE
MAGALHÃES & MONIZ
12, Largo dos Loyos, 12

ERROS DO INDIVIDUALISMO

bibRIA

bibRIA

ERROS DO INDIVIDUALISMO ¹

«... for abstract freedom is concrete anarchy.»

MONTAGUE.

Não sei o que ha de convencional no pessimismo dominante na litteratura e na philosophia da segunda metade d'este seculo. Em todas as épocas litterarias o que a principio exprimia uma transformação no sentimento e na idéa, acaba sempre por perder todo o valor de commoção intima e sincera, para ficar reduzido apenas ao que tem de apparente e externo — a uma fórmula em voga, completamente vazia de sentimento; a uma especie de estribilho que se repete involuntariamente e inconvenientemente.

¹ *The Limits of individual Liberty* by Francis C. Montague. London: Revingtons, 1885.

O romantismo é um bom exemplo dos phenomenos d'esta natureza. Nascido do espirito de revolta contra o absolutismo das tradições classicas que vasavam idéas e sentimentos em moldes de bronze incorruptiveis; desolado pelo espectáculo dos destroços d'uma revolução que lançou por terra altares e reis, crenças e instituições politicas, destruindo toda a ordem social estabelecida: o romantismo imprimiu á litteratura da época um tom plangente, que sobreviveu muito tempo ao espirito que lhe deu origem.

Talvez seja o mesmo para o pessimismo: talvez esta seja tambem uma fórmula de pensamento e de expressão que se espalhou muito além dos que a podiam comprehender e sentir em toda a sua plenitude.

É forçoso porém reconhecer que, embora possam muito a affectação e a moda, decerto carecem de força para operar transformações tão vastas e tão profundas, e muito menos para se apossarem tão completamente do espirito de tantos homens de saber e de genio. É forçoso reconhecer que o pessimismo contemporaneo tem raizes profundas no estado presente d'uma sociedade, em que a sciencia pôz em duvida toda a crença, e em que a liberdade pôz a extrema opulencia ao lado da extrema miseria.

Assim, na instabilidade do presente e na incer-

teza do futuro, a vida tornou-se um mal, um mal terrível e angustioso para todos os que soffrem das dôres da propria miseria e do espectáculo da miseria alheia. Porque a sociedade presente é um ininterrompido espectáculo de miserias. Porque para aquelle que não tem outra regra moral que não seja a justiça, nem outra religião que não seja o amor, tão afflictivo é o espectáculo do que vive nos horrores da fome, do que desceu os ultimos degraus da depravação e do vicio, como do que vive mergulhado no lodo da sensualidade sordida e brutal, no lodo da opulencia conquistada e na exploração do proletario, no desprezo cynico de tudo o que é grande, generoso e bom.

Depois, o nosso tempo tem um meio particular de fazer sentir os seus males: tem o petroleo e a dynamite e as barricadas, tem todo esse machinismo das revoluções que a todos aterrorisa e a todos faz meditar, aos mais rebeldes a comprehender as necessidades do progresso e ordem da sociedade, como aos mais surdos a ouvir os gritos da desgraça. De fórma que o pessimismo e as revoluções politicas e sociaes, posto que em campos differentes e com differente extensão e alcance, podem sem grande inexactidão julgar-se manifestações d'um mesmo mal, a desaggregação, a dissolução da sociedade.

O politico e o estadista, aquelles que perante

a sociedade mais directamente contrahiram maiores responsabilidades, são levados a procurar um meio pratico de aniquilar as maiores causas da perturbação. Ao que no mundo das idéas dá pasto abundante ás cogitações dos philosophos e homens de letras, corresponde no mundo politico um problema da maior importancia.

Esse problema, por isso que se impõe d'uma maneira desconhecida na historia, começou já a ter soluções passageiras que, se conseguem minorar a gravidade do mal, não são todavia de natureza a extingui-lo completamente, nem certamente o poderão extinguir tão cedo. Mesmo suppondo estudada e conhecida a origem da doença e o seu remedio, restava ainda alcançar o consentimento do enfermo; restava ainda fazer desaparecer toda a série de prejuizos aceites, fazer a revolução nas idéas e no espirito publico, sem a qual seria ephemera toda a revolução nas instituições.

Felizmente as duas revoluções caminham rapidas e *pari passu* e este livro de Montague mais uma vez me vem lembrar quanto estamos longe da *Liberdade* de Stuart Mill. E não é caso unico. Os trabalhos de politica e economia social, publicados nos ultimos dez annos, combatendo a doutrina da liberdade negativa, constituiriam já uma vastissima bibliotheca.

Da segunda, da revolução nas instituições, cada dia temos exemplos nas leis que emanam dos parlamentos da Europa. Que o digam Gladstone, Bismarck e Salisbury, e as leis sobre as associações de soccorros, sobre os invalidos e os enfermos, sobre as horas de trabalho nas fabricas e sobre o trabalho dos menores, sobre as habitações de operarios, e a célebre, a famosa lei agraria da Irlanda que é, sem duvida, um dos golpes mais fundos na tão gabada liberdade dos contractos. Convencidos pelo estudo e influencia dos publicistas, ou forçados pelas imposições da revolução, os estadistas « abandonaram em silencio os principios do *laissez-faire* e da liberdade individual, para adoptarem os principios da acção commum pelo bem publico. »

Reformam-se as instituições e reforma-se o espirito e a doutrina em que se fundavam as instituições passadas; e pois que as doutrinas da revolução franceza, as doutrinas do liberalismo individualista, mentiram completamente ás suas promessas, torna-se necessario investigar quaes foram os seus erros e procurar ao mesmo tempo á sociedade uma nova base mais conforme com as leis da historia e com as leis da sua vida real.

Demolir todo o antigo edificio para levantar um outro em seu lugar, é tarefa em que estão empenhados homens d'uma capacidade superior,

cujos trabalhos, ha pouco indecisos esboços, já agora nos vão apparecendo nitidos e claros, e cada vez mais praticos. Do numero d'estes é o livro de Montague e, sem poder seguil-o em todas as suas linhas principaes, apontarei muito resumidamente dois ou tres dos erros mais salientes d'esse individualismo funesto, causa principal e quasi unica do estado da actual dissolução da sociedade. Funesto, muito funesto; porque, embora a vida da liberdade e da livre concorrência fomentasse — ou não embaraçasse — este prodigioso desenvolvimento da riqueza, ella « é nem mais nem menos que a vida de sujeição aos mais grosseiros instinctos que crescem no seu escravo mais rapidamente que elle pôde satisfazel-os; instinctos cujo inteiro dominio é fatal a tudo o que no homem ha de bondade, generosidade e amor. » O individualismo na politica e o materialismo na sciencia e na litteratura foram as duas origens mais importantes da nossa depressão moral.

Mas, antes de apontarmos os seus erros, vejamos quaes as idéas capitaes do individualismo.

Para os individualistas, a sociedade é uma aggregação de individuos e o seu desenvolvimento « um processo natural inconsciente ». Assim como as especies animaes melhoram e se aperfeiçoam na lucta pela vida, assim a humanidade

tambem tem seguido na sua evolução e progresso a lei de todo o mundo organico.

Demos ao individuo toda a liberdade que elle tem no estado natural, e a selecção operar-se-ha em favor dos mais habéis e dos melhores, e a sociedade ha de caminhar e progredir, porque o seu progresso e desenvolvimento é o progresso e desenvolvimento do individuo, dos membros que a compõem. « O Estado é apenas o circulo de ferro dentro de cada uma de cujas divisões cada um d'estes organismos vivos está protegido e preso »; e é um mal, porque é um meio de repressão da liberdade individual, e porque sem liberdade individual não pôde haver livre concorrência, e porque esta é o principio de todo o progresso. Reduzir ao minimo a acção do Estado é elevar ao maximo a liberdade do individuo, e é por conseguinte estabelecer a melhor garantia de progresso. Producção e distribuição da riqueza, educação e religião, bellas-artes e recreio — nada importa ao Estado. Ninguem é melhor juiz das suas necessidades que o proprio individuo e elle procurará satisfazel-as como o tigre procura a prêsa, como a planta procura a luz.

O que n'esta doutrina primeiro temos a considerar é a falsidade do methodo; é esta confusão das leis da vida e desenvolvimento animal com as leis da vida e desenvolvimento social. « O

homem pôde ser estudado debaixo de muitos pontos de vista; como poder mecanico, como composto chimico, como animal vivo, como natureza espiritual. O que estuda a politica, considera o homem como um sêr social, desenvolvendo a sociedade e desenvolvido pela sociedade.» Abstrahindo o individuo da sociedade e de todas as relações com os outros individuos «por fim nada nos fica do individuo. Abstrahindo a sociedade de todas estas relações, reduzimos a sociedade a uma multidão não social. Por conseguinte, para comprehendermos ou a sociedade ou o individuo, o Estado ou o cidadão, precisamos conhecer, não uma pessoa, não uma multidão de pessoas, mas estas pessoas nas suas relações mutuas. Quer dizer: precisamos investigar a sua religião, a sua arte, a sua litteratura, a sua sciência, as suas leis, o seu governo, os seus systemas de producção e os principios de distribuição da riqueza, a sua linguagem, costumes, modas, opiniões e divertimentos. Isto constitue a sociedade. Estes são os seus attributos, o seu character, a sua vida, a sua substancia.» Este é o primeiro erro do individualismo, um erro de methodo, um erro fundamental que inevitavelmente o havia de levar a conclusões absurdas. Considerou o homem e a sociedade no seu desenvolvimento animal, quando os devia considerar nas suas relações sociaes,

e consequentemente applicou ao estudo d'ambos, os methodos das sciencias naturaes.

O individuo, sêr social, estuda-se na historia, no que foi ; e na sociedade, no que é. Como o naturalista estuda o animal na sua anatomia e physiologia e na sua evolução, na sua vida, relações e desenvolvimento de todos os seus membros e de todas as suas funcções, o que estuda politica, estuda a sociedade tal qual é, tal qual foi, tal qual vive, estuda a sociedade na vida e relações presentes, no desenvolvimento historico de todos os seus órgãos e de todas as suas funcções.

Desaggregando aquillo que era inseparavel, considerando o individuo fóra das suas relações com os outros individuos, quando estas mesmas relações constituem a sua substancia como sêr social, a theoria individualista punha de parte o primeiro elemento de estudo e partia d'uma falsa abstracção, que necessariamente havia de produzir todas as desgraçadas consequencias praticas que realmente produziu.

« Póde alguém objectar que nas outras sciencias, como em physiologia, o methodo censurado aqui se tem mostrado maravilhoso e fecundo. Com effeito, com o fim de os estudar, o physiologista separa tecidos e cellulas que não podem viver fóra do corpo que formam. Mas o physio-

logista não imagina que estudando estas cellulas e tecidos isolados, póde comprehender as suas funções e a vida de todo o corpo. Porque conhece o todo é que póde com proveito conhecer as partes. »

« Confundindo as condições da vida social com as condições do crescimento animal », o individualismo devia conduzir-nos a um falso principio d'acção e a uma falsa noção do progresso, ambas consequencias do methodo que adoptára. Procurava uma lei moral, encontrou uma lei physico-natural. Considerando o individuo na sua vida animal, não viu a acção da sociedade sobre elle, nem viu tão pouco que elle era apenas uma parte d'esta, com a qual formava um corpo e ao desenvolvimento da qual estava subordinado o seu proprio desenvolvimento. Por isso e porque desprezava os ensinamentos da evolução historica, concluiu erradamente que a sociedade era uma associação industrial cuja lei de progresso era a concorrência na lucta pela vida; quando « a cooperação e não a concorrência é o verdadeiro principio da vida social »; quando « a sympathia é a base de toda a acção commum; e é pelo esforço commum de todos para attingir os fins que todos desejam, que a sociedade chega a sentir a sua propria unidade, a ter uma alma como tem um corpo, a ser capaz de progresso

racional e a passar da esphera da sciencia natural á da sciencia moral. » Porque « a nossa civilisação é o resultado não só do appetite, mas tambem do ascetismo; não só da propria defeza, mas tambem da abnegação; não só do instinctivo desejo de viver, mas do razoavel desprezo da vida; não só do impulso a esmagar todos os que, ou se atravessam no nosso caminho, ou concorrem connosco nas nossas diligencias, ou nos privam de proveito ou prazer; mas tambem do desejo de levantar os que cahiram, de alliviar a dôr, de remediar o mal, de minorar o remorso, de dar luz ao cego, saude ao enfermo, e consolação aos que estão opprimidos e nada teem que os conforte. »

Não que a sociedade na sua origem não fosse uma organização, quasi tão natural como a organização d'um animal ou d'uma planta. Não que « em caso algum o homem ou a sociedade se tornem inteiramente conscientes. Muitas acções continuam sempre inconscientes, instinctivas, automaticas. A vida meramente physica da sociedade nunca se aniquila. » Mas no individuo, como na sociedade, todo o progresso consiste na elevação gradual da vida instinctiva e inconsciente para a vida reflectida e consciente, no dominio e sujeição dos appetites e forças da natureza ás determinações da vontade, sujeita esta ás nossas

aspirações ideaes que, posto que em parte alguma realisadas, não deixam por isso de ser a medida por que aferimos e regulamos todo o progresso real.

« Como Aristoteles disse ha tantos seculos, a sociedade tem a sua origem no desejo de viver, mas tem a sua continuação no desejo de viver bem. A natureza, dentro e fóra de nós, esforça-se sempre por seguir o seu caminho; e nós temos de a dominar o melhor que podemos. Só o podemos fazer oppondo aos seus prodigiosos recursos a força organizada da nossa vontade e intelligencia collectivas. Estas, quando organisadas, constituem o Estado. » E d'aqui todos os principios que justificam e regulam a acção do Estado.

O Estado não é portanto uma entidade inteiramente passiva como o quer o individualismo. « A sociedade moral e racional, o Estado, sabe o que é e o que são os cidadãos. Conhece o dever de fazer o que póde pela sua prosperidade »; representa a alma nacional, a razão collectiva, o espirito publico, a tradição secular. É a sua expressão concreta.

Agora, posta a questão n'estes termos e considerando o Estado como entidade activa, é-nos facil prevêr as conclusões que derivam d'este principio. É-nos facil prevêr como e em nome de quem vae intervir na producção e distribuição

da riqueza, na educação, etc. E n'esta nova concepção do Estado reside o principio capital e mais fecundo do socialismo contemporaneo.

Fecundo, porque no campo especulativo nos permite dar harmonia e unidade ao corpo social; fecundo principalmente em consequencias praticas, porque sancionando a intervenção do Estado na distribuição da riqueza e do saber, e subordinando-a uma lei moral — a justiça — faz d'elle o propulsor racional e consciente do progresso.

É singular a maneira por que presentemente se vai transformando o espirito individualista. Assim, vemos ao mesmo tempo advogar em politica a liberdade negativa tal qual a espalhou a revolução franceza, e em economia social defender o socialismo tal qual o criaram as necessidades sociaes do nosso tempo.

Pois o socialismo, propondo-se operar na sociedade uma melhor distribuição da riqueza e invocando em seu favor os principios da justiça, não restringiu por consequencia a liberdade d'acção de cada um? E se esta doutrina era verdadeira quanto á distribuição da riqueza, porque o não seria tambem em relação á educação e a tudo o mais? Mas n'este ponto não é só modernamente, n'esta época de transição, que encontro contradicções d'este genero.

Nos melhores dias da theoria individualista, esta recuou perante as suas ultimas consequencias, e, a não ser em espiritos em que o arrojo corria parellas com a completa ausencia do senso pratico, nunca o individualismo deixou de pedir e apoiar a existencia do Estado como mantenedor da ordem: confusão curiosa em que tomava como unica função do Estado aquella que é de todas a mais importante!

De todas as consequencias do socialismo, uma d'aquellas que mais assusta os espiritos educados sob a influencia dos principios e instituições individualistas, é a intervenção do Estado na liberdade d'acção e na liberdade de discussão sobretudo.

Da primeira, da intervenção na liberdade d'acção, ninguém receia tanto. Afinal o individualismo nunca pôde supprimir o Estado, e embora levasse a sociedade a um elevado grau de pulverisação molecular, nunca pôde reduzir os laços sociaes áquella tenuidade que nos teria transportado a um estado verdadeiramente primitivo. Mas ainda n'este ponto a opinião, em geral, está longe de comprehender até que ponto pôde chegar a intervenção do Estado; porque é preciso considerar que « toda a acção, posto que na sua origem diga unicamente respeito ao individuo, é social nos seus resultados. »

Mas a segunda, a liberdade de discussão, é uma especie de dogma. Sem ella, não se concebe como possa haver progresso intellectual na humanidade.

Lembrarei todavia que não vejo como razoavelmente se possa separar a liberdade de acção da liberdade de discussão, como se possam esquecer as reacções mutuas do pensamento e da acção. Uma está indissolivelmente ligada á outra, e por conseguinte a intervenção do Estado é em ambas igualmente legitima. « A questão capital é esta : attingiremos melhor o nosso ideal concedendo a cada individuo a extrema liberdade compativel com a existencia da sociedade civil? No caso negativo, não devemos ter escrupulo na repressão, usando-a naturalmente com inteiro conhecimento da responsabilidade que nos impõe, e das circumstancias do seu exercicio. »

« A sociedade existe apenas n'uma combinação proporcionada de repressão e licença. Onde o individuo não tem escolha alguma nas suas acções, não póde haver sociedade ; porque, onde não ha vontade individual, não ha vontade common : onde o individuo é livre de fazer quanto lhe apraz, não ha sociedade, porque não póde haver organização. »

Todavia, por este lado, pelo que respeita á liberdade de discussão, nunca o cidadão póde te-

mer muito da repressão do Estado, porque com a descoberta da imprensa e com os meios de publicidade que hoje existem, a vigilância torna-se quasi impossivel.

O que me parece muito contestavel é a supposta vantagem d'uma extrema liberdade de discussão sobre o desenvolvimento moral e intellectual do individuo.

Eu não sei se como principio d'acção vale mais uma cega obediencia do que um estado de espirito em que tudo está sujeito a discussão. Na sociedade como no individuo, uma prolongada discussão acaba sempre por um estado de duvida permanente, e acaba consequentemente por enervar toda a acção. Ninguém espere energia na acção que não seja fundada no ardor da fé ou na firmeza de convicções.

Sem duvida, a liberdade de discussão accelera o derramamento da instrucção e póde em muitos casos — em muitos casos, mas nem sempre — esclarecer as questões obscuras; mas «as maiores probabilidades de nos aperfeiçoarmos não consistem tanto em descobrir novas maximas, como em levantar a pratica ao nivel das que já conhecemos.»

E depois queremos seguir na educação da sociedade aquillo que repudiamos na educação do individuo, pois todos sabemos, e é opinião dos

publicistas e educadores mais competentes e afamados, que « as creanças não podem ser educadas, sem aprenderem a obedecer a muita lei moral que não podem criticar. » Podemos mesmo dizer que toda a educação moral consiste principalmente em obrigar a creança a obedecer a certas maximas, cuja pratica pouco a pouco se converte em habito.

E porque não será o mesmo para a sociedade? Que motivos póde haver para que o Estado tenha, para actuar na educação da sociedade, outros meios que não sejam aquelles que temos para formar o character do individuo?

Muito ha que aprender no livro de Montague sobre a liberdade de discussão. Por agora bastanos lembrar que, perante os interesses da sociedade, a repressão da liberdade de accção e da liberdade de discussão são igualmente legitimas e seja-nos licito pôr em duvida os tão afamados beneficios d'uma extrema liberdade de discussão sobre a intelligencia e o character do individuo.

Este é sempre o ultimo refugio dos individualistas — o interesse do individuo, os beneficios da liberdade sobre o seu desenvolvimento, o perigo da absorpção do individuo pelo Estado. E, entretanto, toda a vida da sociedade presente está protestando contra tal doutrina. « A Allemanha póde ainda gabar-se de duas ou tres indivi-

dualidades extraordinarias; os Estados-Unidos não podem mostrar uma só. »

Tudo provém do erro inicial, da maneira de considerar o individuo fóra das suas relações sociaes, quando « todo o homem deve o seu caracter á sociedade. Quanto mais complexa a sociedade fôr, mais desenvolvido será o seu caracter. Quanto mais a sociedade exige d'elle, mais nobre é o seu caracter. Quando mais unida a sociedade, mais forte é o seu caracter. E desde que o desenvolvimento, energia e elevação de caracter constituem tudo o que significamos por individualidade, quando usamos esta palavra no seu verdadeiro sentido, segue-se que quanto mais perfeito o individuo, tanto mais deve á sociedade. » « Não é por conseguinte reduzindo ao minimo a influencia da sociedade sobre os seus membros, que fariamos mais para multiplicar os caracteres vigorosos, perfeitos e equilibrados. »

Muito ao avêssio do que nos promettia o individualismo, a nossa época não só não é notavel pelos grandes caracteres, mas é uma época em que a depravação moral tem lançado raizes profundissimas em todas as classes.

A meu vêr, tem-se insistido pouco na influencia que o predomínio do individualismo tem tido n'este resultado, posto que amiudadas vezes tenha sido apontado.

É verdade que a vulgarisação das sciencias naturaes e todo o materialismo de que estão eivadas, tiveram n'isso grande parte. É verdade tambem que o prodigioso e inevitavel desenvolvimento economico que deriva do desenvolvimento scientifico, é tambem uma causa importante de depressão moral pelas mudanças que operou na vida externa e que infelizmente foram tão conformes com a mudança nas idéas. « Vivendo em enormes cidades e mudando constantemente de residencia, nenhuns laços creamos, em parte alguma lançamos raizes: temos nenhuns dependentes e poucos amigos. » Mas o individualismo, repudiando todos os laços de solidariedade social, fomentando a desobediencia a toda a lei moral, tornou effectiva no governo das sociedades a anarchia das idéas e a dissolução do character.

« A nossa época viu a dissolução da sociedade e o triumpho do materialismo. Sentiu as suas consequencias na degradação do individuo. Mas uma nova ordem social cresce das necessidades da natureza humana » e esperamos que « aquelles que uma vez apreciaram a extrema estreiteza de relações entre o individuo e a sociedade, não tentarão em politica separar a vida social da vida individual mais do que em physiologia tentariam separar a vida do cerebro ou do estomago da vida do corpo. »

*

* *

Eu commetteria a maior das injustiças se terminasse esta noticia sem me referir á fôrma admiravel que F. Montague soube dar ao seu trabalho.

D'ordinario, as obras em que predominam abstracções e theorias quasi se reduzem a um quadro schematico mais ou menos desenvolvido, mas sempre sem relevo, sem movimento, sem vida, com muito pouca luz.

Montague, com incomparavel habilidade, tem a rara virtude de nos apresentar questões muito geraes de philosophia politica, sob uma fôrma particular e concreta, sempre elegante e clara, por vezes eloquente. Sabe dar corpo ao que nas mãos d'outro é um esqueleto e nada mais.

Assim, este livro que pela doutrina está a par dos de Tocqueville e Stuart Mill, pela fôrma é um verdadeiro regalo para o professor e para o estudante capaz de sentir as bellezas do seu estylo.

ASSOCIAÇÃO E CONCORRENCIA

bibRIA

bibRIA

ASSOCIAÇÃO E CONCORRENCIA ¹

1

QUANDO a sciencia e a erudição tiverem reunido todos os materiaes que agora vão extrahindo pacientemente do fundo das cavernas e do arcanos da natureza, quando nos fôr possível vêr claro nas sombras do passado de todo o mundo vivo e reconstruir o seu desenvolvimento, a historia do homem ha de alargar-se e completar-se, e poderemos então julgar das multiplices relações que crearam a civilisação contemporanea. Entretanto, se a historia da humanidade é rica em documentos que nos fallem da luta entre os ho-

¹ *Conquête du monde animal*, par Louis Bourdeau. Paris : F. Alcan, 1885.

mens, dos caprichos dos imperadores e das paixões dos povos, dos odios e rivalidades de nação e de raça, não é ainda igualmente rica em documentos que semelhantemente nos fallem da luta do homem com todos os outros seres vivos da criação, luta mesquinha só na apparencia, pois que no fundo representa a conquista e o imperio do mundo.

Foi preciso que a archeologia fosse explorar os kicekken-mœddings da Dinamarca e as cidades lacustres da Suissa; foi preciso que os progressos das sciencias naturaes e as doutrinas evolucionistas nos levassem a procurar as origens e transformações da criação, para que abrissemos na historia este novo capitulo que trata da acção dos animaes e das plantas no desenvolvimento das civilisações humanas.

Os estudos d'esta natureza começam apenas, e só lentamente se poderão desenvolver; teem de esperar que os differentes ramos do saber descubram e esclareçam os factos peculiares á esphera de cada um, para depois os relacionarem e deduzirem com segurança as leis geraes que os dominam. Mas por isso mesmo que entram em campo inexplorado, da propria novidade tiram interesse independente d'aquelle que lhes pôde advir da certeza e importancia das verdades que revelam.

Ainda ha pouco um naturalista eminente, Alphonse de Candolle, cotejando os factos averiguados da distribuição das especies vegetaes com as indicações da philologia, da paleontologia e da historia, mostrou-nos n'um livro muito conhecido as origens e transformações das plantas cultivadas. Bourdeau conta-nos agora a historia dos animaes domesticos, a acção que o homem exerceu sobre elles e reciprocamente a maneira por que elles influiram no desenvolvimento da humanidade.

Ha todavia uma certa differença entre os dois trabalhos, porquanto A. de Candolle conta-nos simplesmente as origens, emigrações e vicissitudes por que tem passado as plantas cultivadas, e Bourdeau, procedendo a identico estudo para os animaes domesticos, trata parallelamente das mutuas relações entre os homens e os animaes. Mas ambos tem uma parte commum; ambos nos dão longa base para determinar as phases da civilisação humana, considerada nas suas relações com o que chamarei as phases da civilisação vegetal e animal, pois me parece que, sem grande impropriedade, a tudo poderemos attribuir o mesmo termo.

O desenvolvimento é consciente no homem, inconsciente nos animaes e nas plantas: n'estes as transformações são determinadas conjuntamen-

te pelas forças naturaes e pela acção do homem, independentemente da vontade dos sêres modificados; no homem a civilisação é ao mesmo tempo producto da sua vontade e das forças naturaes: mas para todos ha um facto commum, — o crescimento gradual da sua capacidade e forças através de gerações successivas. Entre o homem primitivo e o homem contemporaneo, entre o presente e o passado, e na evolução que conduziu d'um a outro estado, ha differenças e transformações em tudo semelhantes áquellas que existem entre o cão e o chacal, especie originaria, entre a acelga dos nossos campos e a beterraba que d'ella se tirou ha pouco ainda, seis seculos antes da era christã.

O livro de Bourdeau está dividido em duas partes; a primeira trata da exploração dos animaes selvagens, a segunda da exploração dos animaes domesticos.

Esta simples divisão inicia o espirito do leitor nas duas grandes phases capitaes da longa elaboração da civilisação humana. E é interessante vêr como da bestialidade e timidez primitivas o homem se vai levantando lentamente até chegar a este ponto em que na criação reclama para si um logar á parte, em que quasi o offende o reconhecimento da comunidade de origem com os animaes inferiores.

Na extrema miseria e na extrema fraqueza primitivas, mal se atreve a estender a mão ao que encontra ao seu alcance. Errante, inerte e nú, vai timidamente em busca dos animaes indefezos, sem coragem para atacar ainda os mais fracos. « Uma existencia vagabunda, um estado social limitado ás mais estreitas relações de familia, abrigos temporarios, uma nudez bestial e a ignorancia das industrias mais simples, tal foi a condição da humanidade nascēte. »

Entretanto, com as transformações por que ia passando o globo terrestre, surgiam novas necessidades de subsistencia e o homem começava a tomar consciencia da sua força. Era preciso deixar a preguiça de ha pouco, combater, lutar, substituir uma phase de actividade á quasi absoluta passividade que, no primeiro periodo da sua existencia, o trazia á mercê do acaso. Hontem, tudo lhe servia, o gafanhoto mais insignificante como o caracol mais immundo; feliz se tinha que comer: hoje vai entrar em guerra viva com as grandes especies animaes. É a época da caça e da pesca, época de luta sangrenta e sem repouso, mas em que a grandeza do genero humano começa a mostrar-se n'esta força prodigiosa, semi-divina com que vai avassallando o mundo inteiro. Lutar, lutar sem descanso era então a condição de toda a humanidade; lutar pela pos-

se da prêsas com que havia de se alimentar, lutar na exterminação d'aquelles que lh'a disputavam, quando tambem por sua vez não faziam do homem sua prêsas.

De lucta sem repouso? Não, não disse bem. Já por vezes a prêsas era tamanha que permittia um momento de descanso. E n'essas horas de torpor da sensualidade satisfeita, o homem, cansado e farto, aprendeu a agasalhar-se com a pelle da renna que devorára, e cubiou as côres vivas das pennas da ave que jazia morta a seu lado.

Como estamos longe da infancia da humanidade e da sua mesquinhez primitiva! Alli um animal errante, n.º. preguiçoso e tímido; aqui o germinar de todas as qualidades humanas, a coragem no ataque da prêsas e na defeza da cabana, a industria nascente no grosseiro agasalho de pelles de veado, o vestuario tradicional do caçador, e as primeiras necessidades estheticas no adorno com os despojos da prêsas. «A substituição do regime da caça ao regime da busca foi a primeira e não a menos importante das grandes revoluções da historia. Por isto só, o homem sahiu do estado animal ou natural para inaugurar uma phase de civilisação rudimentar denominada estado selvagem, que necessariamente era preciso atravessar para alcançar progressos ultteriores.

Modos de actividade, genero de vida, recursos disponiveis, tudo se transforma e se renova n'esta idade.»

No labutar constante o homem aprendia a ser providente e a guardar para ámanhã o que lhe sobejava da refeição de hoje. Livrava-se da canceira de novos esforços e das contingencias do acaso. D'aqui nasceu o regime pastoril: porque o homem via que a prêsa que guardava para os dias de fome, crescia e se reproduzia captiva, instinctivamente concluiu que teria mais bem assegurada a sua subsistencia guardando a ovelha para lhe beber o leite e comer os cordeiros do que correndo cada dia o perigo de novas conquistas. « Por muito tempo os animaes domesticos foram uma simples reserva de prêsas a que se recorria, com o risco de a esgotar, logo que d'isso havia necessidade. »

Este foi o primeiro facto que induziu o homem a associar-se aos animaes — a necessidade de melhor e mais seguramente provêr á sua subsistencia. « Para os povos barbaros a posse das pastagens é o motivo principal de guerra como a dos cantões de caça para os povos selvagens. »

Mas n'esta guerra de exterminio não combatia só, não tinha só inimigos, tinha tambem allia-dos; encontrava tambem animaes que, como o homem, perseguiam a mesma fera e buscavam a

mesma prêsa: e d'este e do facto precedente, das necessidades de mutua protecção na lucta e da necessidade de formar uma reserva de subsistencia nasceram as primeiras associações entre o homem e os animaes.

A caça, outr'ora a occupação necessaria de todo o homem válido, depois «o mais vivo prazer da nobreza feudal e a sua principal occupação em tempos de paz», dava agora logar ao regime pastoril, que por sua vez deu logar ao regime agricola, até que em nossos tempos se converteu em simples passatempo.

D'aqui á inteira pacificação de todo o mundo animal do globo terrestre o caminho é facil; e, se á nossa época não foi dado vê-la, foi-lhe ao menos permittido esperar épocas futuras d'uma paz absoluta e affiançar sem receio que é este rumo das sociedades.

Passo em claro todas as transições mais ou menos rapidas, que trouxeram as relações do homem com as outras especies animaes ao estado em que hoje as vêmos, e quero só apontar algumas das idéas mais geraes e fecundas em consequencias praticas, que se deduzem d'estes estudos.

II

O primeiro ponto que mais evidentemente se apresenta á nossa consideração é o prodigioso augmento de riqueza, resultante da domesticação. «O que cada anno tiramos dos nossos animaes domesticos, sob a fórma de productos ou de serviços, é difficil de avaliar na sua totalidade, mas constitue certamente o nosso principal elemento de riqueza.»

Produção da carne e outras substancias animaes que entram na alimentação, lãs, pelles e todos os demais productos da mesma origem que a industria aproveita e transforma, serviços que vieram substituir o trabalho humano, adubos e toda a fertilidade que d'elles deriva — por muito de leve que consideremos todos estes elementos de riqueza e recordemos quanto escasseavam nos tempos primitivos e abundam presentemente, chegaremos facilmente a descobrir os resultados economicos da domesticação. Reconheceu-os toda a antiguidade, como nós os reconhecemos agora. Todas as religiões antigas impõem o respeito dos animaes domesticos. «Na Grecia homerica em que a riqueza consistia sobretudo em

gado, não se comiam vitellas nem cordeiros, para não prejudicar a sua multiplicação, e este mesmo motivo fazia que muito tempo depois os imperadores byzantinos prohibissem a carne de bezerro. Uma lei d'Athenas prohibiu matar o boi que tinha tirado a charrua, tornado augusto e como sagrado por uma funcção tão util. »

A nossa lingua ainda agora conserva vestigios do papel economico que o gado representou na antiguidade, v. g. «pecuniario» de *pecus* «rupia», moeda da India, de *rûpa*, gado. Da sua importancia presente dizem os factos mais vulgares e principalmente a historia das colonias europeas.

Menos geralmente reconhecida mas nem por isso menos real é a acção da domesticação no desenvolvimento intellectual e moral do homem e dos animaes.

A civilisação é contagiosa e, á volta do homem e sob a sua poderosa influencia alarga-se e propaga-se, dentro e fóra da sua especie.

« Ha para os animaes submettidos ao regime da domesticidade uma civilisação verdadeira, embora emprestada, que é a resultante da nossa e lhe segue de longe os progressos. Entre o homem que se civilisa e o animal que melhora, observa-se uma correspondencia exacta, uma evolução parallela. Tal senhor, tal servo. »

«Seria facil mostrar quanto a condição dos animaes é mais feliz sob o regime da domesticidade, não obstante a sujeição que lhes impõe, do que sob o regime da selvageria natural. Só porque passam para o dominio d'um senhor intelligente e humano, melhoram a sua sorte. Tem menos privações, a soffrer, menos acasos a temer. O homem, tomando por elles quasi tanto cuidado como por si, faz-lhes participar d'este largo bem-estar que sabe conquistar pela sua industria. Leva-os a pastagens abundantes, mostra-se providente para elles que o não são, prepara-lhes provisões para o inverno e nutre-os em todo o tempo com abundancia. Para os abrigar das intemperies, constrõe-lhes habitações bem superiores aos seus covis e cavernas. Protege-os contra os seus inimigos e defende-os melhor do que elles sós se poderiam defender. Trata-os na doença, n'uma palavra, procura prevenir todas as suas necessidades e vigia com constante solicitude que nada lhes falte. Entre elles e nós ha pois mutualidade de bons officios e devemos servir-os para sermos bem servidos por elles. Se fossem capazes de raciocinar poderiam, como o ganso de Montaigne, sustentar com validos argumentos que o mundo foi creado para elles e que o destino do homem é trabalhar pelo seu bem-estar.»

Exploramol-os, sacrificamol-os ás nossas ne-

cessidades e muitas vezes aos nossos caprichos, e, protegendo-os, protegemos apenas os nossos interesses? Que suave lhes deve parecer a nossa tyrannia perante as contingencias do acaso e a avidez cruel das especies inimigas! «Victimas predestinadas sob todos os regimes, prefeririam certamente, se lhes fosse dado escolher, morrer ás mãos do homem que procura evitar-lhes a dôr, do que serem despedaçados pelos dentes e pelas garras das feras que os devoram vivos.»

Depois, esta acção do homem sobre os animaes, acção duplamente benefica, que lhes modera os instinctos selvagens, ao mesmo tempo que lhes assegura protecção e defeza, esta acção do homem que lhes avoluma os musculos e lhes traz habitos de doçura, reage tambem sobre nós por um lado differente da simples vantagem economica. O espirito humano tem uma indestructivel unidade e os habitos de crueza para os animaes são, em regra, companheiros dos habitos de crueza entre os homens. A necessidade de perseguir e matar lança para longe toda a repugnancia do sangue, e, o que é mais, constitue uma fórmula de actividade tão frequente que afinal se torna um prazer, que indistinctamente procura satisfazer-se.

O estudo das relações do homem com o mun-

do animal não se resolve apenas em vantagens de toda a especie ; é também dominado por uma lei que, em meu juízo, é a sua melhor e mais elevada lição.

Tenho ouvido apregoar que na terra tudo é luta, tudo é combate de indomaveis, indestructiveis egoismos, e que, sob apparencias de justiça e doçura, os homens se devoram entre si como as feras. Foi uma idéa que o darwinismo lançou na circulação, esta da concorrência vital. A lei é verdadeira ; mas é unica a governar o mundo ? Pois parallelamente não é elle regido por outras leis ? E as leis da associação ?

Eu peço aquelles que me lêrem que considerem um momento as transformações por que teem passado as relações do homem com o mundo animal ; que considerem a aspereza da luta primitiva, o isolamento de cada especie, senão mesmo de cada individuo, e que observem em seguida como na passagem do regime da caça ao regime pastoril, e d'este ao regime agricola, hoje dominante, tudo se resume na maior extensão que tomam os principios da associação com prejuizo dos principios da concorrência : e pergunto se, em face d'esta ordem de factos, não é muito legitimo concluir — que nas relações do homem com todo o mundo animal o predominio das leis da associação substitue gradual e successivamente

o primitivo dominio exclusivo da lei da concorrência vital.

Mas a associação supõe a luta; pois não é a comunidade de interesses na luta que determina a associação? Sem duvida, esta foi a sua origem; mas, na evolução das sociedades, os principios da associação tomaram tal extensão e desenvolvimento, uniram tão intimamente todo o mundo vivo, por tal fórma tornaram solidarios e subordinados os seus interesses que a luta pela vida quasi se amesquinhou, ou se levantou, á simples luta com o mundo inorganico.

Vai n'este pensamento a resposta áquelles que, invocando injustamente as leis das sciencias naturaes e só vendo no mundo uma luta sem fim, pretendem em nome d'um falso principio de progresso transportar as sociedades humanas á selvageria dos tempos primitivos.

E n'esta aspiração a um futuro de paz completa e a absoluta justiça eu vejo tambem os melhores titulos da dignidade humana.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO

DA

COLONISAÇÃO CIENTÍFICA

bibRIA

bibRIA

INTRODUÇÃO AO ESTUDO

DA

COLONISAÇÃO SCIENTIFICA

Necessidade do estudo dos principios scientificos da colonisação. —

A colonisação é a reproducção social. — Consequencias. — Creação, educação e emancipação das colonias.

Os interesses da politica e do commercio, a necessidade de prender a attenção publica a empresas longinquoas, distrahindo-a das questões internas que poderiam ser causa de perturbação senão mesmo de morte para os governos estabelecidos, a necessidade de abrir novos mercados aos productos da industria europêa e de procurar novos campos de exploração agricola teem chamado a attenção de todos os estadistas para o que outr'ora foi privilegio de tres ou quatro nações.

¹. *La colonisation scientifique* par M. le Dr. A. Bordier.
Paris: C. Reinwald, 1884.

As circumstancias que derivam da propria natureza das sociedades e do grau que attingiu a civilisação contemporanea, acrescemos as que advem das recentes viagens e explorações scientificas no interior da Africa. As riquezas descobertas por Livingstone, Stanley, Brazza, Serpa Pinto, Capello e Ivens, para só fallarmos de viajantes e exploradores mais vulgarmente conhecidos, vieram ainda estimular as ambições originadas nas necessidades de expansão das raças da velha Europa, na concorrência e rivalidades de suas nações e no rapido desenvolvimento do seu commercio e industria.

Dado portanto o crescimento que a colonisação tem tomado n'este seculo e a importancia que n'este momento tem na politica e governação dos estados, indispensavel se torna dirigil-a d'uma maneira scientifica, sem o que seriam ephemerass todas as tentativas e perdidos todos os esforços e capitaes n'ellas dispendidos.

Convém primeiro determinar o sentido que damos aqui á palavra colonias, que de fórma alguma pôde significar a conquista tal qual se praticava nos seculos passados.

Emquanto esta, dando largas ao espirito de aventura, procurava apenas apossar-se da riqueza produzida, avassallar os paizes de além-mar, sobrecarregando-os de tributos que vinham en-

grossar o thesouro da metropole e alimentar a ociosidade e sinecuras dos governantes d'então, sem cuidar saber se, com as riquezas que trazia, destruiu as suas proprias fontes, sem tratar de estabelecer relações commerciaes seguidas e duradouras entre o paiz vassallo e o paiz soberano, permutando os seus productos e fomentando assim o desenvolvimento da riqueza de ambos; a colonisação busca novos paizes, para os quaes possa encaminhar o excesso de população, de capitães e de productos da industria que com proveito se não puderam empregar no paiz da sua origem.

D'aqui podemos já estabelecer uma primeira divisão das colonias, conforme se procura a collocação da população ou dos productos disponiveis: — colonias agricolas e colonias de commercio.

Não é ainda a estas ultimas que no presente estudo me refiro; é unicamente ás primeiras. Não que as colonias de commercio não sejam tambem uma forma de reproducção social; mas as suas relações com a metropole são tão intimas, por tal forma lhes anda ligado o seu progresso e desenvolvimento, é tão pouco estavel a sua população europêa e tão lenta e tão pequena, de ordinario, a sua reproducção, que mais podem ser consideradas uma dependencia da metropole que um organismo novo, destinado a viver dos

seus proprios recursos, emancipado e independente.

Porisso, quando fallo de colonisação, me refiro mais propriamente ás colonias agricolas. E digo mais propriamente e não unicamente, porque, em regra, onde se desenvolve uma colonia agricola logo se desenvolve tambem uma colonia de commercio; o que não envolve que seja verdadeira a reciproca, e que onde se desenvolve uma colonia de commercio se desenvolva tambem uma colonia agricola. Desde que a producção seja superior ás necessidades do consumo, claro está, a colonia tem de procurar aos seus productos collocação entre estranhos, que em troca lhe enviarão aquillo de que carece e que não produz; fórma-se então, ao lado da colonia agricola, uma colonia de commercio. Mas esta, como acima procurei indical-a, não busca as mais das vezes substituir o trabalho europeu ao trabalho indigena; vai levar os productos da metropole, em troca dos productos do paiz, em cuja producção não intervem nem directa nem indirectamente.

Bem vejo que a esta, como a todas as classificações, faltam limites bem definidos; mas ainda assim, imperfeita como é, permite-nos todavia precisar melhor o pensamento que nos guia.

Talvez se tenha abusado muito da analogia entre a organização e funcções do individuo e a

organisação e funcções das sociedades ; talvez seja incompleta, talvez radicalmente falsa.

O que é certo é que ella nos presta muito importante auxilio na systematisação das idéas, tornando bem evidentes as relações de phenomenos apparentemente desconnexos.

Bordier compara a colonisação na sociedade á reproducção no individuo. Estabelece assim um principio, que não será talvez baseado em idéas inteiramente verdadeiras, mas que, a meu vêr, póde com vantagem servir-nos de guia e é sem duvida fecundo em consequencias praticas.

De facto, olhando rapidamente a historia da humanidade, a colonisação apparece-nos como um phenomeno constante e normal, como uma necessidade social, exercendo-se em grandes condições muito differentes conforme as variedades de raça, de clima, de civilisação, o estado politico, economico e social, mas exercendo-se invariavelmente em todas as épocas. Presentemente assistimos a um prodigioso movimento de emigração. Só os Estados-Unidos da America, de 1819 a 1874, receberam mais de 9.500:000 europeus. A Grã-Bretanha fornece, termo médio, cada anno, 150:000 emigrantes, que vão para os Estados-Unidos, para a Australia, para a Nova-Zelandia e outras colonias britannicas ; e a Allemanha mais de 100:000 emigrantes que se espalham por

todo o mundo ¹. A França, a Suecia, a Italia, a Hespanha, Portugal e todos os demais paizes da Europa alimentam com a Grã-Bretanha e a Alemanha a poderosa corrente de emigração que vai povoar a Africa e a America, e as tão novas e tão prosperas colonias da Australia.

Excesso de população ou deficiencia das subsistencias, espirito ambicioso, e aventureiro, habitos inveterados, facilidade de transporte e frequencia das relações commerciaes, tudo pôde ser causa determinante da emigração; e, sem desconhecer a importancia scientifica e pratica de determinar a sua origem, limitar-me-hei a reconhecer a regularidade do phenomeno social emigração, e em apontar duas ou tres idéas capitales que convém ter sempre em vista, para que se exerça com utilidade e proveito. Pois é esta a missão do estadista: — estudar as leis scientificas que regem as sociedades, para na pratica as aproveitar na realisação d'um determinado fim, como o medico estuda a anatomia e a

¹ « Sans quitter l'Europe, beaucoup d'Allemands émigrent en Hongrie, en Transylvanie et en Bohême. On peut même dire que, par une lente et sourde infiltration, le niveau de leur population s'élève dans tous les États de l'Europe. » Bordier, *liv. cit.*, pag. 9.

physiologia, para em conformidade com as suas leis dirigir o tratamento do enfermo.

A colonisação é a reproducção social; a emigração o meio por que se exerce. São uma necessidade social que existiu em todos os tempos, de barbárie e de civilisação, porisso mesmo que são uma necessidade.

Mas assim como nem todo o individuo está apto para a reproducção, assim tambem nem todas as sociedades estão igualmente aptas para a colonisação. A idade, o grau de força e desenvolvimento, a densidade da população em relação aos recursos do paiz, as aptidões ethnicas, as tradições e o estado politico e economico, estas e outras circumstancias concorrentes serão o primeiro ponto a examinar quando se tente estabelecer uma colonia. Que dizer de sociedades nascentes, como a Australia ou a Nova-Zelandia, que tentassem a colonisação dos paizes visinhos? Em Portugal mesmo, apregoando-se tão alto as vantagens da colonisação africana, pensa-se bem se o paiz já está colonisado, se não seria possivel e sensato desenvolver primeiro a sua exploração, se podemos dispender os homens e os capitães que reclama a colonisação bem dirigida? São insalubres as charnecas do Alemtejo e terribes as suas febres. E a Africa está porventura em melhores condições? Sempre que o individuo re-

productor, ou pela idade, ou por doença, ou por miseria physiologica não está em condições de poder assegurar uma descendencia fecunda, vigorosa e sã, a reproducção só serve para enfraquecer os paes e lhes deprimir a sua já tão minguada actividade, produzindo uma descendencia ephemera, rachitica, esteril e miseravel.

Depois da quantidade a qualidade. Dispôr d'um grande numero de braços não basta; é mister, independentemente da capacidade de acclimação do povo colonizador, saber a que genero de industria vai ser destinada a colonia e quaes as aptidões dos colonos relativamente a essa industria. É indispensavel não esquecer que a unica industria das colonias, e ainda a de grande parte dos paizes da Europa, é a industria agricola ¹ e, com

¹ « Agriculture, the lever by which man has universally raised himself from savagery, still remains, and will ever remain, his main pursuit (of the colonial populations). At an early stage in social history a certain proportion of labour is detached from agriculture for purposes of manufacture; and as civilisation grows in intensity and complication, the proportion thus detached increases. But it is not until the production of manufactures greatly exceeds the needs and consuming powers of the producing community, and is carried on for export, that the community ranks as « manufacturing ». The most prosperous nations of Europe and Asia, and

a moderna educação profissional e com a divisão do trabalho levada ao excesso a que ultimamente se tem levado, ha industrias em que o operario, por educação e por necessidade, se inutilisou para todo o trabalho que não seja aquelle que exerce habitualmente. Nos grandes centros industriaes, um pintor, por exemplo, encarregado de trabalhos de ornamento, e ás vezes de ornamentos d'um só genero, não sabe absolutamente mais nada, e é inteiramente incapaz de fazer qualquer trabalho de pintura relativamente mais facil; basta que mudem as modas, para este homem ficar sem trabalho, na miseria. Que iria fazer a uma colonia agricola? Sujeitar-se-ia á enxada, ao trabalho dos negros? Teria forças para isso, e poderia concorrer com vantagem com os trabalhadores indigenas? Elle viveria na miseria e a colonia nada lucraria com quem só lhe podia prestar serviços de que ella não carecia, e que por consequente não tinha pedido.

Se a uns as habilitações profissionaes fecham

the United States of America, are alone in this sense « manufacturing » nations; the rest of the world, including the colonies, remains in the « agricultural » stage. » E. J. Payne, *Colonies and dependencies* (London, Mocmillan and Co., 1883), pag. 117.

todas as colonias, para outros são manancial de riqueza e abundancia. A Nova-Galles do Sul tinha, em 1868, 2:531 arpentos de vinha, produzindo 285:283 galões de vinho e 3:855 galões de aguardente; em 1877, tinha 4:457 arpentos, produzindo cerca de 800:000 galões de vinho e 3:000 de aguardente. Sem duvida, este desenvolvimento da cultura da vinha e das industrias correlativas é devido em grande parte aos sacrificios e cuidados do governo da colonia; mas a emigração dos vinhateiros francezes e allemães não teve menor parte n'este resultado. Que magnifico campo de emigração para os paizes devastados pela phylloxera! Onde se aclimata uma cultura nova, logo a colonia reclama dos paizes emigrantes um genero correspondente de colonos, a quem offerece futuro seguro e prospero.

Um genero de emigrantes que raro poderão encontrar collocação vantajosa nos paizes novos, a não ser que sejam funcionarios do governo da metropole ou da colonia, é o dos que se entregam ás profissões liberaes ¹. Prestam á socieda-

¹ « Il y a du reste deux classes de personnes qui ne feront du bien ni aux autres ni à eux-mêmes s'ils viennent chez nous. Les premiers sont ceux qui ne peuvent faire que des travaux de tête, et les seconds ceux qui ne veulent pas

de uma ordem de serviços que só para os paizes civilisados constituem uma necessidade. Braços, principalmente, é o que as colonias precisam. Uma só cabeça é quanto basta para dirigir com acerto uma exploração agricola em que se empregam centenaes de negros.

Seria agora occasião de nos referirmos ao transporte dos condemnados para as colonias e á sua influencia economica e social.

Bordier julga que os condemnados podem ser proveitosos a uma colonia nascente. Recorda a colonisação do Brazil, da Australia e d'outras colonias em que os condemnados, que a principio formavam a sua unica população, foram o nucleo de sociedades hoje muito prósperas e não embaraçaram a immigração d'outros elementos de melhor qualidade que se lhes vieram associar. Apoiase na auctoridade de Spencer e Darwin, e crê

travailler du tout. » pag. 287. « Ensuite la classe dont nous avons parlé plus haut, qui dépend du travail de tête seulement n'a pas grand chose à faire ici. Il y a peu de voies ouvertes pour ceux qui en font partie, et ils ont été élevés de telle façon qu'ils ne peuvent faire aucun travail manuel, ou même aucune sorte de travail dur. » pag. 288. Jules Goubert, *L'Australie*. Trabalho publicado juntamente com outros sobre a agricultura da Escossia, da Irlanda e da India meridional pela *Société des agriculteurs de France*. (Paris, 1878).

com elles que a simples mudança de meio é, no caso sujeito, motivo-sufficiente de regeneração. Condemna a deportação dos condemnados para as colonias já formadas e desenvolvidas, onde a sua presença seria tão perigosa como na metropole.

Parece-nos que Bordier não justifica sufficientemente a primeira parte das suas affirmações. Custa a conceber como a liberdade e a lucta pela vida entre selvagens podem fazer nascer em um homem vicioso no crime habitos de trabalho e sentimentos de justiça. Não seria prudente primeiro conhecer ao certo quaes as qualidades e aptidões d'esses condemnados, quaes os seus crimes e as leis e os juizes sob que foram julgados? Não seriam muitos porventura julgados com menos justiça e victimas d'um exagerado rigor e d'uma falsa concepção da natureza humana? Os phenomenos sociaes são por tal fórma complexos, que é sempre perigoso encaral-os por um só lado. Os costumes, a moral e o direito dos tempos em que começou a colonisação da Australia e do Brazil, a ignorancia do que é o homem e das causas multiplas a cuja accção está sujeito, deveriam ser razão bastante para tratarmos de averiguar qual a natureza dos elementos com que primitivamente foram constituídas aquellas colonias, antes de tirarmos qualquer conclusão unicamente baseada no seu desenvolvimento e progresso.

Convictos — é uma expressão muito vaga em que podem ser comprehendidos homens que só teem de commum terem sido julgados pelo mesmo tribunal e condemnados na mesma pena.

Suggere-nos estas reflexões a primeira parte das affirmações de Bordier; a segunda parece-nos rigorosamente verdadeira. Nem outra conclusão se compadece com a logica.

Desde que as colonias se desenvolveram, são, na sua organização fundamental, identicas senão iguaes aos paizes da Europa, á parte as differenças características da sua physionomia. N'estas circumstancias, ou o condemnado é susceptivel de regeneração, ou é incorrigivel. No primeiro caso tanto pôde ser util á metropole como á colonia; no segundo, se é incorrigivel, tão nocivo é a uma como a outra sociedade.

Não basta olhar ao estado da sociedade que se reproduz, é mister olhar tambem ao campo em que se reproduz. Não basta considerar a qualidade e quantidade da semente; é preciso vêr tambem a natureza do campo em que se semeia, o seu clima, a sua fertilidade, todas as circumstancias offerecidas á propagação e desenvolvimento da nova planta. Por duas causas pôde deixar de se propagar a planta: ou porque a semente é defeituosa e pobre em principios organicos que a alimentem no primeiro periodo da sua existencia;

ou porque o clima é rude e o solo ingrato, e lhe falta o calor, a agua, e o alimento que a deve nutrir quando tiver consumido as provisões da semente.

Bem estudadas as condições da metropole e averiguado que lhe sobejam braços e capitaes que nada teem a esperar da exploração do seu paiz de origem, sendo ao mesmo tempo proprios á criação de colonias, é mister conhecer as suas relações com o paiz para o qual se pretende dirigi-los e examinar as condições climatericas em que este os vai receber. Ha raças com uma notavel capacidade de se adaptarem ás mais variadas condições de clima e de vida; e a estas pertencem os hespanhoes e os portuguezes, em quem, parece, se liga e amalgama sangue de proveniencias muito diversas. Os judeus encontram-se em quasi todo o mundo e sempre com a mesma vida, a mesma actividade, a mesma fecundidade, e, — o que é mais, os mesmos habitos e as mesmas tradições, sem duvida enfraquecidas pelas influencias de todos os generos que n'ellas actuam, mas ainda com um vigor e uma intensidade maravilhosas ¹. Ha raças tambem a que é

¹ Soffrendo ataques muito repetidos aos seus direitos, á sua liberdade e propria existencia, supportando longos an-

inteiramente impossível a aclimação nos paizes tropicaes, como acontece aos francezes e anglo-saxões na America e na Africa, e no Egypto mesmo ¹.

Para que um paiz novo possa ser colonizado por individuos de raça europeia não é todavia indispensavel que seja proprio á aclimação da raça extreme. A biologia ensina-nos outro meio não menos seguro, não menos poderoso — o cruzamento.

De dois modos póde ser feita a reproducção — cruzada e directa.

A reproducção directa, comquanto seja a mais propria a dar a uma colonia o desenvolvi-

bibRIA

nos o dominio oppressor dos povos estranhos, perdêrão a patria, fôrão vexados com as perseguições mais crueis que a historia registra, e, apesar de tudo isto, poderão manter, inalteraveis, as suas crenças, sentimentos, character, altivez nacional e o sangue de raça. N'um facto d'esta ordem evidencia-se a *influencia d'uma educação consequente*, segundo a phrase d'um pedagogista distincto. » « O pae era o preceptor dos filhos, o que não foi de pequena importancia para conservar vivaz a tradição nacional e a cohesão da raça através de tantas vicissitudes por que passou. » F. A. do Amaral Cirne, *Resumo da historia da pedagogia*, pag. 4 e 5.

¹ « Pendant toute la période historique la race indo-européenne s'est constamment montrée inacclimatable, sauf les

mento e vida dos paes, mais adiantados em civilização, encontra difficuldades gravissimas na aclimação. Ainda agora vemos que em colonias inglezas muito prósperas a população europea é ás vezes inferior á população indigena. A Africa do Sul, em 3.000:000 de babitantes, tem cerca de dois milhões de indigenas; as ilhas Fidji com 150:000 tem apenas dois ou tres mil europeus, e até o Canadá conserva ainda perto de 100:000 indios.

Os excessos de calor e as emanações palustres são o principal obstaculo á aclimação dos europeus nos paizes tropicaes. Talvez mesmo se possa dizer que o impaludismo é o obstaculo unico, porquanto nos paizes, onde uma larga ventilação renova o ar constantemente, é facil a aclimação dos europeus. Haja vista os inglezes no Cabo, os boërs no Transwaal e na India o plató do Dekkan. Pernambuco, posto que mais proximo do equador que o Rio de Janeiro, é todavia mais salubre. O calor só por si vale pouco, quando

Ibériens. Dans ses nombreuses et persévérantes tentatives pour se développer sur la terre africaine (sa pointe australe exceptée) ses colonies se sont rapidement étiolées et ont péri, dès qu'elles n'ont plus été ravitaillées par la métropole. » A. Bertillon, *Dictionnaire des sciences anthropologiques*. Art. *Acclimatement*.

seja contrariado por uma ventilação activa, que, produzindo um abaixamento de temperatura muito salutar, é ao mesmo tempo energico agente de desinfectação palustre.

Segundo A. Bertillon ¹ a aclimação directa só é certa quando a emigração é contínua, lenta e successiva, sem paiz algum de permean entre a colonia e a mãe-patria. Uma emigração rapida só terá probabilidades de constituir uma colonia duravel e próspera quando se afastar pouco da mesma zona isothermica, quer mude ou não de hemispherio. Desde que o desvio exceda doze a quinze graus de latitude, todas as probabilidades serão contrarias á formação d'uma colonia.

Resta o segundo meio de reproducção, que parece ser o mais seguro nos paizes tropicaes; pois não só a anthropologia demonstra ² que as raças cruzadas são, em regra, fecundas, mas os trabalhos de estatistica e as descripções dos via-

¹ *Dictionnaire des sciences anthropologiques*. Art. cit.

² «De tout ce qui précède on doit conclure que la règle dans l'humanité est l'eugénésie, mais que certaines races sont moins fécondes entre elles par leurs métis de premier sang que par leurs collatéraux. Ce n'est qu'une question de degré. Par conséquent, directement ou indirectement, il peut toujours, entre deux races aussi distantes qu'il en existe actuellement sur le globe, se produire une race rigoureuse-

jantes as apresentam como dotadas de grande capacidade de trabalho, e proprias mesmo a formar colonias independentes, sabendo reger-se e administrar os seus estados. Na America cruzam-se todas as raças da Europa. Os chinezes estabelecem com quasi todas as raças cruzamentos fecundos. A fecundidade é a regra; e as raras excepções que se nos apresentam, devem, na opinião de A. Bertillon e Zaborowski, ser attribuidas á impossibilidade de aclimação d'uma das raças cruzadas.

Proseguindo sempre sob a mesma idéa, a de reproducção social, aos cuidados de criação faremos seguir os de educação. Pouco importa semear, se abandonamos a planta, apenas nascida, ás hervas ruins que, mais vigorosas, breve invadem o terreno. Primeiro escolher semente e terreno proprio; depois preparar este ultimo; e fi-

ment intermédiaire. Souvent la race s'éteindra avant de s'être fixée par une répétition suffisante des lois de l'hérédité ou parce que les milieux et l'acclimatement ne la favoriseront pas. Souvent, par suite de la prédominance de l'un ou de l'autre élément, il y aura retour progressif vers l'une des races mères, comme dans le cas des Griquas. Mais, le temps et les circonstances aidant, la production de cette race sera inévitable.» Dr. Paul Topinard, *L'Anthropologie*, 3^{ème} édition, pag. 389 (Paris, Reinwald, 1879).

nalmente cultural-o: n'isto se resumem os principais cuidados d'uma exploração bem dirigida.

Antes de tratar de encaminhar para lá a emigração, o estadista, desejoso de crear uma colonia com solidos elementos de prosperidade, cuidará de proceder aos indispensaveis trabalhos de saneamento, sem os quaes todos os immigrants seriam parco alimento para as febres, que logo converteriam a colonia em um vasto cemiterio da metropole.

As vias de communicação, que hão de tornar accessiveis á metropole as riquezas da colonia, serão abertas e construidas á maneira que estas ultimas se forem desenvolvendo; para que não aconteça como em Portugal, onde se deram larguissimas arterias a um corpo exangue. A circulação das riquezas suppõe necessariamente a sua producção anterior. Que se construa uma estrada onde se arroteia um terreno, é justo e indispensavel; que se continue mesmo um pouco mais além, entrando ainda pela charneca, é muito bom ainda; é a maneira de preparar novos terrenos para a cultura e de facilitar a sua colonisação; mas que se façam estradas e caminhos de ferro em numero e vastidão muito superiores ao que reclamam as necessidades da producção e do commercio, é um erro economico que deve arruinar o senhor da exploração.

Na primeira phase d'uma colonia toda a boa politica se reduz principalmente á protecção; encaminhando a emigração, subsidiando as companhias de transportes, concedendo vantagens aos immigrantes, dando-lhes parte na administração publica da colonia, que é afinal a administração dos seus proprios bens; regularisando as concessões de terrenos e garantindo a sua posse e a segurança no seu uso; repellindo as aggressões dos indigenas; administrando justiça entre os immigrados; protegendo o seu commercio com uma forte armada contra os ataques do gentio e a cubica das nações rivaes. A Inglaterra deve grande parte de suas colonias ao seu poder naval; e deve-lhe não só a sua conquista, como tambem a sua conservação ¹.

E n'este ponto, quando se trata de dar á colonia uma organização conveniente, que é preciso

¹ « Canada, Australia, and the Cape thus formed the three main branches of the new British Colonial Empire. In all its parts the foundation on which it ultimately rested was the naval power the of Great Britain. » « Now, the fleet which has gradually won most of our colonies from other hands, and under the protection of which the Empire was grown to its present extent and prosperity, is also the visible bond which secures the union of the parts of the Empire into one great whole. » E. J. Payne, *liv. cit.*, pag. 99 e 127.

olhar aos elementos de que se compõe e ás influencias diversas que actuaram na sua formação. É então occasião de considerar um pouco o passado; os habitos e character de metropole; os habitos e caracteres das differentes raças que n'aquelle organismo se cruzaram e as proporções em que se encontram; e, finalmente, a physionomia que resultou da mistura e combinação de todos esses elementos e a acção que sobre elles exerce o meio cosmico e social.

Mas a parte principal da educação d'uma colonia não é a formação e estabelecimento das suas instituições internas que só podem tomar uma feição definitiva quando ella tiver já um character proprio e fixo, reproduzindo-se invariavelmente; e com esse periodo coincide de ordinario a necessidade de emancipação. O principal é dar-lhe meios de vida que lhe assegurem o futuro, aproveitando as riquezas existentes e procurando introduzir novos elementos de vida. Acontece como com o individuo que, embora sadio e robusto, e tendo attingido grande desenvolvimento mental, só pôde julgar completa a sua educação quando tiver terminado a aprendizagem de qualquer arte ou profissão, quando tiver adquirido habilitações especiaes que garantam emprego á sua actividade.

Convém aproveitar as riquezas existentes. É

mister explorar as minas e florestas, procurar os terrenos mais salubres e mais férteis pela riqueza do solo, pela abundancia da agua, pela exposição e orientação; escolher nos animaes e nas plantas os que devem ser destruidos e os que devem ser conservados, e, d'estes ainda, aquelles cuja criação e cultura é mais propria a satisfazer as exigencias do commercio, e, por conseguinte, mais rendosa; e é mister igualmente saber aproveitar as raças indigenas, dirigindo o seu trabalho com intelligencia, em vez de tratar de as extinguir imprudentemente, como os europeus teem feito em quasi todas as colonias. Ainda mesmo onde os cruzamentos não forem possiveis nem vantajosos, pôde muitas vezes a colonia europea desenvolver-se ao lado da população indigena, que se encarrega de lhe supprir os braços de que precisa. As colonias do sul da Africa, onde os europeus representam apenas 4 por cento do total de população, são um bom exemplo d'este genero ¹.

As raças indigenas, embora incapazes de at-

¹ « It is otherwise in the Eastern Dependencies, Africa, and the West Indies. In all these places the native races thrive and increase by the side of European colonists; and as they form the main supply of labour the prosperity of these Colonies very much depends upon them. » E. J. Payne, *liv. cit.*, pag. 116.

tingir o desenvolvimento dos colonos, são todavia susceptíveis de melhorarem um pouco a sua condição. Quando o cruzamento seja infecundo pela inhospitalidade do clima, ou impossível por ser contrario aos habitos e religião de qualquer dos povos em contacto, esta juxtaposição de sociedades de differente civilisação tem sempre como consequencia uma lenta infiltração e preponderancia dos habitos da sociedade mais adiantada. Sem sahirmos de Portugal encontramos povoações que pouco se devem afastar d'um estado primitivo: o pescador das nossas costas do norte, tendo por unicos agasalhos a ceroula curta, pelo joelho, a camisa de estopa, o gabão e a grossa camisola de lã, fiada enquanto o barco anda no mar; quatro pedras no barco servindo de lareira e a proa por habitação durante semanas inteiras: o habitante dos recantos mais afastados das montanhas, com a sua *clubata*—uma casa de pedras de granito, soltas, sem argamassa, coberta de colmo, onde vivem promiscuamente os homens, as ovelhas e os bois; uma só eira para todo o povoado e as habitações agrupadas em desordem, n'um communismo primitivo ¹. Que no meio d'estas povoa-

¹ Almofala e outros povoados dos pontos mais altos da serra do Caramulo são um exemplo curiosissimo das asso-

ções se venha estabelecer alguém, entregando-se a culturas mais methodicas e rendosas, e, estou certo, ao fim de poucos annos terá modificado profundamente a feição economica e social d'uma aldeia inteira. Porque não será o mesmo para o negro? Não será porventura capaz de imitar o seu visinho, quando vir que o seu systema de cultura lhe produz dobrada colheita? Antes de rejeitarmos impensadamente os braços que o paiz nos offerece, deveremos pensar bem no seu valor e saber ao certo onde iremos buscar outros que valham pelo menos tanto como aquelles. Porque é essencial nunca perder de vista que as colonias, exceptuando as feitorias commerciaes, são, em geral, uma vasta fazenda, colonias puramente agricolas; e uma das necessidades mais urgentes da agricultura colonial, como da agricultura da Europa, é a abundancia de braços.

Já temos os instrumentos da producção, os braços e a terra; resta-nos agora determinar o genero de trabalho a que os havemos de sujeitar,

ciações d'este genero, em meu conceito, muito proprias a um interessante estudo das idades primitivas. É muito provavel que outros pontos do paiz, em identico isolamento, se encontrem em iguaes circumstancias; só fallo do Caramulo porque só ahi tive occasião de as observar directamente.

especialisar as culturas a que destinamos a colonia.

Já apontámos uma de suas partes, a que é determinada pela fauna, pela flora e pela agricultura indigenas: resta-nos recordar a segunda, não menos importante, a que se refere á importação e aclimação de novas especies, apropriadas ao clima, aos habitos e educação dos colonos e ás exigencias do commercio.



Abre-se n'este ponto um dos capitulos mais importantes da historia da colonisação, um dos que teem merecido maior attenção dos sabios e naturalistas e que os homens de estado tem descuido mais — a aclimação.

A Europa, como as colonias, deve grande parte das suas riquezas á aclimação de especies estranhas, algumas de introdução bem recente.

A amoreira (*Morus alba*, Lin.) é originaria da India e da Mongolia; a oliveira (*Olea europæa*, Lin.) da Syria e da Anatolia meridional; a laranjeira (*Citrus aurantium*, Lin.) da China e da Cochinchina. A batata (*Solanum tuberosum*, Lin.) do Chili e do Perú, foi «importada na Europa, de 1580 a 1585, primeiro pelos hespanhoes, depois pelos inglezes, por occasião das

viagens de Raleigh, na Virginia ¹. » O milho (*Zea mays*, Lin.) «é originario da America e não foi introduzido no velho mundo, senão depois da descoberta do novo ². »

«A cana do assucar (*Saccharum officinarum*, Lin.) é cultivada hoje em todas as regiões quentes do globo, mas está demonstrado por uma multidão de provas historicas que foi utilizada primeiro na Asia meridional, d'onde se espalhou na Africa e mais tarde na America. » «A propagação da cana do assucar no occidente da India é bem conhecida. O mundo greco-romano tinha uma noção aproximada da cana (*calamus*), que os indios gostavam de chupar e de que tiravam o assucar. Por outro lado os livros hebreus não fallam do assucar, d'onde se pôde inferir que a cultura da cana não existia ainda a oeste do Indo na época do captiveiro dos judeus na Babilonia. Foram os arabes na idade-média que introduziram esta cultura no Egypto, na Sicilia e no meio-dia da Hespanha, onde floresceu até que a abundancia do assucar das colonias os obrigou a abandonal-a. D. Henrique transportou a

¹ A. de Candolle, *Origine des plantes cultivées*. Paris, Germer Baillière, 1883, pag. 42.

² *Ibidem*, pag. 311.

cana do assucar da Sicilia para a Madeira, d'on-de foi levada para as Canarias em 1503. D'ahi foi introduzida no Brazil em principios do seculo XVI. Foi levada para S. Domingos, cerca de 1520, e pouco depois para o Mexico; para a Guadeloupe em 1644, para a Martinica em 1650, para Bourbon desde a origem da colonia ¹. »

O café, originario da Africa tropical, foi introduzido pela primeira vez na America, em Surinan, pelos hollandezes, em 1718, e hoje «é na agricultura tropical um equivalente da vinha na Europa e do chá na China ². »

A Australia importou da Europa as suas culturas mais productivas; e tão bem tem comprehendido as vantagens da aclimação de novas especies, que o governo e as sociedades particulares tem feito com ella despesas relativamente avultadissimas. Em Portugal pouco ou nada se tem feito, exceptuando a cultura das plantas que dão a quina, em S. Thomé, hoje definitivamente aclimada e até desenvolvida. Em breve, creio, será uma das mais abundantes fontes de riqueza d'aquella colonia. Mas este caso é unico, e mesmo assim devido á iniciativa do actual director

¹ *Ibidem*, pag. 123 e 126 a 127.

² *Ibidem*, pag. 335.

do jardim botânico da Universidade de Coimbra, que, com uma rara dedicação aos verdadeiros interesses do seu paiz, soube aproveitar os recursos da sua posição official.

Mas como ha de pensar em aclimação nas colonias quem nem ao menos cuida de aclimar novas especies e variedades no seu proprio paiz?! O eucalypto, com todas as suas preciosas qualidades, a capacidade de crescer nos terrenos mais aridos, a influencia benefica sobre o clima e o desenvolvimento tão rapido, o eucalypto não conseguiu ainda ser objecto de culturas extensas e regulares. E o bambú, que, pela sua cultura e pelas industrias que alimenta, é na China o ganha-pão de milhões de habitantes, em Portugal é monopolio dos jardins e dos jardins dos amadores mais curiosos.

Provida a colonia de todos os elementos de vida, povoada de quanto é indispensavel á sua sustentação, e tendo crescido ao abrigo d'uma forte protecção, surge naturalmente, como no individuo, a necessidade de emancipação.

As influencias hereditarias não são tudo. Se pelas qualidades que ellas transmittiram a colonia deveria continuar a ter vida commum com a metropole, por outro lado as influencias do meio, os cruzamentos e o clima, deram ao seu organismo caracteres proprios que originaram necessi-

dades correlativas que por seu turno crearam a necessidade de viver livre e independente.

Emquanto durou a menoridade, a metropole monopolizou as riquezas da colonia: e monopolizou-as com justiça, com o direito que lhe dava a despeza de homens e capitaes que fizera na sua criação e educação. Agora o regime é outro, como entre pessoas livres, emancipadas.

E ficou tudo perdido, trabalho e capitaes? As colonias emancipadas, se já não são vassallas nem tuteladas, podem e devem constituir uma associação com a metrópole; associação tanto mais solida, quanto são intimas as suas relações commerciaes e intima também a comunidade da habito e de linguagem, do passado e de tradições. E entre os povos como entre os individuos, no mundo organico como no mundo inorganico, a associação é o mais poderoso elemento de victoria na luta pela existencia. Desgraçado do que está só, por mais forte e vigoroso que seja! A historia das nações seria bastante para o demonstrar, se a historia natural o não demonstrasse com os mais irrefutaveis argumentos.

bibRIA

OLIVEIRA MARTINS

bibRIA

bibRIA

OLIVEIRA MARTINS ¹

São sempre bemvindos os livros do snr. Oliveira Martins. O saber e imparcialidade com que escreve, o ardor com que se tem dedicado á vulgarisação das sciencias sociaes, e faculdades litterarias do mais subido valor, teem-lhe grangeado reputação que lhe assegura um dos primeiros logares entre os escriptores portuguezes contemporaneos. Quando não fossem o nome e merecimentos do auctor, este livro, ainda mesmo partindo d'alguem mais ignorado ou menos estimado, teria, na oportunidade das questões que trata, garantia segura de merecer a attenção dos poucos que em Portugal procuram estudar reflectida e conscienciosamente o estado cahotico da

¹ *Politica e Economia nacional*, por Oliveira Martins. Porto: Magalhães & Moniz, 1885. 1 vol. de xxxi-278 pag.

nossa administração publica e as causas e remedios da crise social e politica que vamos atravessando.

Mas o snr. Oliveira Martins é um escriptor sobre quem todos os que lêem formaram ha muito o seu juizo; e por isso direi primeiro o que d'elle pensava, ainda mesmo antes da rapida leitura do presente livro.

I

Será temeridade querer ajuizar de um homem de quem nunca li senão meia duzia dos muitos volumes que tem publicado, de quem nunca reli senão a *Historia de Portugal*, e de quem finalmente ha quasi dois annos não abri livro. Que o snr. Oliveira Martins perdoe este descuido que não significa menos respeito nem menos admiração pelo seu incontestavel talento; quando se é estudante, as proprias necessidades do estudo obrigam a mudar e caminhar constantemente, ainda que muito agradavel nos fosse parar.

Será temeridade, dizia, querer ajuizar tão le-vianamente de escriptor tão estimado. Parece-me todavia, que para conhecer alguém não é preciso conhecer miudamente toda a sua anatomia; o

que principalmente importa é distinguir as linhas mais salientes e características da sua physionomia, aquellas que nol-o farão reconhecer em qualquer parte que o encontremos. Podemos possuir e ter bem gravado na memoria o retrato litterario de um escriptor, sem comtudo conhecermos todas as suas idéas e as influencias que actuaram na sua formação, sem conhecermos minuciosamente todos os seus habitos. Um retrato não é um estudo: para um basta encontrarmo-nos duas ou tres vezes; o outro requer convivencia muito intima e aturada.

O primeiro livro que li do snr. Oliveira Martins foi a *Historia de Portugal*. Li-a debruçado nos bancos da Universidade, enquanto um professor ignorante e enfadonho repetia pela millesima vez uma serie de banalidades rançosas sobre direito penal. Julgavamos, eu e os que mais estudavam, que era esta a unica maneira razoavel de aproveitarmos aquellas horas de prelecção.

Quando cheguei ao fim d'essa vastissima galeria de quadros preciosos, ficavam-me no espirito impressões muito profundas de alguns dos muitos que tinha visto. Ainda mesmo agora tenho bem presente o borborinho dos preparativos da jornada de Africa, a azafama do mallogrado rei, tão cubiçoso de aventuras e gloria; o reluzir dos metaes e pedrarias e a ostentação d'esse luxo,

talvez doentio; os requebros das damas e os galanteios dos fidalgos; o desgraçado exercito que se reunira em Lisboa, varrendo de todo o paiz com o ultimo ceartil a escoria da população; e depois a sepultura que lhe deu a Africa, a todo esse cortejo de ambições e vaidades. Tenho bem viva ainda a impressão que me deixou o rei beato e voluptuoso e o seu «cubiculo mysterioso em Odivellas, onde o sybarita dava largas á concupiscencia, fundindo n'um só os amores da carne e os do incenso, n'uma embriaguez dolente e sensual, cheia de mysticismo doce», um d'esses «recessos mysteriosos, alcovas perfumadas e vestidas de piedosas imagens, onde se exercia o culto de todos os amores, sem peccado, n'um arroubo de semi-vida de delicias.»

Mais tarde li o *Portugal Contemporaneo* e n'esta nova galeria que se me abria vim encontrar impressões identicas ás que me deixára a primeira que visitei; impressões vivas, intensas mas desiguaes. Logo á entrada encontrei o triste quadro da historia da junta do Porto e essa viagem do *Belfast*, que «custou uma irreparavel nodoa, uma vergonha miseravel.»

«Palmella, fumando, debruçado sobre o mar na borda do navio, enovelava os seus planos á maneira que se enovelava a agua batida pelas rodas do *Belfast*, onde bons cosinheiros prepa-

ravam guisados para os exigentes patriotas»; enquanto «apeados, desarmados, vexados, rôtos, immundos, famintos, os restos do exercito da junta foram, em conductas ou pelotões, enviados para o Ferrol e para a Corunha onde soube de tudo Palmella, socegado no *Belfast*, e atirou com o charuto, contrariado, ao mar...»

D'aqui em diante comecei a vêr no snr. Oliveira Martins um artista, um artista poderosissimo. Impossivel recusar-lhe a faculdade de me representar as suas impressões com uma intensidade não vulgar, posto que talvez com certa falta de precisão e clareza.

Qual o seu processo, e a sua maneira propria de pintar? Para responder cabalmente a esta pergunta, seria preciso não só estudar e analysar muito attentamente as suas obras, mas tambem ter conhecimento muito profundo do instrumento de que se serve, senão mesmo habito de o manejar. É certo que o snr. Oliveira Martins mais de uma vez tem sido accusado de escrever mal; parece todavia a quem conhece muito mal a sua lingua que o que muitos julgam ser uma falta é o que constitue todo o vigor do seu estylo. Falta-lhe harmonia, equilibrio, a arte de suavisar as transições e resulta d'aqui perderem-se melodias suavissimas na confusão de sons discordes: tem em compensação as vantagens que lhe advêm

dos contrastes e oposições, a arte de produzir notas de uma incomparavel intensidade, da sua suspensão rapida, instantanea, da declinação suave e lenta em que a vibração se perde de uma maneira quasi imperceptivel. É o caracter proprio das organizações de artista, extremamente impressionaveis, esta incapacidade de conter e regular a emoção e de lhe proporcionar a expressão.

O snr. Oliveira Martins não é só um artista. Ha em todos seus livros muito estudo e um vastissimo saber, grande poder de generalisação e critica muito segura, e uma malleabilidade de espirito extraordinaria em applicar a attenção e comprehender e relacionar phenomenos apparentemente desconnexos, pertencentes ás vezes a categorias diversas dos conhecimentos humanos.

Não podemos deixar de o classificar em o numero d'aquelles de quem n'este livro nos falla com tão grande verdade e fina critica: «a vastidão e a fecundidade foram e serão sempre os caracteres propios do pensamento creador que, sem poder, nem dever ser encyclopedico, tem de abranger por força em si a universalidade de um ramo pelo menos dos conhecimentos humanos, não em cada uma das suas particularidades, mas no conjuncto systematico da sua structura. Sem fallar em homens que subordinam o corpo dos

conhecimentos humanos a um ponto de vista metaphysico, como um Schelling ou um Hegel, temos em nomes como os de Roscher, de Laveleye, de Cournot, por exemplo, typos de pensadores e de escriptores, no mais elevado sentido da expressão; homens que abrangem, com uma comprehensão possante e creadora, os casos particulares que a erudição esmerilha, formando com elles as theorias geraes que satisfazem a razão, e sem as quaes póde haver conhecimentos, mas não ha sciencia ou saber propriamente dito... »

Por um outro lado podemos e devemos considerar ainda o snr. Oliveira Martins — o vulgarizador. Elle mesmo (?) confessa no programma da *Bibliotheca das Sciencias sociaes* que « esta *Bibliotheca*, destinada a vulgarisar entre nós, conhecimentos essenciaes á vida de uma nação, destina-se não sómente ao publico em geral, mas tambem ao ensino secundario, que é o alicerce indispensavel da sólida illustração do povo. »

O snr. Oliveira Martins, como vulgarizador, tem valor correspondente ao que tem, como artista e escriptor? Creio que não; e creio até que ha uma certa incompatibilidade entre faculdades d'artista desenvolvidas em grau tão elevado e o genero de espirito proprio a produzir um bom livro de vulgarisação.

Sempre que fallo em livros de vulgarisação,

lembram-me os de Geikie e Huxley, que são, em meu conceito, modelos do genero, e com elles comparo todos os mais. Um livro de vulgarisação requer aptidões muito complexas que, por não serem raras, poucas vezes se encontram reunidas. Além de que requer conhecimento muito preciso e muito completo da sciencia a vulgarisar, requer ao mesmo tempo grande poder de concentração, muito tacto em saber regular as proporções, unidade, coordenação rigorosa e sequencia ininterrompida nas idéas, tudo associado a uma exposição facil, a um estylo claro, conciso e igual. Este ultimo predicado, principalmente, é de rigor. Os livros de vulgarisação, destinados aos que pela idade, por ociosidade de espirito, ou pela inferioridade do desenvolvimento mental são incapazes de grande concentração, precisam de extrema habilidade no auctor, para, mediante os artificios do estylo, obrigarem a attenção do leitor a uma distribuição contínua e igual. Se algum d'estes predicados falta, o resultado é que o leitor poderá ficar com alguns conhecimentos, é verdade, mas esses desconnexos, e, como taes, não só improprios a retenção duradoura, mas tambem incapazes de formar « as theorias geraes que satisfazem a rasão », sem as quaes « não ha sciencia ou saber propriamente dito. »

É certo que os livros do snr. Oliveira Martins não nos deixam conhecimento tão igual das doutrinas ensinadas como os livros de Huxley ou Jevons. Parecerá estranha esta maneira de julgar um livro pela impressão que produz no leitor, e por conseguinte variavel, conforme as aptidões, capacidade, instrução e preferencias de cada um, em vez de o julgar pelo seu valor intrinseco, tendo em vista o fim que se propoz o auctor, comparado com as difficuldades que encontrava e os meios de que dispunha, e apreciando a maneira como executou a sua obra e o seu grau de perfeição. Mas, destinada a *Bibliotheca das Sciencias sociaes* ao publico em geral — categoria em que me julgo comprehendido — claro está que a maneira como satisfez ao seu fim, como conseguiu tornar-se lida e comprehendida d'esse mesmo publico, é elemento essencial na apreciação que d'ella houvermos de fazer.

É certo, dizia, que os livros do snr. Oliveira Martins me deixaram á primeira leitura impressões muito desiguaes e que só mais tarde, repetindo a leitura e mais attentamente, comprehendí as idéas geraes que dominam toda a obra; bem differente do que me aconteceu com os livros elementares de Geikie, por exemplo.

D'onde a falta? Examinados os seus livros,

exteriormente, pelo titulo e indices, como elle faz ao livro do snr. Serpa, nem carecem de unidade, nem de proporção, nem de methodo e ordem; e d'aqui concluo que os seus defeitos, se os teem, como eu penso, provéem unicamente da linguagem e maneira de escrever.

No *Portugal Contemporaneo* — cito um pouco ao acaso, d'onde ha pouco deixei o livro aberto, e talvez pudesse encontrar passagens que melhor justificassem o meu conceito — descrevendo a retirada para a Galliza, diz: «Pararam em Lobios, já na Galliza, onde foi reunir-se-lhes o roto farrapo do exercito da Junta. Era o dia 6; o *Belfast* rodava á tôa e a marinhagem bebada atirava com elle para as pedras de Finis-terra. Tudo fazia agua na barca da Constituição...»

Depois, na linguagem facil, clara, serena, propria e sobria em que desejaria vêr escriptos todos os livros de vulgarisação: «Lobios, onde acamparam, é um deserto, ladeado por aldeias de gallegos famintos, quasi selvagens: era uma gente avara, immunda, miseravel.» E continúa por algum tempo n'este mesmo tom. Que importa? O capitulo terminou onde terminou a primeira parte que citei. Depois de nota tão intensa, a sensibilidade embotou-se para poder perceber notas d'uma intensidade relativamente tão

pequena. E todavia os factos que seguem são tão importantes, como os que anteriormente descrevera. É a desigualdade propria de uma natureza d'artista.

Quando traçava o plano da obra era sufficientemente senhor da sua vontade para se poder sujeitar ás exigencias do rigor do methodo; mas, quando passou á execução, não mais se dominou e foi alternativamente violento e brando, sereno e apaixonado, soffrido e desesperado, conforme o levava a vivacidade da emoção. O desenho foi cuidado e correcto; mas, ao distribuir a luz e o colorido, o sabio deixou-se dominar pelos caprichos do artista.

Será da natureza dos estudos historicos e sociaes aquillo que attribuo á feição particular das faculdades e linguagem do escriptor? Não será porventura impossivel ter diante dos phenomenos sociaes e historicos, que todos ferem muito intimamente os nossos sentimentos e paixões, a mesma serenidade indifferente que temos perante os phenomenos physico-naturaes, em cujo estudo só nos guia a curiosidade de saber ou a necessidade de melhorar a nossa condição? Esta observação tem decerto alguma cousa de justificado; parece-me, porém, de pouco valor em relação á falta de que arguo os livros do snr. Oliveira Martins, porquanto se manifesta igualmente

te nos livros de historia e nos livros mais caracteristicamente scientificos, como os *Elementos de Chrematistica*, por exemplo.

Longe de mim imaginar que em historia se poderá fazer obra inteiramente objectiva e pessoal. Em historia como em litteratura a personalidade do escriptor apparecerá sempre através da sua obra; é consequencia inevitavel da sua natureza psychologica. Mas é certo que este facto se póde dar em grau muito differente, conforme os habitos e physionomia litteraria de cada um, conforme o seu methodo e systema, conforme a feição particular do seu espirito.

Lembra-me um capitulo de H. Taine sobre os costumes e caracteres do seculo XVIII em um livro hoje classico — *L'Ancien Régime*. Para quem outra obra não conhecer do auctor, ser-lhe-ha difficil avaliar só por esta a sympathia que lhe merece a época a que nos transporta.

É de notar-se um outro facto acontecido com as publicações do snr. Oliveira Martins. Todas ellas tem sido acolhidas com grande favor e muitas vezes enthusiasmo pela geração moderna, pelos discipulos das escolas superiores principalmente. Este facto, que, no vastissimo saber, critica segura e estylo brilhante commum a todos os seus livros encontraria justificação suffi-

ciente, tem, a meu vêr, sua principal razão na benéfica e cordial elevação moral que a todos elles assiste. Organização extremamente sympathica á miséria e á dôr, o snr. Oliveira Martins nunca perde de vista os principios de justiça e humanidade, base de todo o verdadeiro progresso. Não tem o vago sentimentalismo dos românticos, ignorantes da natureza humana, que tantas vezes nos tem arrastado a tão tristes desvaíramentos; nem tem esse amor ao pobre, tão prompto em converter-se em odio ao rico. É d'aquelles «que conhecem a felicidade placida, o socego innocente, os prazeres candidos, que compõem a vida de quem communga na solidão com o mundo purissimo das idéas» e dos que conservam ainda «essa candidez de alma que accende a curiosidade scientifica, e que, se não conserva em todos uma ardente confiança optimista, mantém invariavelmente vivo o respeito e o amor pelas idéas e pelas cousas, pela humanidade e pelo mundo, pelos outros e por nós mesmos, impedindo-nos de cahirmos na bestialidade pratica atraz do proximo que esmagamos com o nosso desprezo indifferente.»

II

D'uma natureza moral tão elevada o snr. Oliveira Martins tem de antemão marcado o seu lugar na mais importante das questões que actualmente agitam a sociedade, — a questão social. Elle mesmo se encarrega de nos dizer que é socialista e a que escola de socialismo pertence. Fazendo suas as palavras do professor Laveleye: «Pertenco, diz, a esta escola economica ethico-historica a que chamaram socialismo cathedratico, e pela minha parte, como nossos avós os *gueux* (darei os patuleias de 36?) accetto o epitheto com que os nossos adversarios quizeram ferir os meus collegas das universidades allemãs; e invoco a moral, o direito e a historia para levantar a sciencia acima da deificação do egoismo, e para lhe dar como fim o melhoramento da sorte dos trabalhadores»: o que combinado com a pagina que vou transcrever nos dá o pensamento capital a que está sujeita toda a sua *Politica e Economia nacional*. «O grave, o sério, o importante, é que ao governo d'um paiz presida, não direi a intelligencia, nem a moralidade porque isso é obvio, mas sim uma

compreensão lucida da auctoridade e da missão do Estado. Essa missão não consiste, não póde consistir unicamente em manter a ordem; e embora numerosos publicistas affirmem o contrario, os factos, com a sua eloquencia brutal, desmentem-n'os categoricamente. Essa missão vai mais longe: abrange em si a iniciação e a protecção por via das quaes as classes miseraveis tem de subir gradualmente á dignidade de cidadãos conscientes; abrange em si o fomento da riqueza e o regime da sua justa equiponderação; incluye a instrucção e todas as varias especies de subsidios com que o Estado arranca dos negros fundos da miseria as populações desherdadas, e das entranhas do solo e do mar as riquezas aproveitaveis; abraça no seu todo o systema dos instrumentos de uma sociedade, o imposto e a circulação, as alfandegas e a viação, a divida, a administração, etc., fazendo-os servir ao mesmo tempo de propulsores do bem-estar, em vez de os considerar apenas como machinas de oppressão e aspiração extenuante...»

Duas escolas actualmente disputam a direcção politica e economica das sociedades civilizadas — o individualismo e o socialismo.

A primeira, partindo do principio que a sociedade se rege por leis naturaes, espera da livre concorrência dos egoismos individuaes o

augmento da riqueza, a sua distribuição mais justa e equitativa, e a elevação do nível intellectual da humanidade: assim o papel do Estado é quasi puramente negativo. Limita-se a manter a ordem, a assegurar a livre expansão da actividade individual.

A segunda, o socialismo, considera a sociedade um organismo historico-natural e, como tal, susceptível de adoptar as transformações incessantes que os progressos da sciencia e da industria lhe impõem. Sem negar os beneficios da concorrência individual, considera que da sua adopção como norma do governo das sociedades não pôde resultar, senão, como na natureza physica, a iniquidade e a injustiça; a posse da terra e do capital obrigam o operario a acceitar as condições que o patrão lhe dicta, que consequentemente reduz ao minimo o interesse que lhe dá na producção; d'aqui a desigualdade na distribuição. É contra esta injustiça que os socialistas se revoltam, procurando na auctoridade e influencia do Estado uma barreira ao egoismo, uma mais justa distribuição, e a solidariedade fóra da qual a sociedade deixa de ser um organismo para voltar ao estado primitivo, um aggregado de individuos, sem outras relações que não sejam as da vida puramente animal. A nova escola dos socialistas cathedromaticos considera a

propriedade um direito relativo: e será vitalicia ou hereditaria, individual ou collectiva conforme o exigirem as circumstancias historicas e a justiça na distribuição. D'esta maneira de encarar as questões economicas nas suas relações com a moral e o direito, vem o papel que o snr. Oliveira Martins e com elle todos os economistas da sua escola, attribuem ao Estado.

A doutrina das duas escolas é defendida tão brillantemente pelos seus sectarios que, considerada a questão no campo doutrinario apenas, seria difficil decidir. Mas os factos, as agitações e revoluções da sociedade contemporanea tem imposto aos politicos e estadistas ainda aos mais adversos ao socialismo, não direi as doutrinas, mas a pratica das doutrinas do socialismo cathedratico. Para não fallarmos de Bismarck ou Gladstone, lembraremos apenas os discursos tão recentes de dois ministros da rainha de Inglaterra, Chamberlain e Carlos Dilke ¹. «Se o numero e a pujança dos sectarios é prova da vitalida-

¹ Chamberlain, em janeiro d'este anno (1885), n'um discurso em Ipswich, apontou, como devendo constituir o programma do partido liberal, a gratuidade da instrucção publica, a auctorisação concedida ás municipalidades de adquirir terrenos que cederão aos pobres pelo seu custo, a revisão

de, de uma doutrina, bem se pôde dizer que morreu o naturalismo economico.» Publicistas e politicos todos se inclinam ao socialismo, todos são concordes em alargar os limites da acção do Estado e a reagir contra os excessos e desordens do individualismo; ou seja praticamente, mero expediente de occasião, como na Inglaterra; ou seja systematicamente, sob a influencia de uma doutrina, como na Allemanha.

Mas a sociedade é realmente um organismo regido por leis naturaes, ou um organismo regido por leis historicas e moraes? Parece-me ter aqui applicação a analogia tantas vezes estabelecida entre a evolução do individuo e da sociedade. Nos primeiros annos a creança é dominada pela vida animal, e só lentamente vão apparecendo e desenvolvendo-se necessidades de ordem mais elevada; moral só conhece a que a satisfação dos seus instinctos lhe inspira; e se por vezes na infancia e adolescencia os seus actos parecem sujeitar-se a uma regra ou principio moral, é simplesmente por obediencia a qualquer aucto-

do imposto do rendimento de maneira a fazel-o pesar quasi exclusivamente sobre as grandes fortunas, a applicação á Inglaterra das leis agrarias irlandezas, a separação da Egreja e do Estado.

ridade externa, raro por habito; porque o sentimento do dever não nasceu nem se radicou ainda em seu espirito. Este só mais tarde, quando o habito se converter em pratica quasi inconsciente, ou quando o sentimento e a intelligencia o impuzerem como uma necessidade, domina o individuo. Mas então encontra-se no extremo opposto á infancia. Já não são instinctos da vida animal que o dominam e arrastam, é o dever que guia e regula a sua satisfação; e por tal fórma se tornou poderoso o seu espirito que é senhor dos appetites e paixões que hontem o governavam e que hoje são vassallos da justiça e do dever.

O mesmo acontece com a sociedade, em que á lucta egoista das primeiras eras lentamente se vai substituindo o imperio da moral e da justiça.

O snr. Oliveira Martins «abandonando as theorias radicaes individualistas que tanto mal fizeram e fazem á democracia», n'este como em todos os seus livros defende calorosamente o socialismo com o vigor e o saber que lhe são proprios. São as suas doutrinas que dominam todo o programma de reformas que resumidamente nos apresenta na *Advertencia*. «A generalisação do systema da lista multipla para a composição da camara dos deputados», e a formação do senado «de modo que n'elle tivessem as-

sento os representantes das forças vivas e das instituições nacionaes, compondo-o não por eleição immediata, directa ou indirecta, mas por delegações das juntas dos districtos, dos tribunaes superiores, das associações commerciaes, etc. » constituem, em seu conceito, « a necessidade fundamental da reforma da constituição portugueza, actualmente. » Depois passa a apresentar as medidas que deveriam melhorar a situação actual e entre as quaes sobresaem com caracter mais accentuadamente socialista — a abolição gradual successiva de muitos impostos indirectos; a nacionalisação e resgate de caminhos de ferro; a criação de colonias de lavoura; a reforma das pautas aduaneiras, conformando-as com as exigencias de defeza do trabalho nacional; a promulgação de um código do trabalho fabril; a federação das instituições de soccorros mutuos; a reforma do código commercial, estabelecendo disposições novas com referencia ás sociedades anonymas; e a fixação de um systema de exploração das colonias, applicando a cada qual o regimen adequado, descentralizando a sua administração, e nacionalizando quanto possivel o seu commercio.

Muito tinha que apontar na *Politica e Economia nacional* do snr. Oliveira Martins, mas afinal acabaria por transcrever quasi todo o seu

livro. Por isso me limito a indicar o seu pensamento capital, que applaudo com ambas as mãos.

Uma ultima advertencia. O snr. Oliveira Martins é geralmente accusado de soffrer de um grande pessimismo. Verdade seja que nunca ouvi bem clara a razão. É pessimista, porque? Porque diz tristemente verdades tristes? O que principalmente importa para sustentar a accusação é provar que, ou são falsos os factos em que se baseia ou falsas as conclusões que d'elles tira. Não só nunca procuraram mostrar que eram falsas as conclusões, mas vem o snr. Antonio de Serpa dizer-nos que o *Portugal Contemporaneo* «é de uma exactidão conscienciosa quando se trata de factos positivos.»

Este livro todavia deve serenar aquelles a quem assustou o *Portugal Contemporaneo*. O snr. Oliveira Martins não se contenta apenas de fazer o diagnostico e mostrar a gravidade da doença; indica tambem os remedios de que, no seu entender, depende o restabelecimento do enfermo.

bibRIA

CRITICA DA PAIZAGEM

bibRIA

bibRIA

CRITICA DA PAIZAGEM ¹

UM dos factos mais unanimemente reconhecidos por todos os criticos de litteratura e arte é o dominio cada vez maior do sentimento da natureza em todas as obras d'arte e, em geral, no espirito dos tempos d'agora: podemos mesmo dizer que constitue uma das feições que caracterisam a época presente e das que melhor a distinguem dos tempos passados. É sabido que Rousseau, Bernardin de Saint-Pierre e Chateaubriand inauguraram na litteratura occidental uma nova phase, como Rousseau, o pintor, Dupré e Corot mais tarde abriram uma phase identica na pintura franceza. Logo veremos por que se deve restringir á litteratura occidental e á pintura franceza a

¹ *Landscape* by Philip Gilbert Hamerton. London; Seeley & Co, 1885.

influencia d'estes nomes e da revolução que iniciaram.

Não que os antigos desprezassem a paizagem e desconhecessem a importancia esthetica da natureza; mas o que é para nós o principal, o thema sobre que se estabelece uma obra litteraria inteira, o centro á volta do qual gravita toda a harmonia d'um quadro, era para elles simples complemento subordinado a um motivo inteiramente humano.

Conheço pouco a litteratura antiga, mas d'esse pouco nada li ainda que se podesse comparar a *Midi*, por exemplo, essa soberba tela de Leconte de Lisle. Nos poetas antigos a paizagem apparece-nos sempre associada, como instrumento proprio a comprehender um character ou uma acção que só se lhe refere por ser ella o theatro em que se passa. É assim que vemos que raro desprezam as informações topographicas, mas só as utilisam como meio de dar á acção relevo e exactidão principalmente. De resto, mais ou menos bem analysadas, mais ou menos bem expressas, o que temos a certeza de encontrar e o que constitue o melhor da litteratura antiga são as narrações de conquistas e feitos d'armas, luctas politicas, a ambição, a piedade, o ciúme e o amor, a abnegação, a coragem, todo esse eterno tumultuar das paixões humanas.

Virgilio parece ter um lugar á parte e é erradamente, a meu vêr, considerado como tendo possuido em grau elevado o amor da natureza, como hoje o comprehendemos. De facto, não faltam em Virgilio curiosas observações sobre o character dos animaes, descripções d'uma minuciosa exactidão de todos os phenomenos naturaes, desde o bulicio do regato até aos mais soberbos esplendores do mundo vegetal. É uma organização extremamente sensivel, deixando-se impressionar profundamente pelo que é indifferente a organizações mais grosseiras. Delicia-se com a sombra d'uma arvore e a cada uma reconhece as suas virtudes proprias, mas tudo isto anda por tal fórma associado ás descripções de costumes e practicas da lavoura que mais parece dominar na sua obra o amor da vida rural do que propriamente o sentimento da natureza. É pelo menos a impressão que fica a quem, como eu, considerar as suas eclogas depois de ter deixado de as lêr ha alguns annos. Poderão responder-me mostrando-me qualquer pagina em completa opposição com o que aqui digo; mas entendo que o que convém considerar são os factos que mais se repetem e não aquelles que, por serem raros, só nos podem mostrar um caso singular, um estado transitorio. Por isso, repito, o amor da vida rural é o sentimento que domina nas Georgicas e,

em geral, na restante obra de Virgilio. É antes o amor d'uma profissão do que a preferencia de uma certa ordem de gozos estheticos. O sentimento da natureza e o amor da vida rural, ligados intimamente na apparencia, são no fundo totalmente diversos. A mais ligeira attenção nos mostra que se ao lavrador repugna a vida das cidades, se aborrece a blusa do operario, não é certamente pela saudade dos salgueiraes que se espelham no rio da sua aldeia, não é pela saudade da seara que ondula sem repouso ao vento humido que vem lá das bandas do mar. Chora uma vida de liberdade e socego, sem a vigilancia avara do patrão, sem a escravidão da fome; chora uma vida abundante, tranquillã, e a sardinha comida á lareira por essas noites geladas de dezembro.

Se o estudo da litteratura nos deixasse duvidas sobre a importancia do logar que o sentimento da natureza occupava no espirito e obras dos antigos, a pintura mostrar-nos-hia claramente que só no seculo XVIII a natureza começou a ser olhada pelo que tem de interessante independentemente dos factos e acções humanas a que serve de quadro.

Todo aquelle que correr despreoccupadamente as principaes galerias da Italia poderá certificar-se de que os mestres da Renascença quasi desconhe-

ciam a paizagem. Terá para sempre diante dos olhos quanto a historia tem de mais notavel: toda a tragedia do Calvario, desde essa criança que os reis adoraram pousada ainda nas palhas d'um estabulo até ao corpo livido, exangue, do Christo morto, ungido pelas lagrimas da mãe; uma grande ostentação de corpos nús, em que em fórmãs d'uma belleza adoravel se sente correr um sangue quente, abundante e são; o desalinho das roupagens d'um mendigo e os rostos macerados do martyrio, os olhos ardentes de fé e avidos de sacrificio. Terá para sempre diante dos olhos tudo o que as paixões humanas teem gerado; e raro, muito raro, uma palmeira que se ergue sobre as encostas aridas da Judêa, atravez das columnas que formam o fundo do quadro em que Jesus brinca sobre os joelhos da Virgem, e as poucas arvores que emmolduram um retrato fidalgo de Van-Dyck.

Explico agora por que restringi esta revolução do gosto artistico em proveito da natureza, á litteratura e pintura das escólas da Europa occidental.

É que em verdade o que disse das galerias da Italia não póde sem restricções applicar-se ás escólas da pintura flammenga e hollandeza. Ahi, a par do que encontramos na Italia, encontramos tambem paizagens em nada inferiores ás me-

lhores de Corot. Se bem me lembro, Eugenio Fromentin vai filiar na escola hollandeza as escolas francezas que foram creadas pelos tres pintores que acima indiquei.

Parece que a lucta mais viva com a natureza dos paizes do norte educou mais cedo o homem na sua comprehensão e o ensinou a apreciar a belleza dos prados que creára com tanto trabalho, quando ainda no meio-dia da Europa se olhava com indifferença a natureza tão fecunda a que, talvez por ser excessivamente generosa, eram mal pagos os seus beneficios.

O mesmo e pelos mesmos motivos acontece com a litteratura ingleza em que Wordsworth tem avós muito antigos e muito illustres.

Devo todavia acrescentar que, quanto posso julgar pelas minhas impressões pessoaes, na escola hollandeza e ainda nos mestres que mais particularmente se affeçoaram á pintura da paizagem, o estudo da natureza não tomou este character exclusivo com que nos apparece na obra de Corot e Rousseau. Nas minhas recordações a paizagem associa-se quasi sempre a qualquer scena da vida agricola e á pintura de animaes que lhe dão o movimento e vida que d'outra fórma lhe faltaria. Vi muitos prados em que as vaccas punham enormes manchas e com o olhar manso e o ubere farto evocavam em mim idéas de paz

e abundancia, e todos estes quadros espalhados entre muitos em que não faltavam as canecas de cerveja e o habitual cachimbo; mas só entre os pintores modernos tenho com frequencia encontrado quadros no genero d'esta agua-forte de Frederico Slocombe, que tenho diante mim. Tres vidoeiros, sem folha, junto a um ribeiro; na margem opposta alguns outros cujas fórmas se projectam na agua apenas cortada de dois pequenos patos; o terreno relvoso, ligeiramente ondulado e um céu quasi sem nuvens em que as arvores se desenham nitidamente;—taes são os unicos elementos que constituem o quadro. Paizagens d'este genero não abundam entre os antigos. Tãmanha singeleza demanda para ser comprehendida uma viveza de sensibilidade que só civilisações tão complexas como a nossa podem produzir.

Penso que nenhuma objecção de valor se poderá apresentar em opposição ao facto de que o sentimento da natureza occupa no espirito, na litteratura e na arte modernas o logar que em tempo algum occupou.

Tão bem averiguado me parece este facto como bem evidentes as suas origens.

Ahi por meado do seculo passado, cansados d'uma vida extrema e exclusivamente artificial manifestou-se nos homens um desejo intenso de

emancipação e liberdade. O espirito de Rousseau deriva claramente da época classica, pois que significa a reacção contra o convencionalismo de todo o genero que a dominava; é a consequencia inevitavel do esquecimento das leis de equilibrio que devem reger o mundo intellectual e moral como regem o mundo physico.

Idéas, sentimentos, linguagem, fórmulas de governo, philosophia, acções e pensamentos, tudo os classicos quizeram determinar d'uma vez para sempre. Mas como na natureza humana ha sempre um instincto de liberdade e espontaneidade que ninguém pôde subjugar, chega um momento em que as forças comprimidas recobram o seu imperio e, como a reacção é sempre proporcional á acção, a livre expansão das energias individuais tomou n'esta época logar igual áquelle que o espirito classico occupava.

Fugindo um desequilibrio foi-se cahir no desequilibrio opposto.

A pedra estava lançada, satisfazia uma necessidade, e por isso o espirito, que essa reacção creára, se continuou e cresceu até nossos dias, ainda que sob fórmulas diversas e por diversos modos.

Um dos elementos que melhor alimenta este vivo amor da natureza é o progresso scientifico.

A observação e a experiencia constituem o

unico meio seguro de estudo scientifico. Os naturalistas já se não fazem na sua cella; as viagens e a observação directa são a primeira necessidade dos seus trabalhos.

Aconselhando o estudo da anatomia da paisagem, Hamerton mostra a influencia reciproca dos estudos da sciencia e da arte.

«A geologia, como a botanica, é simplesmente uma parte d'um grande e vasto estudo, a anatomia, que incluye todos os estudos da natureza que tem por fim conhecer mais exactamente as cousas, separando as suas partes. Por esta razão pareceu sempre prova de inconsequencia nos artistas que tenham dado tanto valor á anatomia do corpo humano e dos animaes e tão pouco á anatomia do mundo vegetal e mineral. O seu desprezo da geologia e da botanica chega muitas vezes a ser um sentimento de repugnancia e opposição, como se o mesmo argumento que n'um caso se póde usar contra a anatomia, não podesse ser, com igual força, empregado contra ella n'outro caso.» «O unico perigo n'estes estudos, para os artistas, é que elles fomentam habitos de espirito mais scientificos do que artisticos, de fórma que, se as faculdades artisticas não são de grande força podem ser vencidas pelas actividades scientificas.»

Este perigo que existe para os estudos artisti-

cos, existe igualmente para os estudos scientificos. Ambos teem por facto primordial concentrar a attenção do estudante sobre os objectos naturaes e, conforme as suas aptidões e a sua maneira particular de sentir, tomará um ou outro caminho. Sciencia e arte correm os mesmos perigos e aproveitam dos mesmos beneficios. Por isso eu disse que o desenvolvimento scientifico tem concorrido para alargar e desenvolver o sentimento da natureza.

Tambem não tem concorrido pouco para o mesmo fim a nossa organização social. Como a vida de cõrte no seculo XVIII, a industria e a vida commercial das nossas cidades provocam identica reacção, que não é outra cousa senão a satisfação d'um intenso desejo de repouso e de vida interior. Este movimento constante, esta vozeria de ensurdecer, esta vida agitada e monotona produzem uma irresistivel necessidade de prazeres mais tranquilllos e variados, um desejo ardente de descansar os braços para pensar um pouco e de quebrar esta muralha de chaminés para espraiair a vista por esses campos além. Suffoca-nos o fumo da fabrica; precisamos d'ar puro e de liberdade para os pulmões. A vida de cõrte e a vida industrial teem de commum este fundo de monotonia e artificio, esta asphyxia da espontaneidade, esta transformação do homem em machina. D'ahi a

necessidade de quebrar o molde, o gosto das viagens, do campo, das montanhas, da paz da vida rural; e d'ahi tambem um novo espirito e novas necessidades de expressão, novas fórmulas de litteratura e arte.

Parece todavia que o vigor da analyse não corresponde aqui ao vigor do sentimento. Sob um qualquer termo vago, — naturalismo, sentimento da natureza, agrupam-se idéas e sensações totalmente diversas. Se, como eu penso, a critica é principalmente um trabalho de analyse e classificação, a critica das obras que este sentimento tem produzido, e sobretudo a critica da paizagem, está ainda por fazer. Verdade seja que não sei bem se n'esta infinita variedade será possível estabelecer alguma ordem, não sei se afinal será possível reduzir a categorias mais ou menos coordenadas toda a série de emoções e obras que d'estes sentimentos tem brotado; mas vejo trabalhos recentes que, embora sob diferentes titulos, se podem julgar uma tentativa d'este genero.

A primeira vez que encontrei algumas observações sobre a critica da paizagem foi n'um livro de Taine ¹. Ficaram-me d'essa leitura algumas

¹ *Voyage aux Pyrénées*, 8^e édition. Paris; Hachette et Cie.

poucas idéas que mais tarde tive ocasião d'appliquer muitas vezes.

Transcrevo uma pagina que se refere á expressão da paizagem :

«— Alors les montagnes peuvent avoir une autre beauté que le grandiose?

— Oui, puis-que parfois elles ont une autre expression. Voyez cette petite chaîne isolée, contre laquelle s'appuient les Thermes : personne n'y monte; elle n'a ni grands arbres, ni roches nues, ni points de vue. Eh bien, hier j'y ai ressenti un vrai plaisir; on suit l'âpre échine de la montagne sous la maigre couche de terre qu'elle bosselle de ses vertèbres; le gazon pauvre et dru, battu du vent, brûlé du soleil, forme un tapis serré de fils tenaces; les mousses demi-séchées, les bruyères noueuses, enfoncent leurs tiges résistantes entre les fentes du roc; les sapins rabougris rampent en tordant leurs tiges horizontales. De toutes ces plantes montagnardes sort une odeur aromatique et pénétrante, concentrée et exprimée par la chaleur. On sent qu'elles luttent éternellement contre un sol stérile, contre un vent sec, contre une pluie de rayons de feu, ramassées sur elles-mêmes, endurcies aux intempéries, obstinées à vivre. Cette expression est l'âme du paysage; or, autant d'expressions diverses, autant de beautés différentes, autant de passions remuées. Le plaisir consiste à

voir cette âme. Si vous ne la démêlez pas ou qu'elle manque, une montagne vous fera justement l'effet d'un gros tas de cailloux.»

D'aquí já nós podemos tirar um primeiro ponto a observar e discutir em cada paizagem — a expressão; o que naturalmente nos leva a procurar primeiro o numero e genero de expressões diferentes que se podem attribuir á paizagem.

Temos a primeira especie no caso referido por Taine — a esterilidade; e em opposição a esta encontramos logo a fertilidade.

E é tudo quanto da sua vida interior nos pôde dizer a paizagem? Penso que sim, á parte a escolha dos termos que me parecem dever ser substituidos por outros que melhor designem estes dois generos de expressão.

O mar com a sua agitação permanente e a sua immensa superficie infecunda, os picos agrestes das montanhas que se perdem nas nuvens, sob um pedestal de rochas informes, arrancadas do seio da terra por um esforço gigantesco, ou arrastadas nas torrentes das revoluções do globo, a charneca árida, núa, abrazada n'um sol inclemente; todas nos fallam ao pensamento a mesma linguagem, todas nos contam a mesma historia d'uma vida mesquinha, ingrata, esteril e agitada.

O campo farto, humido, abrigado das rajadas

do norte que açoutam as cumiadas dos montes; o valle que se estende tranquillo entre as montanhas protectoras, banhado de ribeiro largo e manso; a floresta cerrada a trasbordar de vida, que brota da terra em ondas de verdura; todas nos dizem a sua vida abundante, intensa e facil.

A expressão objectiva da paizagem reduz-se sempre a um estado de equilibrio ou disequilibrio das forças da natureza. Que a esterilidade provenha do ardor do sol ou da inclemencia do gelo, da pobreza do sólo ou da agitação das aguas, é sempre o dominio unico, devastador, de uma das forças da natureza, como a fertilidade é a concorrência e o equilibrio de todos os seus elementos, a protecção dos rigores do vento e do frio pelas serras visinhas, o prado que se sacia no ribeiro que o cerca, o rio que corre sereno no seu leito plano.

E todavia é frequente attribuir á paizagem qualidades exclusivamente humanas, dizer que esta é alegre, aquella melancolica. Julgamos da paizagem pelo estado do espectador e queremos vêr no objecto aquillo que só pertence ao sujeito. É um dos muitos erros que proveem da falta d'analyse a que acima me referi. Vemos na paizagem o estado do nosso espirito e por isso julgamos causa determinante d'este o que é apenas a conformidade do mundo externo com as nossas idéas

e sentimentos. Não é a paizagem que nos entristece, são os nossos sentidos que percebem o que n'ella ha de triste ou alegre, conforme a educação, a saude, um estado d'alma produzido por causas diversas e anteriores á presença do quadro a que attribuímos toda a influencia.

Todos os que estudamos em Coimbra tivemos occasião de vêr o Penedo da Saudade ao pôr do sol. O espectador fica de costas para o poente; tem diante de si uma larga bacia, escassamente povoada de raros casaes, o campo verde ou negro conforme a estação, e o cinzento do olivedo abundante envolvendo tudo n'uma ligeira nevoa. Os montes que formam a bacia são pouco elevados e de contornos muito suaves e só ao longe a serra da Louzã nos apparece com um desenho mais firme, coberta do legendario azul das montanhas. Vem cahindo a tarde e no fundo apparece uma nodoa negra que se vai alastrando lentamente e subindo de vagar as encostas até varrer da cumiada dos montes o ultimo raio do sol. Depois tudo cae na luz igual e indecisa do crepusculo.

Muitas vezes presenciei este espectaculo e pensei se realmente tinha alguma cousa de melancolico. Pareceu-me sempre que, segundo a disposição de cada um, tanto se podia vêr tenebrosa tristeza na sombra que se alastra, como na derradeira luz do sol um bafejo de vida, as benções

da natureza e toda a alegria da esperança do renascimento.

«Quando dizemos que uma paizagem é melancolica e parece attrahir-nos e prender-nos como por encanto, o que realmente sentimos é a melancolia do artista que escolheu o assumpto e na sua interpretação derramou uma tristeza poetica.»

Isto que é verdade com relação á paizagem sentida atravez do quadro e do livro, é igualmente verdadeiro com relação á paizagem sentida directamente, com a differença de que a tristeza que acolá nos vinha da communhão com os sentimentos do artista, vem-nos aqui dos nossos proprios sentimentos.

Diz-se d'uma paizagem, e principalmente do mar e das montanhas, é *magestoso*, é *sublime*, é *grandioso*, como se estas paizagens tivessem o poder de dar magestade ao anão e inspirar a um cretino idéas grandiosas e sublimes. É sempre a mesma confusão, a mesma ausencia d'analyse, a mesma insistencia em pôr no objecto o que só reside e só póde residir no sujeito.

Convém á força e magestade do espirito a altivez das montanhas, a impassibilidade com que soffrem os rigores da tempestade; convém á largueza d'animo os horisontes sem fim, a vastidão do mar; e á mulher a delicadeza e a graça das

flores, o mimo das rosas, as fórmãs extravagantes das orchideas. Esta é a verdade.

Na critica da paizagem não é menos esquecida a relação entre a paizagem e o estado physico do espectador do que a relação entre a paizagem e a sua feição intellectual e moral.

«A noção de grandeza d'uma montanha está estreitamente ligada á fadiga e difficuldade da ascensão. O terror do deserto é devido ao nosso conhecimento de que se ao atravessal-o os viajantes succumbem á fadiga ou á sede terão julgada a sua sorte; para elles não ha mais do que a morte sobre as areias ardentes. A sublimidade dos grandes espaços do nosso planeta foi sensivelmente diminuida pelas maiores facilidades mechanicas de os atravessar. O Atlantico é difficilmente sublime para os passageiros d'um hotel fluctuante que o atravessa n'uma semana, mas recobra todo o seu velho terror e sublimidade para os naufragos que vão n'um bote. Todavia o oceano é o mesmo em ambos os casos, sendo a differença entre o homem ajudado pela força sobrehumana do vapor e o homem deixado aos seus proprios recursos.»

«Os dois typos de character na paizagem mais desejados e mais estreitamente associados ás condições physicas são a grandeza selvagem, associada á audacia, ou pelo menos á energia, e

a doçura e amenidade associada á indolencia ou fraqueza. É curioso que entre os pintores paizagistas classicos os dois que são mais famosos e a que a litteratura mais vezes se refere representaram estas duas grandes divisões das emoções physicas com extrema clareza. Salvador Rosa representou entre os nossos avós o lado energico do amor da paizagem, e Claudio o lado tranquillo. Salvador teve as tendencias de uma poderosa natureza physica, Claudio o gosto d'uma natureza mais delicada e provavelmente mais fraca, suavizada ainda pela civilisação. A indolencia de Horacio, a dôce amenidade de Virgilio, fazem-n'os em litteratura os antepassados remotos de Claudio.»

Pessoalmente tenho tido occasião de verificar estas verdades. Atravessando a serra da Estrella quasi não tive senão sensações de desgosto e desanimo. Fiz uma viagem violenta, estava fraco, os guias eram maus e conduziram-nos pelos trilhos mais asperos. Ao contrario, na serra do Gerez, quando a paizagem me não enthusiasmava, deixava-me apenas indifferente; nenhum desgosto, nenhuma saudades do viver tranquillo. É que viajava com uma fadiga relativamente nulla.

A montanha ingreme, escabrosa e a planicie immensa teem para o homem vigoroso um aspecto alegre, são vasto campo para dar livre ex-

pansão aos impulsos da sua actividade. Vê n'ellas a esperança do prazer e antegoza as suas delicias. O homem fraco, doente, que póde vêr n'ellas senão um motivo de dôr e de afflicção, interminaveis horas de tormento?

É este prazer da actividade physica que nos faz apreciar tanto a ascensão aos pincaros mais altos. É principalmente uma sensação de victoria que ella nos dá; sentimo-nos como senhores da natureza e o prazer é tanto maior quanto maior foi o esforço para subir e vencer.

Não se pensa assim vulgarmente. Julga-se que ao subir uma montanha o que temos a esperar no fim de tanta canceira é o goso d'uma vista *deliciosa*, ao que de ordinario se diz. Pois bastará ligeira reflexão para nos convencer de que uma paizagem é tanto menos propria a li-songear os sentidos quanto mais vasto fôr o seu campo.

«A belleza do scenario não cresce com a elevação do espectador, nem mesmo o sentimento da elevação augmenta em grau proporcional. A todos os pintores de paizagem é familiar o facto de que quanto mais alto estamos menos a paizagem se torna propria á pintura; mas não é preciso limitar-nos ao ponto de vista do pintor de paizagem, fallamos da natureza que temos presente, independentemente das bellas artes. Mes-

mo com esta liberdade mais larga de pensar somos ainda obrigados a confessar que, se subindo mais alto ganhamos sempre, constante e permanentemente perdemos na ascensão um certo genero de belleza. D'uma outra montanha vemos melhor as montanhas altas, mas as elevações inferiores vão-se aplanando diante de nós á maneira que subimos. Uma perda ainda maior é a difficuldade de vêr os pontos distantes emmoldurados como estavam, pelas scenas lateraes. Uma tal disposição, com scenas lateraes, julgou-se sempre necessaria, não só na pintura de paizagem, mas também no theatro e na disposição dos jardins, e se alguém me culpa por me referir a cousas tão artificiaes como estas, responderei promptamente que as necessidades do espirito humano se revelam mais claramente quando elle tem a liberdade de manejar as cousas como melhor lhe apraz. Ora, quanto mais alto estivermos n'uma montanha menos probabilidades temos d'abran-ger uma vista agradavelmente emmoldurada, e quando finalmente pararmos sobre qualquer pico isolado nenhuma scena lateral qualquer podemos ter, mas sómente vêr a natureza como se fôssemos um falcão pairando, ou um aeronauta suspendido n'um balão. Eu diria, portanto, que o prazer de subir ás montanhas altas é muito menos de natureza artistica do que de natureza physica ou

mesmo moral. O prazer physico está no exercicio das melhores forças do corpo com a profunda satisfação de sentir que as estamos desenvolvendo, o prazer moral na estreita analogia, que todos os homens sentem mais ou menos, entre o esforço physico necessario para subir a uma montanha e o esforço moral necessario para alcançar uma vida mais elevada.» Mas emoções puramente artisticas é escusado procural-as por esta fórma. O ponto de vista é inconveniente e a largueza das proporções apaga todas as fórmas, funde todas as côres, põe tudo fóra do alcance da vista. E como ter prazer no que não podemos sentir?

Levam-nos estas reflexões a considerar na paizagem uma ordem de sensações diversas das que até aqui temos considerado. Fallámos da expressão da natureza, sentida directamente ou atravez da interpretação do artista, e não nos referimos ainda aos prazeres puramente sensuaes que ella nos dá. De facto, o que muitas vezes se procura na paizagem e no quadro, não é tanto a sua expressão como as delicias d'uma combinação harmoniosa de côres ou de linhas, o prazer do desenho delicado, fórmas novas e pittorescas.

Nas sensações d'este genero, nenhuma condição são tão importantes como a proporção e

harmonia. Um castello é sempre um castello, uma arvore é sempre uma arvore, mas para que nos possam lisongear a vista, é preciso que verdadeiramente a impressionem, é preciso que pelo volume e pela distancia possam ser sentidas. Muito perto perde-se a sensação da totalidade, muito longe perde-se tudo, a sensação da parte e do todo. Podem as brumas do oceano deixar-nos em sonhos sem fim, arrastar-nos de pensamento em pensamento como as suas ondas se revolvem, mas quanto mais nos dizem ao espirito menos nos acariciam os olhos.

Depois a harmonia é necessaria para gozar a paizagem como a repetição é necessaria para bem comprehender. Ha certa adaptação dos sentidos ao objecto, que faz que uma sensação precise de se repetir para que seja sentida em toda a sua intensidade. Parece que as sensações, em principio, teem toda a dureza d'uma corda nova. Afigura-se-me ser esta a explicação de todo o poder da harmonia.

O amor sensual da natureza, independente das suas virtudes de expressão, é talvez o caso mais frequente na litteratura, na arte e na observação directa. Poderemos ainda acrescentar sem grande inexactidão que, como instrumento de prazer artistico, apreciamos principalmente as paizagens que se distinguem, ou pela harmonia,

ou pelo movimento e vida, ou por effeitos de luz e de colorido, ou finalmente pela extravagancia e firmeza do desenho.

Do que vale a harmonia nada nos diz tanto como as relações da architectura e da paizagem.

« Escolher sitio para todo o genero de edificações, desde as cathedraes e castellos feudaes até ás mais humildes igrejas e *cottages*, criticar a escolha feita e pensar como uma edificação teria parecido muito melhor se o architecto tivesse possuido alguma cousa do nosso discernimento e tivesse collocado o edificio na situação que sabemos ser a mais favoravel, é um passatempo barato que muitas pessoas praticas podem considerar uma ociosa phantasia, porque é claro que o projecto de edificar sobre terra que não é nossa e com dinheiro imaginario, é um projecto que provavelmente não terá realidade. Todavia, os sonhos de cada dia podem ser uma parte da nossa educação, e é de sobejo evidente que, se a escolha dos sitios tivesse sido mais habitualmente materia de reflexão, mais do que um erro lamentavel se teria evitado. Desprezar a materia inteiramente até que tenhamos de edificar uma casa, é como desprezar a arte militar até ter de ferir uma batalha. »

« Todos sabemos que um objecto póde parecer mais importante, sendo posto sobre uma es-

pecie de suporte. Isto faz-se igualmente para obras d'arte importantes e para as que são comparativamente pequenas. Uma estatua colossal de bronze é collocada sobre um pesado pedestal de granito, um pequeno grupo de prata é posto sobre uma pequena peça de marmore preto; em ambos os casos a obra d'arte ganha em significação d'uma base material que em si significa muito pouco, e o espectador é serenamente levado á ideia de que toda a massa, a parte fundida e o pedestal conjuntamente, tem a significação que na realidade só pertence á parte fundida. Isto leva-nos um degrau acima; vemos a necessidade d'um pedestal, mas ainda não procuramos se existirão certas necessidades de relação entre o pedestal e a obra d'arte. Não é possível que a obra d'arte seja muito larga ou muito estreita em proporção do pedestal, e não póde acontecer que, mesmo independentemente da questão de simples grandeza, o character da obra d'arte não convenha ao pedestal sobre que está collocada? A resposta a esta pergunta é obvia, e, todavia, pela maneira por que muitas vezes se levantam as edificações sobre os seus pedestaes naturaes, pareceria que toda a materia era obscura.»

«Não é meramente a grandeza d'uma edificação, mas o seu character, que deve determinar

a natureza do pedestal.» Ninguém dirá que ás planicies d'Aveiro quadram bem as linhas pittorescas dos castellos, nem tão pouco que nos alcantis da Beira fica bem o rigor e a severidade das linhas classicas do templo grego. A vista não se presta a transições tão asperas e uma vez levada em certa ordem de linhas soffre dolorosamente estas mudanças bruscas.

As pontes e as arvores, por exemplo, prestam valioso auxilio ao artista e permitem-lhe muitas vezes ligar e harmonisar elementos primitivamente desconnexos.

Será muito mal lançada a ponte que não augmentar a belleza do rio. Dir-se-ha, e com verdade, que o prazer que essa vista nos dá vem em grande parte das bellezas da propria construcção, do arrojo das linhas, da graça das curvas; mas não é menos verdade que ligando as duas margens nos poupou uma transição penosa. O mesmo acontece com as arvores que estabelecem uma ligação entre um edificio e os terrenos visinhos. Tenho presentes dois desenhos de Hamerton que o mostram perfeitamente.

Um representa as construcções d'uma granja, situada n'um valle bastante largo e ladeada de encostas muito suaves. Alguns choupos, entre as casas, altos, esguios, ligam as casas e as encostas e fecham o quadro completamente; o outro

são pequenos *cottages* e algumas arvores sobre umas rochas á beira do rio. Este desenho tem um fim differente, mas mostra afinal a mesma verdade, o mesmo poder de harmonia resultante de associações de objectos heterogeneos. Todos sabem como as arvores eram complemento necessario dos palacios dos nossos fidalgos e todos reconhecem como lhes augmentavam a belleza. Uma boa álea de platanos prepara-nos admiravelmente a pisar o peristilo romano, e nenhuma sentinella guarda com maior magestade a entrada d'um solar nobre do que os fortes braços nodosos do sobreiro antigo.

Porque destroe na paizagem a belleza resultante da harmonia que por sua vez resulta da acção d'um mesmo sólo e clima sobre os seus productos, teem a agricultura e a industria destruido tantos e tantos quadros magnificos, quando, como é frequente nas regiões muito industriaes, não conseguem estabelecer harmonias de um outro genero.

«É melhor, sem duvida, ter uma densa população industrial e bem alimentada, n'um paiz inteiramente conquistado pela agricultura e pelas manufacturas, do que uma população pequena e faminta nos valles de Connemara, mas a belleza da paizagem e o dinheiro que dá cada are são inteiramente independentes um do outro.»

« É necessario tambem estabelecer uma distincção clara entre os factos que são proprios para a poesia e exprimidos com bom effeito em versos melodiosos, e os aspectos reaes dos factos descriptos quando não ouvimos simplesmente falar d'elles, mas os vemos com os olhos do corpo. O simples verso

Um valle rico e fertil,

imediatamente desperta as idéas mais agradaveis. A mera noção de riqueza e fertilidade é agradável á natureza humana. Gostamos de ser ricos, gostamos de que a nossa terra seja fertil, e todavia «um valle rico e fertil» póde ser destituido de belleza; póde ser occupado por um agricultor de saber que nenhuma arvores tolera, que divide os seus campos com cadeias de ferro moveis, e só tem o gado no estabulo, onde passa todos os seus dias n'uma casa limpa mas feia. A machina a vapor faz a lavoura, e o velho trabalho poetico do ceifeiro é feito por um homem sentado n'uma extravagante invenção de ferro fundido e guiando uma parelha de cavallos.» Não faltam na agricultura plantas nem animaes, mas toda a harmonia foi destruida em vista d'um fim puramente utilitario.

N'esta mesma classe de emoções phisicas de-

vemos tambem incluir grande parte do interesse que despertam os animaes na paizagem, com a differença de que o que ha pouco era resultado de vibrações unisonas e parallelas é aqui resultado da intensidade do movimento, principalmente. Podem as figuras e animaes subordinar-se na paizagem a effeitos de harmonia com a natureza visinha, mas é uma difficuldade reconhecida dos pintores a difficuldade da representação de animaes sem prejuizo da pura natureza. É que realmente, importando a representação de animaes o movimento e vida que sempre lhes anda associado, o resultado é que, nas paizagens d'este genero, é esta ultima qualidade que principalmente nos attrae e deleita.

« Todo o pintor de paizagem conhece por experiencia o maravilhoso poder de attrahir a attenção que possui uma figura na paizagem, por mais insignificante que seja a sua grandeza, por mais ordinario que seja o seu aspecto, por mais trivial que seja a sua acção. É bem conhecido que um dos maiores embaraços praticos da arte da paizagem é resolver se havemos de dar sómente a natureza pura, que parece deserta, se introduzir figuras que podem desviar a attenção do espectador do scenario a que o pintor consagrou quasi todo o seu trabalho sério. »

« As figuras são por toda a parte perigosas

na paizagem, de fórma que é preciso ou um talento consummado ou um gosto e tacto instinctivo para as introduzir de maneira a poderem pertencer á scena. »

Este poder extraordinario das figuras e animaes deriva do seu movimento, intenso relativamente á tranquillidade e repouso da natureza circumvisinha.

Parece-me que é tambem, em grande parte, pelo movimento e agitação, que simulam a vida, que os ribeiros e o mar tanto nos attrahem.

« A característica essencial do ribeiro é a sua vida. Em alguns paizes planos ha pequenas correntes que se movem lentamente e silenciosamente atravez dos prados, e supponho que pelas suas dimensões poderão ser classificadas como ribeiros; mas como um rapaz socegado, sério e grave que passeia solemnemente como um velho hypocrita, difficilmente póde ser um rapaz, excepto unicamente na idade e no tamanho, não tendo nada da vivacidade dos rapazes, assim um ribeiro que rasteja mollemente de granja para granja, é destituído das alegres características do ribeiro. Nunca posso pensar d'um ribeiro senão como d'um rio-rapaz. Os antigos representavam muito bem um rio largo como o Rhodano por um velho com umia longa barba (posto que devesse ter sido um velho muito vigoroso para ca-

minhar tão ligeiro e infatigavel como o Rhodano), mas os seus ribeiros deviam ter sido representados por estatuas de rapazes. Talvez seja um sentimento de semelhança o que faz os rapazes tão amigos dos ribeiros.»

Na infinita variedade de grau que o movimento póde apresentar na natureza, o mar representa a maior e mais constante agitação possível. Este é um dos mais poderosos motivos que nos levam a contemplar com tamanho e tão prolongado prazer o revolver das ondas. Ha para os olhos uma volupia sem igual na permanente mutabilidade, no esforço impotente em sustentar um momento a mesma fôrma.

Continuando a exemplificar apenas, como é meu proposito, passo a uma outra ordem de emoções physicas, ás que resultam dos efeitos da luz e colorido. Ainda n'estas o mar nos offerece magnificos quadros.

«Uma grande superficie d'agua reflecte a luz com grande intensidade e multiplica-a em innumerous pontos luminosos, produzindo o muito familiar mas sempre esplendido e notavel aspecto d'uma estrada de luz atravez o mar, que vai do espectador a um ponto debaixo do sol ou da lua, alargando-se muitas vezes em raios brilhantes para a direita e para a esquerda, conforme a sua superficie se encrespa. Isto não acontece em ab-

soluta calmaria, a imagem do orbe reflectindo-se simplesmente na agua, e no tempo revolto as reflexões não são mais do que um dispersar desordenado de luz vacillante sobre as vagas. A perfeição d'este mar dourado ou prateado encontra-se em tempo sereno, com fracas brizas locaes que brandamente encrespam a superficie aqui e alli e produzem na agua caprichosãs mudanças de desenhos, umas vezes em largas listas, outras em espaços separados, e outras desfazendo-se para a direita e para a esquerda em faiscas cada vez menos unidas. O effeito é tão bello que sugere a noção d'uma estrada de luz, levando a qualquer paiz do ideal.» E semelhantemente são effeito de luz e colorido cambiante as bellezas do lago em que se mira a pequenina aldeia, banhado da luz vermelha da manhã, acordado ao baloiçar da aragem fria que desce da montanha.

Incluirei n'esta mesma categoria um espectáculo frequente para quem vive proximo dos montes, e de que tenho presente uma photographia. Foi tirada no Gerez, n'um dia de chuva, mas o phenomeno é igualmente frequente na manhã de qualquer dia, quando o sol despe as montanhas do véo de nuvens com que a noite as cobriu. Todo o primeiro plano é d'uma extrema clareza de desenho, o rio corre por entre a penedia de granito e ao lado espreita-o uma habi-

tação meio escalavrada; todo o fundo é formado pelos montes caprichosamente cortados de nuvens que se vão arrastando preguiçosas.

Todas as côres se fundem n'estes continuos cambiantes e uma deliciosa transparencia torna impalpaveis todas as fórmas; adivinham-se, não se vêem.

Parece ainda aos meus olhos que são tambem effeitos de luz e colorido

... les grands blés muris, tels qu'une mer dorée,

que

Se déroulent au loin, dédaigneux du sommeil

e as vastas superficies arborisadas, como a mata do Bussaco, vista do Calvario. Nenhumas fórmas definidas, uma successão de tons deliciosos que se desdobram n'uma infinita variedade, sem interrupção nem repouso, n'uma luz abundante e igual.

Ao lado do gabinete em que trabalho ha um grupo de eucalyptos muito desenvolvidos, que em certo ponto é limitado por um cupressus e uma casuarina. Á hora em que o sol o illumina de lado, é d'um bello effeito, que attribuo não tanto á differença de colorido das tres especies agrupadas, como á sua differença de densidade e

á maneira differente de receber a luz. O cupressus, espesso e mate, tem manchas de sombra impenetravel, a folhagem polida e compacta do eucalypto reflecte quasi na sua totalidade a luz que a casuarina absorve e pulverisa na sua folhagem tenue. E de tudo resultam as interminaveis caricias de cambiantes de luz.

Em completa opposição a este quadro vi ha pouco dois álamos que representam para mim um outro genero de belleza, a que deriva da firmeza e precisão do desenho. Inteiramente desfolhados, illuminados pela luz rasteira d'um meio dia d'inverno, sós n'um vastissimo campo, estendiam á vontade os longos braços e desenhavam-se no ceu limpo, sem nuvens, com uma admiravel delicadeza.

É porém forçoso reconhcer que este é o genero de belleza sensual menos frequente na paizagem.

Socorro-me ainda a um livro de Hamerton ¹: «Estudantes severos das linhas classicas tem sido muitas vezes desfavoraveis á paizagem, desfavor que é perfeitamente natural, porque, embora muitas vezes se encontrem bellas li-

¹ *The Graphic Arts*. London; Seeley, Jackson and Halliday, 1882.

nhas na paizagem, o seu interesse depende geralmente muito mais da luz e sombra, e especialmente da côr, do que da belleza de linhas em qualquer grau. Como porém a belleza de linhas da paizagem é geralmente desprezada, peço ao leitor me permitta algumas palavras em sua defeza. »

« A belleza de linhas encontra-se mais vezes em certas arvores do que em outras, e (como regra geral) mais nas folhas individualmente, ou em pequenos grupos, do que nas massas de folhagem. Os troncos d'algumas arvores, como o platano e a faia, são ricos em belleza de linhas; emquanto outras, como o carvalho, são mais pittorescas do que bellas. O scenario montanhoso e nobre, como o da Suissa e da Saboia, abunda em linhas deliciosas continuamente alteradas, á maneira que caminhamos; emquanto elevações menores, e entre estas algumas das mais pequenas e menos imponentes, como as do sul da Inglaterra, são muitas vezes de linhas singulares. Algumas das linhas mais bellas que se podem vêr nas fórmãs da terra, encontram-se nas primeiras ondulações suaves entre as largas planicies continentaes e as grandes cordilheiras de montanhas. De todas as cousas naturaes inorganicas, a neve esculpida pelo vento é a mais perfeita de contornos e caracteres lineares. Apaga as irregularidades pittorescas da

terra, e substitue-lhes um modelado claro como o do marmore delicadamente cinzelado, que por toda a parte apresenta um puro contorno. Uma grande variedade de linhas bellas póde encontrar-se na agua agitada, desde a onda pequena e unida, com a sua ininterrompida regularidade de fôrma até á vaga agitada que se arremessa espumante. Depois de ter mencionado algumas das cousas naturaes em que a belleza de linhas é mais commum, devo acrescentar que é mera superstição suppôr que o desenho da natureza é sempre bello. É algumas vezes feio, e isto acontece mais frequentes vezes ainda quando nos parece ter havido nas linhas naturaes um proposito de belleza muito imperfeitamente alcançada. É provavel que seja esta apparente realisação imperfeita de intenções artisticas na paizagem que faz que o desenhador de figura classica lhe seja tão indifferente, pois as linhas da figura núa, que está habituado a estudar, mais de perto conseguem o fim apparente.»

Não é sómente a satisfação dos sentidos que tanto nos faz apreciar a paizagem. Acontece mesmo que este é um genero de belleza a que só são sensiveis as organizações mais pronunciadamente artistas. Não é ainda a penetração da alma da paizagem, o conhecimento da sua vida interior, que determina o amor das viagens tão caracte-

ristico da nossa época, um como desejo de voltarmos a uma vida mais natural, de nos libertarmos de todos os encargos da civilização que afinal nos protege d'uma tutela que não poucas vezes nos parece pesada.

Eu creio que um dos motivos por que na literatura, no mundo e na arte, procuramos tão anciosamente os espectaculos da natureza, são as idéas que elles nos suggerem e que inevitavelmente lhes associamos. Sendo amator de flôres, nunca pude tolerar as plantas manchadas de branco ou amarello. Sei que essas manchas indicam qualquer doença, ou pelo menos certa fraqueza e distribuição irregular da vida, sei que d'ordinario desapparecem com a abundancia de alimento e de luz; e esta idéa de fraqueza e doença que sempre lhes associo, dão-lhes aos meus olhos um aspecto triste. Pela mesma razão fui sempre adverso á ornamentação das casas com plantas vivas. Começam logo por se estiolar e vivem vida breve e anemica. Depois, brigam com tudo o que as cerca, estão fóra de casa, em paiz estranho. Que o lilaz perfume o ninho da ave, que n'elle fez a sua morada e que a nossa habitação seja embellezada com os productos do nosso labor. Eu quizera para a ave uma vida mais natural; para o homem uma vida mais humana. Isto que sinto e penso a respeito das plantas vivas, não o

sinto igualmente diante das flôres cortadas. Em regra a flôr cortada não dura menos por isso. E ha uma agitação suave e dôce de todo o sêr humano n'esta idéa de agasalhar e proteger, n'esta contemplação sincera e generosa, nunca retribuida, isenta de toda a esperança de gratidão. As arvores mutiladas pela cultura suggerem-nos idéas de soffrimento e dôr; os pomares derrubados de fructos suggerem-nos idéas de abundancia.

Ao carvalho fortemente enraizado, que não se verga á tempestade, associamos a idéa de força; ao salgueiro curvado, que se baloiça á mais pequena aragem, associamos a idéa de fraqueza.

« Quanto mais perigosa nos parece uma ponte — perigosa de edificar, perigosa de atravessar — mais desperta em nós estes receios sympathicos pelos outros, que são poeticos quando suggeridos pela imaginação. »

« Um rio não é simplesmente o que o viajante pôde vêr em certo momento. A extensão do seu curso, a variedade de scenas que atravessa, as cidades por onde passa, o rio mais largo a que se junta, talvez a cem milhas d'alli, ou o mar no qual, o que pôde ser a distancia ainda maior, perde por fim toda a sua individualidade; todas estas cousas são vaga ou claramente presentes á memoria quando vemos as suas aguas ou simplesmente ouvimos o seu nome. »

«O oceano tem em certa forma uma vaga relação com a historia das raças humanas, e especialmente com a das nações maritimas.» Olhamos o Tejo e pensamos em todas as nossas glorias d'outras eras, nas viagens do Gama, os vagos receios da partida e os galeões que se arrastavam pesados das riquezas do Oriente.

Sob este ponto de vista a agricultura contém bellezas sem numero, tanto mais facilmente percebidas e intimamente sentidas quanto contrastam singularmente com a vida inquieta das cidades.

Inutil acrescentar mais exemplos de emoções moraes associadas á impressão physica da paizagem. Nem é meu fim catalogal-as nem ellas se prestam a isso na sua variedade de formas em extremo complexas. Duas idéas apenas eu quiz pôr em relevo: a falta de analyse das impressões e sentimentos que as scenas da natureza nos suggerem, falta em completa desproporção com o logar que esses sentimentos occupam na alma contemporanea; a possibilidade d'uma grosseira classificação.

MUSEUS E BIBLIOTHECAS

bibRIA

bibRIA

MUSEUS E BIBLIOTHECAS

Aos profanos é de tal modo desconhecida a noção de educação que nos espiritos mais estreitos se confunde facilmente com a instrucção; tal é a ignorancia em materia de tanta monta, que não é raro encontrar homens que, pela sua profissão, pela instrucção que receberam, pelo meio em que vivem e o logar que n'elle occupam, tendo obrigação de conhecer a fundo estas materias, começam por ignorar as suas idéas mais elementares, o sentido e o valor até das palavras de que usam e abusam tão impensadamente. Ao lado d'estes, amantes ignorantes e platonicos da educação, falsos protectores da instrucção popular que encontram aqui abundancia d'assumpto

para as suas arengas politicas, existe uma classe mais numerosa ainda, que, igualmente ignorante quanto á doutrina, não vendo na instrucção resultados economicos promptos e immediatos, calcula erradamente as suas vantagens, e lamenta constantemente o tempo que o filho perdeu na escola e os magros estipendios que o municipio dispensa ao professor da sua aldeia. A esta pertencem os paes que se recusam a mandar ensinar ás filhas a leitura e escripta, receando que mais tarde seja instrumento de seus derriços e galanteios, e os desgraçados lavradores ¹ que julgam melhor e mais rendoso o trabalho insignificante que as crianças, seus filhos, dispendem nas lavouras, que o tempo que empregam na escola.

Mas, diz o dictado: «ha bens que vem por males.» Quem pensar um pouco mais maduramente nas questões de educação e ensino verá

¹ Ainda mesmo não contando as vantagens economicas, que ao lavrador provém mais tarde da instrucção dos filhos, obrigando a sua ausencia durante os annos de escola a assalariar operarios da mesma classe, o resultado será que, embora esse tempo possa representar para o individuo um prejuizo extraordinario e momentaneo, nunca poderá influir na riqueza total da classe.

que nenhuma d'estas classes com toda a sua ignorancia, com todas as contrariedades e attritos que occasionam ao derramamento da instrucção, nenhuma d'estas classes, digo, é totalmente inutil ao seu progresso.

Da primeira, do desejo de mandar e ter influencia politica, da ambição de perpetuar o seu nome, tem nascido a criação de muita escola, a instituição de muito asylo de infancia, a dotação de muito estabelecimento de educação; da segunda, da frequente repugnancia dos paes em mandar os filhos á escola e da sua constante indifferença, tem nascido a necessidade de olhar mais seriamente pelos nossos estabelecimentos de instrucção, a necessidade de reorganisar a escola primaria e completar o seu ensino pela criação da escola pratica e profissional, sem a qual ficará inutil a instrucção recebida n'aquella.

O que é certo, e bem triste, é que, não obstante os conselhos e diligencias dos mais sabios e melhor avisados, — que em Portugal não faltam tambem professores e publicistas trabalhadores e conscienciosos, conhecendo estas materias tão miudamente e tão profundamente como os mais distinctos pedagogistas estrangeiros —; não obstante as liberalidades da politica e a generosidade dos capitalistas e senhores desejosos de conquistar sympathias e nomeada, tem-se feito mui-

to pouco e, o que é peor, mesmo esse pouco, mal feito. Ora quando uma idéa não conquistou ainda na opinião tal favor que lhe permita viver independente da sua boa ou má applicação, quando uma instituição se não radicou ainda por tal fórma no espirito popular que represente para elle uma necessidade, é preciso ser prudente na sua propagação, a menos de não lhe ter muito pouco amor. N'esta primeira phase todo o revez significa não a inaptidão d'um homem, a ausencia de direcção ou os vicios de organização, significa a condemnação da propria instituição; por isso quando mal organizada e dirigida mais serve de descredito a instrucção que de seu apoio e instrumento.

Um pouco n'estas circumstancias, estão, em geral, os museus e bibliothecas, com excepção dos poucos que tudo devem ao feliz acaso de terem encontrado um director, com o desinteresse e saber sufficiente para os cuidar e dispôr methodica e systematicamente.

Trata-se de crear um museu ou uma bibliotheca? Se é por conta e iniciativa do Estado, os deputados votam irreflectidamente, porque é essa a vontade do governo que apoiam, sem olharem ao seu fim e utilidade, nem ao plano que lhes propõem. Se é por iniciativa de um particular, que, na sua fortuna propria ou na sua influencia

sobre os estranhos tem meios para isso, todos applaudem; uns pelas suas relações com o iniciador, outros porque é de moda applaudir tudo o que traga a rubrica de *instrucção popular*.

Que idéa se fórma em geral d'um museu e d'uma bibliotheca? O que vulgarmente se entende por bibliotheca é uma reunião de livros; por museu uma reunião de exemplares de quanto ha na natureza, na arte e na industria, no viver do homem, nos seus habitos e usos, e nas suas relações sociaes; de tudo isto em globo ou de cada uma d'estas secções em particular. Quando muito, a esta primeira idéa junta-se a d'uma disposição methodica; a idéa de collecção junta-se a de classificação. Mas a isto se reduz o que, em geral, se pensa das instituições d'este genero.

Se houve pouco cuidado na fundação e organização, houve menos ainda na escolha do director. Trata-se d'uma bibliotheca? Entende-se que o melhor director será um bibliophilo. Ora o bibliophilo aprecia os livros pela sua antiguidade e raridade, e quasi nunca pelo seu valor intrinseco. Tanto basta para o condemnarmos num logar d'esta ordem. Trata-se d'um museu? N'este ponto, confesso, a nossa legislação e os governos tem sido um pouco mais sensatos. A maior parte dos museus estão confiados, legal ou real-

mente ¹, aos professores das cadeiras a que estão annexos. Se muitas vezes estão pobres e mal ordenados, e defeituosos os seus regulamentos internos é, ou por incuria do director, ou porque lhe falta o que falta a muitos dos nossos professores, ainda aos mais intelligentes e conscienciosos — a arte de ensinar.

E entretanto, creio, todos os poucos e pobres museus que no nosso paiz se tem creado, redobriariam de utilidade, se á sua organização presidisse idéa mais clara e precisa do fim a que se destinam, e houvesse maior rigor em lhe applicar os principios elementares da educação.

O que são os museus, e as bibliothecas? Instrumentos de educação e ensino; de qualquer das cousas separadamente ou d'ambas conjuntamente; e como taes, obedecem a leis de harmonia, proporção, equilibrio e classificação de cuja observancia está dependente a sua utilidade. O mu-

¹ O snr. Bernardino Machado, professor muito illustre da Universidade de Coimbra, renovou na camara dos deputados em janeiro d'este anno (1885) uma proposta de lei, segundo a qual a direcção das differentes secções do museu d'aquella Universidade ficará pertencendo ao professor da cadeira respectiva.

seu, pela inspecção do objecto, rectifica, esclarece e imprime mais viva e verdadeira no espirito a percepção de que a linguagem apenas lhe podia dar uma reproducção incerta e vaga, passageira e ephemera como tudo o que é superficial; enquanto o livro por outro lado nos indica e transmite idéas e relações que a simples vista do objecto era incapaz de descobrir.

D'aqui nos vem a necessidade de estabelecer a primeira regra — cada museu deverá ter uma bibliotheca cuja organização será conforme com o seu objecto, extensão, classificação e destino.

O que vale o ensino dos livros sem a observação e a experiencia directas, é processo julgado ha muito pelos pedagogistas e philosophos ¹. Tem sentença passada em julgado no campo

¹ « From want of opportunity, or from disinclination, many persons have all their information on certain subjects cast in the bookish mould, and do not fully conceive the particular facts as these strike the mind in their own character. A reader of History, with no experience of affairs, is likely to have imperfect bookish notions; just as a man of affairs, not a reader, is subject to narrowness of another kind. » *A. Bain's Practical Essays* (London — Longmans, Green and Co, 1884), pag. 251- 252.

doutrinário, sancionada pela pratica e uso das escolas melhor dirigidas de todas as nações civilizadas.

O que vale o objecto sem o livro, o que vale a observação sem a explicação do mestre, é ainda ignorado de muitos. Imagina-se que basta vêr para comprehender, não obstante abundarem factos, e bem vulgares, que demonstram o contrario. Madrid, com o seu afamado museu de pintura, não tem melhores artistas nem melhores criticos que Vienna d'Austria, com as suas colleções relativamente tão pobres. A Italia, com as suas ruinas gloriosas e os seus museus e as suas colleções particulares, tão ricas e tão generosamente abertas ao publico, seria, por essa regra, o primeiro paiz do universo no mundo das artes. Eu pergunto aos visitantes do museu de historia natural da escola polytechnica de Lisboa, aos leigos, bem entendido, pelas impressões das suas visitas, e todos me fallam das pedras preciosas e das côres brilhantes dos passarinhos da Africa. Será ainda objecto de conversa no jantar d'aquelle dia, mas em poucas horas tudo terá esquecido sem que da passagem pelo seu espirito ficassem vestigios alguns. Pela minha parte, confesso, valeram-me de muito mais as poucas horas que gastei com um livro elementar de Geikie e os quarenta exemplares de

mineralogia que o acompanhavam, que os dias que dispendi em visitar alguns dos mais ricos museus da Europa.

Bem sei que vale mais uma idéa vaga, que nenhuma idéa, o conhecimento dos factos independentemente das leis que os regem, que a sua completa ignorancia; o que simplesmente pretendo pôr em relevo é que os museus só por si valem pouco, e que, taes quaes estão, nem teem a utilidade que se imagina, nem tão pouco a que poderiam e deviam ter. Sei ainda que os museus só por si podem ter valor educativo, mas para isso é preciso que estejam em condições de que adiante fallarei.

Mas os museus são simplesmente instrumentos de educação, o meio de explicar e fazer comprehender descobertas anteriormente feitas, de demonstrar leis scientificas já estabelecidas, de dar idéa de objectos conhecidos? Certamente que não.

Além d'este e independente d'este, os museus e as bibliothecas tem um outro fim, qual é o de reunir os documentos que teem de servir de base a novos estudos e descobertas, os documentos para descobrir e estudar as leis da natureza e a historia da humanidade, as leis e o progresso do entendimento humano, a vida do homem no individuo e na sociedade.

D'aqui uma primeira divisão dos museus e bibliothecas, que, á falta de melhor expressão, denominarei, conforme o fim — museus de estudo e museus de ensino.

Os primeiros destinam-se a homens longamente, completamente preparados para, emancipados, sem guia, poderem á vontade remexer os archivos em busca de novas concepções da natureza ou da historia. Colligir e classificar é quasi a unica regra a que teem de sujeitar-se. O que importa principalmente é que os documentos não faltem, e que se possam encontrar com facilidade. O seu valor depende quasi exclusivamente da sua riqueza.

D'estes um unico para cada paiz será sufficiente: primeiro, porque em cada paiz é limitadissimo o numero de homens a que podem ser uteis; depois, porque seria inconveniente ao estudo dividir collecções d'este genero, inconveniente porque de factos dispersos não resultaria a mesma impressão que dos mesmos factos juxtapostos, inconveniente pela difficuldade material de os confrontar e combinar; finalmente, porque a sua sustentação requer um pessoal enorme e habilitado, e despesas grandes, — a tudo o que, é difficil prover. Além de que, por intensa que seja a actividade e vida d'uma nação, por muito longa e importante que seja a sua historia

e a tradição do seu passado, por muito rica que seja a natureza do seu solo e do seu clima, nunca é tamanha que um só museu e uma só bibliotheca a não possam conter.

Bem diferentes são os preceitos que devem regular a organização dos museus e bibliothecas do segundo genero, dos museus e bibliothecas de ensino.

Estes não miram a fornecer aos sabios e eruditos materiaes para os seus trabalhos; o seu fim é puramente educativo. Não se dirigem ao espirito já formado e emancipado; destinam-se a formar, robustecer e disciplinar o espirito dos menores; menores pela idade ou pelo grau de capacidade mental.

O que constitue a sua importancia é a proporção, o equilibrio, a harmonia da sua extensão e desenvolvimento com o grau do ensino de que são instrumento, o valor de cada um dos seus exemplares em relação ao facto ou lei que tem de mostrar e verificar; o que nos leva para muito longe da riqueza e ordem, quasi unicas necessidades dos museus do primeiro genero.

O primeiro cuidado nos museus de ensino deverá ser a proporção. Depois da falta de ordem, sem a qual toda a educação é impossivel, nada lhe é tão prejudicial como a falta de proporção. É este um preceito, que deverá ser ob-

servado com rigor, não só na educação em geral, no desenvolvimento relativo a dar ás sciencias e letras, mas no estudo de cada disciplina em particular, bem como no estudo de cada um dos seus factos ou de suas leis. É mister que n'este ponto os museus se conformem com as regras da pedagogia e assim, por exemplo, que n'uma escola de ensino secundario não predominem os exemplares de botanica com prejuizo dos de zoologia ou mineralogia, e reciprocamente. O contrario, chamando desigualmente a attenção do estudante sobre as differentes sciencias que formam o programma dos seus estudos, daria em resultado uma applicação desigual, evidentemente prejudicial á disciplina a que se pretende sujeital-o. Para destruir o equilibrio já bastam as difficuldades que provém das preferencias e aptidões individuaes, que será conveniente não aggravar por meio d'um methodo viciouso.

Não é só entre as differentes sciencias que é preciso respeitar as proporções. O mesmo é preciso fazer em cada uma de per si. O estudo da botanica, por exemplo, comprehende differentes partes: a anatomia, a physiologia, a classificação, a geographia botanica, etc. Supponhamos que o museu era rico quanto aos órgãos floraes, pobre quanto á anatomia dos tecidos da planta, rico

quanto á familia das leguminosas, pobre quanto á familia das gramineas; supponhamos ainda que o compendio e as explicações do mestre lhe eram conformes no desenvolvimento que davam a cada parte correspondente. Qual seria o resultado do ensino feito em taes condições? Evidentemente de nada poderia valer nem como instrucção nem como disciplina. Como instrucção carecia de ordem, sequencia e ligação nas idéas, sem as quaes não pôde haver instrucção nem solida, por falta de elementos indispensaveis á comprehensão reciproca das idéas, nem duradoura, por falta de cohesão. Como disciplina seria propriamente a negação da disciplina; reduzindo as idéas a um estado cahotico, crearia habitos de indisciplina que mais tarde tornariam esteril todo o estudo.

Mas á saude não basta que a alimentação seja variada, contendo todos os principios organicos necessarios á vida em proporções que não podem sem perigo baixar d'um minimo estabelecido; á saude convém não só que o alimento seja bom, mas que seja apresentado em quantidade limitada para que possa ser digerido e assimilado. Por isso a sobriedade vale quasi tanto como a boa qualidade do alimento. Nos museus de ensino eu desejaria vêr tambem um pouco mais de sobriedade. É muito repetido — e banal

até — que vale mais aprender pouco e bem que muito e mal; ao que acrescentarei que vale mais observar pouco e attentamente que muito e superficialmente. Sem duvida a apresentação de muitos exemplares com o fim de suggerir a mesma idéa obriga a repartir por todos elles a attenção, que deveria ser guardada só para os mais característicos; e assim não seria de passar, que, resultado da sua inevitavel fadiga, o estudante, olhando só ás suas qualidades superficiaes, ficasse ignorando o que em todos elles havia commum e fundamental. N'uma palavra, a superabundancia tem por consequencia prejudicar a concentração da attenção, condição essencial de todo o estudo proveitoso.

Qual será o grau de riqueza e desenvolvimento dos museus e bibliothecas de ensino? Será determinado em harmonia com o grau do ensino dado pela escola a que estiverem annexos; de proporções insignificantes na escola primaria, irão progressivamente augmentando de importancia, até que, nas universidades e escolas superiores, aos principios de sobriedade e proporção, quasi se substituam os de riqueza e ordem.

Haverá conveniencia em tornar publicos os museus e bibliothecas d'estes dois generos a que me tenho referido? Creio que não. Os primei-

ros são destinados a uma classe muito limitada de sabios e trabalhadores; por mais ricas e valiosas que sejam as suas collecções, de nada podem servir aos leigos, ou mesmo aos simples *dilettanti*, para quem a leitura do catalogo valeria tanto como a inspecção ocular. De que me serve a mim, que de botanica sei o que se póde aprender nos lyceus, visitar os herbarios de Kew Garden? Os segundos, por mais perfeita que seja a sua organização, pouco valem sem o ensino da escola para que possam compensar o tempo perdido na visita e a despeza feita em os tornar publicos. Outro deve ser o character das collecções destinadas ao publico, outros os principios que tem de presidir á sua organização.

É agora occasião de fallar dos museus independentes da bibliotheca e da escola, dos museus que chamarei populares. É certo que a maior parte dos museus de nada servem áquelles que os visitam sem um fim designado, sem estudos prévios que os habilitem a comprehender e a apreciar os objectos que vão examinar. Depois de duas ou tres horas passadas no Louvre ou no Jardim das Plantas, de Paris, saímos de lá com o cerebro tão rico de idéas como no momento em que lá entramos. Entretanto nem nos faltaram telas de Raphael, de Rembrandt, de Velasquez e Murillo, nem o que ha mais raro, extra-

vagante e curioso no mundo vegetal ; e todas estas maravilhas accumuladas foram incapazes de gravar em nós uma unica idéa geral, de acrescentar a mais pequena cousa ao nosso capital intellectual. D'onde o mal ? Da falta de harmonia, principalmente. Vimos muito, é verdade, mas nada relacionámos, porque tudo estava desligado, ou, melhor, reunido por ordem differente da sua ordem na natureza ; nada fixámos, nada adquirimos.

Para que um facto, um phenomeno nos produza impressão duravel, é preciso que se repita ; para que possamos conhecer das suas relações com factos ou phenomenos do mesmo ou differente genero, é preciso que se repita na mesma ordem relativa.

Em primeiro logar os museus populares deverão ser especiaes. Só assim poderão produzir a concentração da attenção sufficiente que d'outra fórma se enfraqueceria, dispersando-se sobre objectos de differente natureza.

Além d'isso, guardadas as proporções como nos museus de ensino, os objectos deverão ser dispostos segundo as suas affinidades naturaes, de maneira a tornar bem salientes as suas semelhanças, contrastes e differenças.

A classificação scientifica, que aliás obedece a principios totalmente diversos, será n'estes mu-

seus completamente rejeitada. O bambú e a aveia são plantas do mesmo genero, que n'uma classificação scientifica se encontrariam na mesma secção ; creio, não é por esta fórma que a um espirito ignorante e sem educação se poderá dar idéa da variedade do mundo vegetal, nem das condições tão differentes em que vive uma e outra planta.

Em jardins botanicos muito bem dirigidos, no jardim botanico da Universidade de Heidelberg, por exemplo, — e é o jardim d'uma Universidade em que, pelo grau do ensino que, como tal, deve dar, não seria de estranhar se conservasse uma disposição conforme a classificação scientifica, — em jardins botanicos bem dirigidos as plantas são dispostas conforme a zona climaterica a que pertencem. Assim, entre nós, e nas regiões temperadas onde a doçura do clima permite cultivar ao ar livre plantas de todas as zonas, os jardins poderiam ser um bom meio de educação, se em lugar da disposição ordinariamente adoptada, se formassem grupos de plantas conforme as diversas zonas. No primeiro, encontrar-se-iam as palmeiras, os bambús, as dracœnas, os pandanos, os fetos arboreos e as grandes trepadeiras, os ficus, as bromeliaceas e as bignonias ; no segundo os arbustos e as pequenas arvores, as urzes e giestas, as gramineas relvosas, o arroz, o

milho e os cereaes; no terceiro, as arvores de folha caduca, os grandes arrelvados de gramineas, as saxifragas, as primulas e os ranunculos; no quarto, finalmente, as pequenas e raras plantas herbaceas das regiões arcticas ¹. E cada um d'estes grupos, com as suas fórmias diferentes e características, deixaria bem impressa no espirito do visitante a idéa geral da vegetação da zona que representa; e a ligação de todos elles lhe daria como a vida é abundante e farta nos tropicos e como lenta e gradualmente se amesquinha á maneira que se aproxima dos pólos.

Os bons livros elementares de geographia, como os de Swinton ² e Kaltbrunner ³, contém estampas que poderiam servir de modelo á orga-

¹ Esta divisão em diferentes zonas e enumeração das plantas principaes que as caracterizam é tirada da *Geographia botanica*, de J. G. Baker, traduzida em portuguez pelo snr. Julio A. Henriques, professor da Universidade de Coimbra.

² *Swinton's Complet Course in Geography* (Iverson, Blakeman, Taylor & Co, New-York & Chicago), pag. 16.

³ *Aide-Mémoire du Voyager*, de D. Kaltbrunner (Zurich, 1881), pag. 15 e seguintes.

nisação dos museus populares de zoologia, cuja disposição desordenada seria sujeita com vantagem á distribuição geographica dos animaes.

Aqui, e com plano identico ao dos jardins botanicos, em logar de amontoar na mesma sala phocas e elephantes, ursos e girafas, dividir-se-ia a collecção em grupos, conforme as zonas da vida animal.

Isto, que se nos afigura de necessidade nos museus de historia natural, applicar-se-ia igualmente a todo o genero de museus, aos museus de bellas-artes inclusivamente ¹. Estes, quando por falta de elementos, como acontece o mais das vezes, não podessem formar um grupo para cada artista, formal-os-iam ao menos conforme os generos e as escolas.

Seria ainda de estimar, posto que raro reali-

«... It is in this way, I believe, that the Thorwaldsen Museum at Copenhagen exercises a peculiarly impressive effect upon the multitudes of all classes of Danes and Swedes who visit it. This Museum contains in a single building almost the whole works of this great sculptor, together with all the engravings and pictures having reference to the same. Very numerous though the statues and basreliefs are, there is naturally a unity of style in them, and the visitor as he progresses is gradually educated to an appreciation of

savel, que, além da unidade e harmonia na collecção, todos os accessorios, e até mesmo o edificio, como do museu de Cluny, em Paris, lhe fossem conformes e contribuissem a produzir a mesma impressão.

Um genero de museus que tem hoje certo favor da opinião, são os museus industriaes, que não sei como com vantagem se possam tornar populares e uteis ao publico. Se são destinados a reunir todos osapparelhos e machinas actualmente em uso, além de que o seu progresso e renovação incessante lhe tiraria ámanhã a actualidade que hoje teriam, só poderiam interessar a um pequeno numero de especialistas; por este lado ainda poderiam ter alguma utilidade. Se pretendem dar idéa do estado da industria d'um paiz, nunca poderão valer o que vale o exame dos mercados e o exame directo da fabrica. São para instruir o operario? N'este caso são dispensaveis, porque sem o livro e a escola de nada

the works. The only objects in the building tending towards incongruity of ideas are Thorwaldsen's own collection of antiquities and objects of art; but even there are placed apart, and if visited, they tend to elucidate the tastes and genius of the artist. (S. Jevons, pag. 56).

servem, e a escola profissional deve ter o seu museu annexo e apropriado; pertencem aos museus do segundo genero a que nos referimos. São para guardar os documentos da historia e progressos da industria d'um povo? Dispensados igualmente, porque o grande museu nacional, que em paiz algum civilisado deve faltar, o terá comprehendido.

Uma vez que fallei da organização do museu independente da bibliotheca, deveria agora tratar da organização da bibliotheca independente do museu.

Em Portugal, exceptuando os clubs e associações de recreio, julgo serão poucas as bibliothecas creadas por iniciativa particular, independentes das escolas.

Estas valem ordinariamente o que vale a associação que as sustenta e a capacidade mental dos que as frequentam. Ha muito quem tenha o vicio de lêr e procurar nos livros e nos romances a historia de intrigas semelhantes ás que outros procuram em mexericos e escandalos da vida alheia; a estes convém as historias amorosas e os romances de acção e de um enredo interminavel. As funcções cerebraes pervertem-se como quaesquer outras funcções organicas; assim como o estomago habituado ao vinho acaba por não supportar nem appetecer outro alimento, as-

sim o cerebro, habituado a taes prazeres, acaba tambem pelo repudio de toda a leitura sã, pela perda do appetite de satisfazer toda a curiosidade legitima e proveitosa. São casos de pathologia psychologica que, como os seus congeneres em physiologia, vale mais prevenir que remediar; e a maneira de os prevenir é para ambos a educação e a hygiene.

As bibliothecas tem incontestaveis vantagens economicas e podem ser um meio de educação poderoso; podem ao mesmo tempo ser o germen de muita idéa perigosa, o alimento de muito vicio e de muita immoralidade. Para o homem sem educação, diz um sabio publicista inglez, ensinar-lhe apenas a lêr e a escrever é entregar-lhe uma caixa de remedios de nenhum dos quaes conhece os effeitos: póde tomar um cordeal e póde tambem tomar um veneno.

Que dizer dos directores dos museus e bibliothecas que não esteja subentendido no que escrevi?

O museu é nacional? Terá tantos directores especiaes quantas forem as suas secções. É um museu de ensino? A sua direcção pertence naturalmente ao professor a cuja escôla anda anexo: nem outra cousa se compadece com o methodo e cuidado de ensino. É um museu popular? deverá ter um director especial com apti-

dões muito complexas; pois não só requer conhecimento muito profundo da secção da sciencia ou arte que representa, mas muito tino e capacidade em o saber adaptar em ordem, proporção e harmonia, á receptividade mental do espectador, geralmente ignorante e com uma educação viciosa. Este é sem duvida o trabalho mais difficil da organização dos museus, mas é também aquelle que constitue todo o seu valor e utilidade como meio de educação popular.

bibRIA

bibRIA

O ESTUDO DO PAIZ

bibRIA

bibRIA

O ESTUDO DO PAIZ ¹

I

São cinco as *Cartas elementares* do snr. Barros Gomes e cada uma d'ellas acompanhada de texto correspondente ao numero e importancia dos factos a que se refere: — a carta concelhia, a carta de relevo, orographica e regional, a carta dos arvoredos (xylographica), a carta agronomica e finalmente a carta da povoação por concelhos.

O snr. Barros Gomes tomou a divisão concelhia como base para o estudo elementar das condições physicas e sociaes do paiz. « De todas as divisões do territorio é esta, actualmente, a

¹ *Cartas elementares de Portugal*, por B. Barros Gomes. Lallemand Frères; Lisboa, 1878.

mais favoravel a um estudo elementar das suas aptidões e recursos ; porque não sendo minuciosa de mais, como a divisão parochial, não é também, como a divisão em districtos ou provincias, grande de mais para uma analyse. »

Independentemente das considerações que derivam da facilidade que offerece ao estudo a extensão da unidade adoptada, a divisão concelhia tem direito a ser considerada primeiro que qualquer outra pela sua importancia social e historica.

Os concelhos tiveram por origem o municipio romano, começaram a sua organização antes mesmo da monarchia e continuaram-na « por fórma que já no seculo xiv se estendiam a todo o territorio, englobando as povoações circumvisinhas que a principio se conservaram alheias a essa agremiação. » *Foraes* foi o nome que se deu « aos documentos escriptos que affirmavam os encargos e immunidades d'estes centros da vida social », e d'elles o mais antigo que chegou até nós pertence ao meado do seculo xi. O foral de Santarem foi dado por D. Affonso vi, rei de Leão, no anno de 1095.

Da sua antiguidade, da constancia com que atravessaram tantas e tão differentes revoluções sociaes e politicas, podemosprehender a importancia historica do concelho, a importancia do

seu papel na civilisação, e a sua força e vitalidade como elemento social. Da sua importancia social contemporanea dizem de sobejo a natureza e numero dos seus encargos actuaes.

Creio portanto que muito bem andou o snr. Barros Gomes em tomar o concelho como base para o estudo do paiz.

Antes de proseguir, uma pequena rectificação. A edição das *Cartas* que tenho presente, tratando da representação politica dos concelhos, refere-se ainda ao antigo *conselho municipal*, cujos membros eram tirados dos quarenta maiores contribuintes na ordem da importancia da sua contribuição e em numero igual ao dos membros eleitos pelo povo. O *conselho municipal* acabou pela reforma administrativa de 1878.

De quanto nos ensina a carta concelhia, o facto mais evidente é a extrema desigualdade de extensão dos concelhos. «Um concelho comprehende actualmente 33:400 hectares em média, com 15:000 habitantes e 14 parochias. Ha porém concelhos com uma só parochia, outros com perto de 90. São exemplos d'isso a Gollegã com 1 e Barcellos com 88.» Odemira mede 166:331 hectares e S. João de Areias 1:789.

Muitas são as reflexões que este facto nos suggere e grande o ensinamento que d'elle tem a tirar a administração publica. A desharmonia en-

tre a extrema desigualdade na constituição dos concelhos e a uniformidade de instituições, encargos e responsabilidades iguaes para todos, a desharmonia entre a importancia crescente dos cargos municipaes e a falta de homens convenientemente educados para os desempenharem junta á exiguidade de recursos economicos, estão a pedir profunda reforma dos concelhos, já na sua constituição politica, já procurando vêr se é possivel supprimir alguns dos mais pequenos, annexando as suas freguezias aos concelhos limítrophes.

Já se tem feito bastante n'este ultimo sentido, mas muito resta ainda a fazer em presença da maior facilidade de communicações.

Um outro facto «sobresae facilmente ao examinar a carta concelhia: — a grandeza geralmente maior dos concelhos ao sul do Tejo com duas excepções principaes, uma junta ao estuario d'este rio, e a outra no littoral do Algarve, amihando-se em ambas, de modo notavel, as divisões que os separam. Ao norte do Tejo póde notar-se tambem a extensão geralmente maior dos concelhos raianos.» Ao diante veremos, ao estudar as outras cartas, «a que accidentes de relevo, de qualidade de terrenos e de climas, grande parte d'esses factos está ligada, e quanto respeito por isso se póde com razão tributar á

espontanea constituição que o paiz por este lado assumiu e que conserva com tanta efficacia. »

Segue-se a divisão em provincias. O snr. Barros Gomes recorda a antiga divisão em seis provincias: Minho ou Entre-Douro e Minho, Traz-os-Montes, Beira, Extremadura, Alemtejo e Algarve.

Reconhecendo que ella « prova o bom senso pratico que a formulou, apoiando-se sobre factos physicos de primeira ordem », deixando igualmente a divisão districtal, menos importante, passarei immediatamente ao exame da carta de relevo, aquella que a meu vêr lança maior luz sobre o estudo physico do paiz.

O primeiro facto interessante que esta ultima carta nos mostra é a intensidade da vida no paiz a grandes alturas e exposições differentes. « Subamos nas montanhas da peninsula a tres kilometros de elevação sobre o mar. Acharemos as neves permanentes e com ellas a solidão; nos Pyrenéos a pouco mais de 2 kilometros, na Serra Nevada a pouco mais de 3. Na nossa Serra da Estrella veremos a esplanada da montanha mais alta, a 1:800 até quasi 2:000 metros d'altura, coberta de relva no verão, e de neve no inverno. »

Em compensação as baixas ou são aridas ou pantanosas.

O snr. Barros Gomes completa esta carta com o desenho de perfis transversaes «que representam em pequeno espaço e com clareza o que ha de mais notavel no relevo do paiz» e das quaes sobresaem «a grande differença de relevo ao sul e ao norte do Tejo, e as condições de maior seccura e temperatura mais elevada que tem o paiz alemtejano.»

Este o primeiro facto importante que convém registar — a divisão do paiz em duas grandes regiões, uma ao norte, outra ao sul do Tejo; facto sem duvida de importancia inferior á do que vamos vêr em seguida, pois parece que o ponto culminante que domina toda a vida physica do paiz é essa extensissima cordilheira que, com depressões de muito variada grandeza, pelas serras de Cintra, Aire e Louzã vai subindo lentamente do cabo da Roca á Estrella e d'ahi vai a Larouco, na fronteira da Galliza, pelas serras de Montemuro, Marão e Gerez. «Linha seguida de condensação mais extensa e elevada não a ha no paiz: 1:580, 1:206, 1:422, 1:389, 1:993 e 1:202 metros, são as alturas dos seus pontos culminantes, marcados na carta geographica com os nomes de Larouco, Gerez, Marão, Montemuro, Estrella e Louzã. Estas serras excedem em altitude á maior parte das montanhas do centro e norte da Europa.»

São estas as serras que formam a maior barreira que os ventos do mar teem de vencer na sua passagem para Hespanha e que pela influencia condensadora dividem o paiz ao norte do Tejo em duas grandes zonas — littoral e interna.

Se agora considerarmos a curva de nivel de 200^m, que ao sul do Tejo nos permite distinguir o alto Alemtejo e o Algarve das baixas adjacentes; se a estas considerações de relevo juntarmos as de exposição e de latitude que varia entre 37° e 42°, o que é realmente muito em relação á extensão do paiz; nós temos adquirido base segura para a sua divisão regional.

E foi sobre esta base que o snr. Barros Gomes dividiu o paiz em doze regiões cuja enumeração e limites por muito extensos não podemos reproduzir aqui.

Convém todavia recordar mais uma vez a influencia preponderante do relevo sub-plano, sub-montanhoso ou montanhoso, na determinação do clima e physionomia agricola de cada região; porque os montes pelo seu poder condensador são os mais activos agentes de precipitação dos vapores aquosos e estes os principaes modificadores do clima. E, embora a natureza do sólo não deixe de ter valor, o clima vale bem mais, pois vemos que na Serra da Estrella, por exemplo, os mesmos terrenos de schisto e granito se

prestam a culturas bem diversas conforme a sua altura e exposição.

Como a influencia do relevo do paiz se reflecte em toda a sua vida começa já a mostrar-nos a carta dos arvoredos. « Basta a comparação dos limites das tres regiões florestaes figuradas na carta xylographica com as da divisão orographica, que a carta respectiva contém, para se reconhecer que a arborisação nas suas tres variantes principaes adopta proximamente como limites as principaes linhas da cumiada ao norte do Tejo e, senão o thalweg d'este rio, pelo menos uma linha que lhe corre pelo sul a pequena distancia. »

« Ao sul do Tejo a região dos carvalhos de folha perenne occupando quasi todo o paiz; ao norte, e quasi só ao norte, a região dos carvalhos de folhagem caduca, a par da região littoral do pinheiro bravo — taes são os factos principaes de distribuição que a carta faz sobresair em primeiro lugar » e que tão perfeitamente se harmonisam com as divisões mais geraes da carta de relevo.

Para formar a carta dos arvoredos o snr. Barros Gomes tomou aquellas especies que, pela espontaneidade e pela grandeza das matas que formam, melhor caracterisam as differentes regiões do paiz. Duas especies de pinheiros — o bravo e o manso; tres especies de carvalho de

folha caduca — o roble, o carvalho portuguez e o carvalho da Beira; duas especies de carvalhos de folha perenne — o sobro e o azinho; o castanheiro, a oliveira e a alfarrobeira — foram os elementos com que se formou a presente carta.

Será talvez de estranhar que se dê preferencia a uma carta da distribuição dos arvoredos com prejuizo de todas as outras especies vegetaes. Parece que o auctor suspeitou de que provavelmente não deixariam de lhe fazer semelhante reparo, pois teve o cuidado de advertir: «O privilegio da prolongada existencia que os arvoredos desfrutam, torna-os aptos a reflectirem no seu modo de ser um conjunto notavel de influencias diversas, que por modos diversos actuam sobre elles. O ar que os banha, a terra que os fixa, o homem que os submete ao seu dominio, tudo isto anno por anno, e mesmo seculo por seculo, vai gravando n'elles o seu cunho perduravel, senão indelevel. Não é pois de admirar que algumas deducções praticas, de utilidade para a nossa breve vida terrestre, se possam d'ahi tirar.»

Creio que o snr. Barros Gomes fez bem em justificar a presença d'esta carta pela utilidade das suas deducções praticas, pois quanto ao seu valor como parte de um livro de ensino elementar, eu darei adiante a razão por que me parece

incompleta. Agora devo reconhecer a importancia pratica das suas deducções, tão bem resumida no fim do texto; deducções cujo valor se tornará evidente ao lembrarmos que se referem a uma questão tantas vezes debatida como é a re-arborisação do paiz.

Do exame da carta dos arvoredos, da constituição espontanea das matas do paiz, da constancia com que o sobro e o azinho nos apparecem na região árida e secca d'além Tejo, da maneira por que os carvalhos de folhagem caduca dominam a região interior áquém do Tejo e o pinheiro bravo invade as humidas e frescas regiões do litoral, e, finalmente, do modo por que estas especies mais ou menos se excluem reciprocamente, podemos concluir «que nada indica ser obra artificial do homem, mas antes facto puramente espontaneo no seu todo, puramente filho das leis a que a creação obedece», e que portanto o arvoredo antes é indicio que factor do clima. «E se isto é o que se deve deduzir, em primeiro logar, do estudo das arvores florestaes do paiz, como attribuir antes á desarborisação, que se lhe tem notado, aquelles rigores de secura que a arborisação que lhe resta tão bem indica terem sido taes desde remotas eras? Como esperar da re-arborisação em grande escala grandes resultados, modificações no clima de grande

importancia?» Sem duvida parecerá melhor deduzir «que a rearborisação, grande ou pequena, só nos pôde trazer modificações locais secundarias, uteis talvez e não para desdenhar.»

Na carta immediata, a carta agronomica, passa o snr. Barros Gomes a examinar a natureza dos terrenos do paiz.

Pondo de parte a indicação das rochas predominantes em cada concelho, como nas cartas precedentes indicarei apenas os factos geognosticos principaes da parte portugueza da península.

«Em Portugal o facto elementar de maior vulto que o exame dos seus terrenos revela aos olhos dos que estudam as rochas de que elles se compõem — é o do grande predominio dos que offerecem essa disposição *sedimentar*, ou em camadas de deposição.» A maior parte do paiz é constituida por schistos e granitos, que se succedem e accumulam com o predominio ora d'uma, ora d'outra d'estas duas especies de rochas.

Ao lado d'este facto convém notar ainda para maior clareza das aptidões culturaes do paiz, a sua divisão em tres grandes regiões geognosticas.

A primeira é das rochas igneas e paleozoicas, a região dos terrenos primarios, que comprehende quasi toda a raia de Hespanha, todo o paiz

ao norte do Douro e quasi toda a Beira, excepto a littoral; quasi todo o alto Alemtejo, grande parte do littoral alemtejano e das baixas do Guadiana, onde comtudo as rochas igneas e mesmo as schistosas já divergem algum tanto dos typos do norte; e ainda, por ultimo, a maior parte do Algarve. »

A segunda, a região dos terrenos secundarios, comprehende todo o littoral ao norte do Tejo, limitada, pelo interior, por uma linha que, partindo da foz d'este rio, segue a sua margem norte até á Barquinha proximamente, e d'ahi vai terminar em Ovar, passando por Coimbra. Predomina o elemento calcareo n'estes terrenos que novamente encontramos no littoral do Algarve.

A ultima, a região dos terrenos terciarios, terrenos arenosos, muito pouco fertéis, « onde o elemento calcareo escasseia muito, ou falta de todo em extensos concelhos », abrange todo o littoral do Alemtejo, delimitado interiormente pelo Tejo até ás alturas de Gavião, e, d'ahi para o sul, por uma linha irregularissima que vem terminar no concelho de Odemira, tendo passado proximo a Ponte de Sôr, Souzel, Montemór-o-Novo, Alvito e Ferreira. É de notar n'esta região a invasão e predominio dos terrenos primarios nos concelhos de Odemira, Grandola e S. Thiago de Cacem.

Mas de tudo o que esta carta nos ensina o mais importante é o que diz respeito á humidade e calor das differentes regiões ou, melhor, ao seu clima. Pois disse e repito que a natureza do terreno vale pouco pelo lado agricola, comparada com a exposição, altitude, e calor e humidade atmosfericas; testemunho toda a primeira região geognostica que vai d'um extremo ao outro do paiz prestando-se ás mais variadas culturas. Isto não quer dizer que a natureza do terreno seja absolutamente sem valor. Ainda ha pouco na carta xylographica tive occasião de observar como a oliveira procura os terrenos calcareos e com especialidade os da margem direita do Tejo, e como o pinheiro os evita dando preferencia aos terrenos arenosos. Creio apenas que o terreno vale menos que o clima.

« Importantissimo elemento dos climas da península é o vapor aquoso espalhado na atmosfera, bafejando o sólo a cada momento, determinando n'elle ora condensações ora evaporações, que exercem na vegetação uma influencia de primeira ordem. A par d'elle as variações de temperatura e a sua desigual distribuição pelas diversas partes do paiz, affectam a distribuição dos arvoredos e culturas, constituindo todas as variantes dos climas locais, em quanto tem de mais caracteristico e notavel. »

O snr. Barros Gomes divide os climas do nosso paiz em dois grupos caracterisados pelas chuvas, humidade e variações de temperatura. Não procurarei seguil-o na desenvolvida explanação que d'elles faz, especificando os caracteres principaes do clima de cada região; porque teria de transcrever toda esta parte do seu livro, não sendo os estudos d'esta natureza susceptiveis de redução. Por isso me contentarei em registar apenas o facto mais evidente que d'esta carta se deduz — a grande variedade da nossa meteorologia local.

«Nos tres postos de Alcanhões, no concelho de Santarem, de Evora e de Campo Maior, situados em volta da região das charnecas do Sorraia, as securas do ar no verão chegam a médias de perto de 30 % apenas; ao passo que no Porto e em Coimbra a humidade relativa é representada por médias estivaes de 65 % e mais; e portanto o ar do Minho e da Beira littoral tem o dobro ou mais da humidade que ha nas charnecas do Sorraia, aproximando-se muito do que succede nos postos do norte da Europa, segundo as observações de Halle e Posen.»

A evaporação, de 9 ou 10 millimetros por dia de verão junto ao Mondego, eleva-se a 12, a 13 e 17 millimetros longe do littoral, em Campo Maior, por exemplo.

Pela producção do sal julga-se a evaporação nas marinhas do Sado oito vezes maior do que nas marinhas d'Aveiro, sendo a producção em Aveiro comparavel á das marinhas do oeste da França.

Com as variantes de humidade concorda a distribuição das chuvas cujo character mais notavel «está na escassez relativa que affectam constantemente no verão, e que, menos sensivel nas regiões do norte, onde ainda se observam em todos os postos do Minho, Traz-os-Montes e Beira 70 a 80 millimetros de chuvas estivaes, se aggrava nos postos do sul, onde se reduz a 40, a 30, e a 20.»

«A percentagem d'estas chuvas tão escassas, em relação ás chuvas de todo o anno, varia em Portugal apenas entre 3 a 10 % ao passo que por toda a Europa não mediterranea as chuvas de verão entram por 25 % a 35 % nos totaes de cada anno; não descendo as mais das vezes de 100 a 200 millimetros.» De fórma que no quadro graphico que representa a distribuição das chuvas e que acompanha a carta agronomica, «sobresaem bem, em dois grupos distinctos, de um lado as chuvas de Portugal, e do outro as chuvas do resto da Europa.»

Inutil lembrar que grande variedade de climas deve ter um paiz que a estas variantes me-

teorologicas juntar as differenças de relevo que acima indiquei.

Ultimo elemento agronomico, esta carta indica-nos nos differentes concelhos a quota do imposto predial que pagam por hectare; elemento d'uma importancia pratica immediata, pois nos permite confrontar o imposto com a capacidade productiva de cada região e avaliar, por conseguinte, da justiça da sua distribuição.

Vemos que, á parte desigualdades e excepções que teem origens differentes nas differentes circumstancias locais «ha na distribuição geral do imposto predial pelos concelhos, condições de naturalidade notaveis, e sobretudo — que a zona de minima imposição coincide com a das baixas alemtejanas, cujos rigores de clima, ligados a causas orographicas, tão fundamente se deduziram e expozeram atrás.»

O snr. Barros Gomes apresenta-nos em seguida a carta da povoação concelhia, cujos caracteres mais salientes são — a extrema desigualdade de densidade nas differentes regiões, e a perfeita harmonia da sua distribuição com os factos mais notaveis que as outras cartas nos mostraram e sobretudo com o relevo do paiz.

De perto de nove hectares por habitante nas baixas do Sorraia, a população eleva-se no Minho (na carta Alemdouro littoral) a 0^h,77 por

habitante. Em 1864, o concelho de Alcacer do Sal tinha apenas 7:258 habitantes sobre 133:243 hectares; «mais de 18 hectares por habitante, densidade esta, 24 vezes menor que a da povoação de toda a região littoral portugueza, ao norte do Douro.» Ao mesmo tempo encontramos na região de Alemdouro littoral o districto do Porto «com 417:806 habitantes sobre 233:783 hectares, segundo a estatistica de 1869; portanto com 0^h,55 apenas por habitante.» Esta agglomeração de povoação nas regiões do norte «tem sobretudo de notavel o avantajar-se ás médias de densidade na Belgica e na Hollanda, paizes densamente povoados, que sobresaem como taes, nas regiões mais povoadas da Europa.»

É preciso notar que o snr. Barros Gomes tomou para base d'esta parte do seu trabalho os dados officiaes publicados por Fradesso da Silveira em 1870. Depois d'isso a população tem crescido, mas sem alterações muito notaveis na proporção da sua distribuição pelas differentes regiões. E por isso se póde sempre concluir com verdade:

«1) que a povoação se accumula no littoral do norte mais montanhoso e adjacente a montanhas;

2) que prefere no interior do paiz as regiões montanhosas ás que o não são, ou que tem

pequena elevação sobre o mar; e finalmente:

3) que evita de uma notavel maneira as baixas alemtejanas, sobretudo as internas, dando ao sul do Tejo a preferencia ás terras um pouco mais altas.»

Da comparação d'esta carta com a carta agromonica e a carta dos arvoredos resulta:

— «que a zona do pinheiro bravo espontaneo e dominante é ao mesmo tempo a da maior povoação», emquanto a zona dos sobraes e azinhaes coincide com a dos mais raros povoados;

— que a densidade da povoação está no nosso paiz na razão directa da abundancia das aguas meteoricas.

A povoação, densissima no Minho, a região predilecta do pinheiro bravo, e «uma das regiões extraordinariamente chuvosas da Europa», ainda ao norte do Tejo começa a escasseiar na Beira meridional, região do interior, já ao abrigo da serra da Estrella e por conseguinte ao abrigo das humidades do littoral, e já abundante em montados de sobro e azinho.

Com os factos que venho apontando quanto á distribuição da população coincide a distribuição dos gados, «tanto ou mais que o da povoação, ligada a seu modo, intimamente, com as condições physicas do paiz; particularmente

com as orographicas, cuja influencia preponderante muito sobressae.»

Assim, por gradações successivas, conforme o relevo, altitude, exposição e humidade atmospherica de cada região, do «Alemdouro littoral, região a mais povoada e tambem a mais densamente provida de gados», chegamos ao Baixo Alemejo littoral onde a densidade pecuaria desce ao minimo.

Como remate do seu valiosissimo trabalho, o snr. Barros Gomes resume em quadros finaes as condições de cada concelho e de cada região, especificando — a sua extensão territorial e povoação absoluta e relativa, especies de gados e sua densidade, zona de elevação e classe de clima e imposição predial, qualidade geognostica das terras e arvores florestaes dominantes.

II

Eu não sei se depois do que deixo dito precisaria referir-me á importancia das *Cartas elementares* do snr. Barros Gomes. São guia indispensavel de quantos procuram uma noção exacta e scientifica das condições physicas e sociaes do paiz, e particularmente do lavrador e d'aquel-

les que pela sua posição social mais ou menos influem na administração publica.

As *Cartas* do snr. Barros Gomes dirão ao lavrador «quão peculiar, quão portugueza, tem de ser a agricultura da nossa terra; e quão diversa nas diversas regiões que a orographia e o arvoredo nos ensinam a distinguir n'ella.»

Tenho observado que grande parte das ruínas de explorações agricolas provém exactamente d'esta ignorancia da variedade de condições locais e da necessidade de lhes adaptar os systemas de cultura; pois pelo que muitas vezes ouço cada um só conhece a agricultura da aldeia em que nasceu ou em que foi educado e por ella julga toda a agricultura do paiz.

Debaixo d'este mesmo pensamento que deve guiar o lavrador, o da extrema diversidade de aptidões do nosso paiz, muito teem tambem que considerar no livro do snr. Barros Gomes os que regem a nossa administração publica.

É muito antigo entre nós o vicio da uniformidade. Eu bem sei que a unidade social da nação exige uma certa uniformidade de instituições sem a qual se dariam separações que deviam comprometter a harmonia e mutua subordinação dos seus elementos; mas comprehendo tambem como sem prejuizo da unidade nacional e satisfazendo ao que as condições naturaes nos insi-

nuam, podemos introduzir nas instituições a diversidade indispensavel a um melhor aproveitamento dos nossos recursos.

Pois a constituição da propriedade deverá ser a mesma áquem e além do Tejo? Pois a uma região despovoada o Estado deverá applicar as mesmas leis que a uma região superabundantemente povoada? E as necessidades e o genero de instrucção serão as mesmas para todo o estado de civilisação? E o desenvolvimento economico e meios de imposição tributaria serão invariavelmente os mesmos?

Em Portugal tem-se comprehendido a administração por outra fórma. Trata-se d'uma divisão administrativa? Contam-se os hectares e o numero de habitantes e traça-se uma divisão em que estes dois elementos entrarão em quantidades geometricas se fôr possível. Affinidades naturaes, relações commerciaes, communidade de habitos, de tradições e caracteres economicos, divisões determinadas pelo relevo e clima, são quantidades sem valor. A extensão e a população é tudo.

E entretanto, á maneira que se vão abandonando as doutrinas do *laissez faire*, á maneira que se alarga e se torna mais activa a intervenção do Estado cada vez o estudo das condições physico-naturaes d'um paiz toma maior parte

na sciencia da administração, porque é sobre ellas que esta tem de se basear. Sem as poder-mos contrariar nem tão pouco devermos abandonar-lhes o desenvolvimento das sociedades, cumpre-nos conhecer, aproveitar, dirigir e modificar as forças naturaes de fôrma a melhor satisfazer as multiplices necessidades do progresso.

Quem não se lembrará, ao passar rapidamente os olhos por estas cartas, quanto não urge crear fabricas e fomentar o desenvolvimento de industrias em que se empregam esses milhões de braços que a agricultura do Minho rejeita e que em busca de sonhadas riquezas — e tantas vezes apenas sonhadas! — se vão sepultar no Brazil! Quem não lamentará toda essa riqueza desperdiçada, quando olhamos o Alemtejo árido e ermo, quando não démos um passo para encaminhar para lá essa poderosa corrente de emigração, que com prejuizo quasi total vamos perder além-mar!

Diz-se que o Alemtejo é insalubre; como se as melhores colonias europêas, o Cabo da Boa Esperança, por exemplo, não tivessem prosperado á sombra de custosos trabalhos de saneamento.

Se, como manual pratico para a administração publica e privada, as *Cartas* do snr. Barros Gomes são de muita utilidade, como livro de

ensino representam um progresso notavel na redacção dos nossos livros escolares e são auxilio poderoso para o professor zeloso das obrigações do seu cargo. São o primeiro trabalho d'este genero que encontro concebido d'uma maneira rigorosamente scientifica e nas proporções que convém á capacidade da creança e ás exigencias do ensino.

Pois estas são qualidades que não se podem negar ao talento com que o snr. Barros Gomes executou a sua obra: — a originanidade do trabalho, o rigor scientifico que a elle presidiu, e o conhecimento exacto das proporções que deve ter um livro de escola.

Se alguma alteração eu propozesse, seria que se dêsse maior desenvolvimento ao estudo da geographia economica do paiz. Assim quereria que como complemento da carta dos arvoredos e da carta agronomica lhe fosse junta uma carta agricola, e semelhantemente desejaria ver indicadas no quadro final as aptidões industriaes das differentes regiões, minerio, materiaes de construcção, aguas mineraes, etc.; e a estas cartas que indicariam a capacidade de producção de cada região poderiam ainda juntar-se quadros demonstrativos da sua producção e riqueza actual.

Parece-me que d'esta fôrma as *Cartas elementares* não só facultariam ao estudante o co-

nhecimento da geographia physica do paiz e das suas aptidões e recursos economicos, mas tambem lhe permittiriam confrontar a sua capacidade com o actual desenvolvimento da exploração; e consequentemente habilitar-o-iam a formar idéa exacta dos progressos possiveis.

N'uma outra ordem de idéas, pelo que respeita a cuidados materiaes, eu quizera que o livro do snr. Barros Gomes fosse acompanhado de estampas, representando os differentes aspectos do paiz, como são os bons livros estrangeiros do genero, os de A. Guyot, por exemplo. As estampas são n'este caso auxiliar poderoso e quasi indispensavel; muitas vezes dizem mais e mais breve do que a leitura póde dizer, interrompem a leitura, distrahindo e repousando a attenção sem comtudo prejudicarem a acquisição dos conhecimentos que se pretende; supprem muita explicação e apresentam n'um todo harmonioso o que no texto anda desligado e disperso.

Desejaria finalmente que a este livro se juntasse uma segunda parte em que se fizesse n'uma carta especial para cada região o que nas outras cartas se fez para todo o paiz conjuntamente; o que decerto não deixará de se fazer quando houver governo que comprehenda que satisfaz d'este modo uma das grandes necessidades da instrucção popular, ou quando apparecer editor

que tenha coragem de se abalançar a uma empreza cujos lucros podem ser grandes e cujas perdas certamente não serão ruinosas.

A organização d'estas segundas cartas seria facilima, pois quasi se reduziria a passar a uma carta geographica o que o snr. Barros Gomes resume nos quadros com que fecha o seu livro.

Estas, como algumas outras, são modificações muito para desejar, mas cuja falta, em meu conceito, nada tira ao merecimento do presente trabalho. Pelo contrario, o desenvolvimento a que se prestam as *Cartas elementares* são o mais seguro indicio da grandeza e solidez da sua base.

O snr. Barros Gomes propoz-se «atrahir efficazmente a attenção para as condições physicas e sociaes realmente mais notaveis da nossa terra» e ainda «melhorar a noção popular do nosso paiz, dos seus recursos naturaes, dos seus verdadeiros elementos de vitalidade social»; e podemos dizer afoutamente que bem attingiu o seu fim.

Bem merecem do paiz os que assim trabalharam; com tanto talento, zelo e saber, com tão grande utilidade pratica e com tão desinteressada quanto rara e sympathica dedicação aos interesses da instrucção popular.

bibRIA

F. A. DO AMARAL CIRNE, JUNIOR

bibRIA

bibRIA

F. A. DO AMARAL CIRNE, JUNIOR

(1850-1882)

I

As melhores doutrinas, as theorias mais solidamente estabelecidas, as leis scientificas, mesmo d'uma pratica facil e proveitosa, morrem esquecidas no gabinete dos philosophos, depois de terem existido só para uma aristocracia de espiritos superiores, se lhes falta um bando de operarios que lhes preparem o terreno, um exercito de evangelistas que as divulguem e semeiem. Mas os louros são sempre para quem estava presente na hora da victoria, e o trabalhador humilde e obscuro, que amparou o braço do commandante, aquelle que nas horas de paz educou pacientemente o exercito, lá vae rolar na valla communum, ignorado e sem gloria.

Não sei porém quem mais apreciar: se o descobridor de paizes desconhecidos, se o guia fiel que lá conduz os ignorantes. Não sei a quem devemos mais: se áquelle que com uma paciencia benedictina descobre novas combinações dos corpos e estuda as leis da historia e do espirito humano, se ao que propaga e torna accessiveis ao vulgo as idéas e os pensamentos dos grandes.

Amaral Cirne luctou nas horas da paz e por isso foi dos ignorados e é agora dos esquecidos.

Nem lhe valeu o ardor com que trabalhou, nem o saber com que escreveu, nem o amor com que pugnou pelas doutrinas mais sãs da educação e pelas melhores praticas da instrucção popular. Ao nosso jornalismo, absorvido pelos interesses d'uma pseudo-politica, não sobeja tempo para pensar nos que lhe são estranhos, para fazer justiça ao trabalho desinteressado, independente e honesto.

Demais, na campanha em que Amaral Cirne se alistára, a victoria chegará um dia, mas vem longe, muito longe. Era uma verdade que elle reconhecia e confessava nas palavras com que terminou o seu mais precioso livrinho: « Só haverá edificios proprios para escólas, quando a escóla represente uma necessidade geralmente sentida pelas povoações, como em tempo succedeu e ainda succede relativamente ás egrejas,

pois não ha hoje aldeia, por pequena e pobre que seja, que não tenha o seu templo religioso. E quando chegará esse periodo feliz para a escola popular em Portugal?...» Vae n'estas singelas palavras a confissão do que é a nossa escola popular, a esperanza de melhores dias e toda a melancolia de quem sente ainda muito longe a realisação d'um sonho querido.

Tudo conspirava para o tornar esquecido: a indiferença do publico em materias de educação e ensino, o estado da instrucção entre nós e a tuberculose que o consumia, longe dos centros de mais activo movimento intellectual em cujos beneficios tanto confiava. A doença prohibiu-lhe as viagens que deviam completar os seus estudos e fazer d'elle um professor eminente, e ficou alli, sósinho, desterrado na aldeia em que morreu, entregue apenas aos seus livros e a um ou outro discipulo que o acaso lhe trazia, e que elle procurava, como disciplina e como distracção. Quando o estudo aturado e a pratica do ensino mal tinham formado o pedagogo e o escriptor cauteloso que tantos e tão bons serviços havia de prestar á causa que advogava com tanta dedicação, a sua vida estava a findar e o labor de tantos annos sumiu-se esteril na morte prematura.

Mas que singular exemplo de coragem! Quando tudo o incitava a cruzar os braços, nem a

anarchia e a ignorancia na administração do Estado nem a doença que o condemnava a uma vida curta, lhe trouxeram o desalento.

«Estou como as finanças do Estado, dizia; o *deficit* é permanente, por conseguinte a bancarrota inevitavel.» Sorria e logo passava a fallar do livro que mais o preocupava n'aquelle momento. «A doença avariou-me o physico como o moral, — escrevia-me, — e nem já sei como dar conta de mim. Foram-se habitos regulares, methodo e ordem de vida, alegrias do trabalho, prazeres do repouso... Emfim ponho de parte o estylo lamuriento que diz admiravelmente aos valetudinarios mas que não dá direito a importunar o proximo.» E n'outra carta: «Acabei ha dias a traducção d'um livro inglez. É um tratado de pedagogia pratica com o titulo *Guia do professor primario*, uma das melhores obras que conheço e que teve na Inglaterra e nos Estados-Unidos um acolhimento brilhante. Ainda não tratei da publicação e até creio que será obra posthuma... Mas mudemos de conversa.» E era sempre isto: repugnava-lhe fallar de si, procurava sempre o que em seu juizo devia interessar aos estranhos.

Certamente não lhe faltava esta pontinha de ambição commum a todos os que se sentem um pouco superiores aos que os rodeiam e que não

é mais que um sentimento de justiça para consigo mesmo;

« ... enfin tous un jour ont voulu se lever,
« Et semer quelque chose avant de disparaître. »

(SULLY PRUDHOMME)

mas não lhe faltava também largueza d'animo sufficiente para abdicar de todo o amor proprio que não involvesse um beneficio para os outros.

De resto, não precisava nenhum d'estes estímulos para trabalhar, porque o trabalho era para elle uma necessidade. Abandonado dos que o educavam, victima de uma injustiça mais tarde reconhecida e largamente reparada, habituou-se cedo a conhecer as brutalidades da vida, e o seu character formou-se n'uma luta muito viva. Constrangido a acceitar n'um collegio um modesto logar de professor de ensino primario, que lhe absorvia as melhores horas do dia, custou-lhe duras vigílias o saber que lhe deu credito, e que lhe trouxe durante alguns annos vida mais folgada e tranquillã. E por isso trabalhava sempre: por habito, por necessidade de pensar e se instruir, por amor da profissão que adoptára, por ambição de deixar um nome illustre, por dever de auxiliar o progresso do seu paiz.

Entretanto conhecia bem as suas miserias e a anarchia desgraçada em que cahiu. Quando,

*

em agosto de 1882 eu voltava do estrangeiro, escrevia-me: «O seu regresso á patria deve ter-lhe produzido o mesmo effeito que sentem os fumadores de opio quando despertam dos seus sonhos e se encontram na vida real. Uma sensação de desanimo e nojo. Porque este paiz converteu-se n'uma especie de pantano e cano de esgoto moral. Nunca se viu tamanha podridão! Os successos do paiz durante a sua ausencia e dos quaes já tem certamente noticias minuciosas, provam-no plenamente.»

Desgostava-o, indignava-o esta luta de egoismos e ambições mesquinhas, esta falta de civismo e probidade? Era um momento apenas; a serenidade do trabalho e do dever recobrava logo o seu imperio.

Porque Amaral Cirne nunca perdia o animo. Quando tudo o abandonava, quando a propria vida ia fugir-lhe, nem uma lagrima de desalento, nem uma palavra de desespero; a paz d'um santo, a consciencia de quem vae entrar no repouso sem fim, por que aneia toda a vida inquieta.

II

Felizmente para nós, felizmente para a sua memoria, deixou-nos testemunho de quanto valia o seu talento.

Ponho de parte as suas traducções, as *Lições de coisas*, de Paroz, e a *Guia do professor primario*, de Robinson. Não que julgue sem valor uma traducção, mesmo a traducção d'um livro scientifico, mas tenho documento mais eloquente para apreciar as qualidades do seu espirito. As traducções, quando não sejam mera especulação, são guia seguro para conhecer do gosto e preferencias do traductor; além de que, pela maneira por que são feitas, revelam muitos dos habitos e caracteres da sua physionomia litteraria. Conhecimento da lingua, delicadeza de tacto na interpretação e analyse, tudo são merecimentos que uma traducção escrupulosa pôde muito bem mostrar e que de certo não faltam nos dois livros de Amaral Cirne, mas que, conjuntamente com outros, mais accentuadamente se revelam no seu *Resumo da historia da pedagogia*.

É um livro elementar e de vulgarisação. Em geral, as obras d'este genero são consideradas de facil composição e ao alcance do mais insignificante professor; para mim estas mais do que nenhuma outras exigem grande disciplina mental e conhecimento profundo da materia tratada.

Procurar, reunir e classificar documentos para o estudo da historia da humanidade ou da evolução e leis da natureza é trabalho que exige

mais paciência e exercício que desenvolvimento e capacidade intellectual. Descobrir o que é commum a todos esses phenomenos e o que é proprio a cada um, perceber o que n'elles é estavel e permanente e o que é variavel e contingente, o que constitue a sua essencia e o que constitue a sua vida e transformações, exige grande poder de generalisação, uma intelligencia lucida, profunda e vasta, mas que póde muito bem coexistir com um mediocre poder de exposição, com a falta de ponderação no desenvolvimento relativo de cada parte, com a falta de ordem e harmonia na disposição e a falta de precisão e propriedade na linguagem, com a ausencia de faculdades litterarias propriamente ditas. Penetrar o pensamento dos sabios, conhecer o valor, relações e alcance das suas idéas, critical-as e separar o que é certo e positivo do que é duvidoso e hypothetico, despojal-as do que é inutil á sua comprehensão, traduzil-as em linguagem e ordem correlativa ao desenvolvimento e capacidade do leitor, é, em meu conceito, o mais difficil de todos os trabalhos mentaes, aquelle que requer ao mesmo tempo força e elasticidade de espirito, saber profundo e aptidões litterarias, conhecimento das fontes e comprehensão exacta do estado psychologico do ouvinte.

Demais, um livro de historia é como um

quadro. N'este deve haver um ponto principal para onde converge toda a luz, toda a harmonia, o que primeiro e mais intensamente fere a vista; a luz vae decrescendo para as extremidades, mas cada parte conserva sempre a sua harmonia propria e independente, sem deixar de ser subordinada ao motivo principal. No livro de historia deve haver igualmente uma idéa capital, a idéa geral da evolução na ordem de materias a que o livro se refere; mas cada uma das partes terá o seu desenvolvimento, a sua luz propria, proporcionada e sujeita ao pensamento principal da obra, de fórma a tornar mais viva a impressão d'este, sem prejuizo de nenhuma d'aquellas. Por consequente, quanto mais pequeno é o quadro, mais difficil a sua execução, mais indispensavel a precisão no desenho para que tudo fique independente e ligado, e maior cuidado haverá na distribuição das tintas para que mutuamente se não prejudiquem. Quanto mais pequeno é um livro, mais difficil a sua composição; fica por tal fórma reduzido o espaço ás idéas secundarias que é difficil fazel-as apparecer sem prejudicar o equilibrio essencial á harmonia do todo. De tudo isto resultam as difficuldades dos livros elementares e por isso acontece que, abundando na litteratura da Europa e da America, os que são realmente bons, como os *primers* publicados sob a direc-

ção do professor Huxley, estão traduzidos nas principaes linguas da Europa.

A *Historia da pedagogia* é a prova cabal do talento com que Amaral Cirne manejava todas estas difficuldades. A quem não fôr completamente estranho á historia da pedagogia basta folhear o livro para vêr a habilitade da sua coordenação, o equilibrio de desenvolvimento e a conveniencia das proporções; como tudo se combina de fôrma a tornar bem evidente, não obstante a coexistencia de differentes methodos em todas as épocas, o progresso incessante da educação e do ensino, elevando-se do empirismo dos primeiros tempos á organização scientifica moderna, adaptando-se constantemente ás necessidades de civilizações differentes. Procuremos a historia de Comenius, Montaigne, Locke, Rousseau, Diesterweg ou qualquer outro pedagogo illustre e veremos promptamente com que sciencia e consciencia este livro foi escripto e com que rigor Amaral Cirne soube escolher e condensar as idéas fundamentaes e characteristics do systema de cada um. E tudo escripto em estylo didactico da melhor especie, conciso e proprio, sem as imagens e superabundancia de termos que tornam vaga a idéa e lhe enfraquecem as ligações logicas, com um vocabulario rico e a sua applicação rigorosa como quem conhece profundamente a lingua.

Mas a verdade da doutrina, o cuidado da composição, o primor da linguagem não são todas as qualidades da *Historia da pedagogia*. É um livrinho escripto com um grande bom senso do qual, entre muitos, dão testemunho estes poucos periodos que vou transcrever e que se referem a questões de instrucção popular frequentes vezes debatidas.

« A reforma de 1844 estabelecia a instrucção obrigatoria para todas as creanças desde os 7 aos 15 annos e desenvolvia a proposito um systema apparatuso de punições para castigar os paes, tutores ou quaesquer individuos que não mandassem os filhos, pupillos ou subordinados á escola ou não provassem que lhes proporcionavão instrucção igual ou superior á das escolas publicas. Os paes ou tutores omissos serião avisados, intimados, e reprehendidos pelo administrador e por fim multados numa quantia que podia variar desde 500 a 1\$000 reis. Tres annos depois da publicação do decreto serião preferidos, para o recrutamento do exercito e da armada, os individuos que não soubessem lêr e escrever, e, passados dez annos da publicação do mesmo decreto, serião suspensos dos seus direitos politicos por 5 annos os paes, tutores ou individuos cujos filhos, pupillos ou subordinados não soubessem lêr e escrever aos 15 annos de idade. Ninguem poderia

exercer direitos politicos, seis annos depois de publicado o decreto, não sabendo lêr e escrever.

«Tudo isto ficou no papel e tem servido apenas para enganar alguns estrangeiros de boa fé, que pretendem estudar a nossa instrucção primaria nos documentos officiaes. Decretar a instrucção obrigatoria e não crear escolas nem habilitar os mestres indispensaveis, seria um contrasenso se não fosse um exemplo de revoltante immoralidade dado pela propria lei. A instrucção obrigatoria tem por si os votos de todos os homens verdadeiramente amigos do desenvolvimento da civilisação, mas é uma coisa inutil ou pelo menos inopportuna emquanto a escola não fôr o que deve ser, já quanto á sua construcção e installação, já quanto ao numero de mestres, suas habilitações e salarios, já quanto ao systema de inspecção.»

Ainda sobre a questão de instrucção primaria: «Felizmente a lei de 11 de junho de 1880 melhora consideravelmente a sorte do professorado primario. Com effeito, o art. 3.º da citada lei diz assim: «Os professores, de qualquer dos sexos do ensino elementar e complementar, que não tiverem soffrido nenhuma pena disciplinar, têm direito a um augmento do ordenado que estiverem percebendo, na razão de 25 por cento, de seis em seis annos de serviço bom e effectivo,

prestado na mesma parochia e no mesmo grau de ensino. Este augmento ser-lhes-ha levado em conta para o effeito da aposentação, mas sómente principiará a ser concedido depois de seis annos da publicação da lei.» Esta providencia é um melhoramento importantissimo, pois um professor de ensino elementar póde ao fim de vinte e cinco annos de serviço vêr o seu ordenado subido, pelo menos, a 244,5820 reis. Comtudo não padece duvida, que o simples augmento dos ordenados não resolve a magna questão do bom pessoal docente, porquanto nos Estados-Unidos com bons estipendios o professorado primario está longe de ser bom, e na Prussia (com uma remuneração que pouco se avanta a nossa) ha, em geral, excellentes mestres. D'onde a differença? Das escólas normaes, principalmente.» Estas eram para elle a condição indispensavel do desenvolvimento da instrucção popular.

O estudo das doutrinas da educação mostram-nos uma grande capacidade de pensador e escriptor; estes periodos que transcrevi e quanto se refere á apreciação da instrucção primaria entre nós e dos meios de a levantar, mostram-nos o homem pratico, de bom senso, conhecendo as condições do possivel e nunca se deixando desorientar por um inconsiderado desejo de vêr realisado o seu ideal.

Mas sejamos justos. A *Historia da pedagogia* vale menos pelo muito que é, do que principalmente pelo que nos prometia d'este homem tão prematuramente perdido para a causa santa da instrucção popular.

E, se por ella julgarmos o seu auctor, certamente concluiremos que o equilibrio era o caracter dominante d'essa bella organisação; virtude tanto mais para apreciar quanto cada dia se vae tornando mais rara, n'esta época de revolução e de duvida, presa de aspirações sem limites e de toda a especie de paixões irreprimidas.

Comecei por lamentar a promptidão com que de ordinario são esquecidos aquelles que, embora trabalhadores conscienciosos, não souberam despertar em torno do seu nome este rumor de applauso e de fama que tantas vezes capricha em coroar os menos dignos. Se áquelle que não tem força para reparar a injustiça publica é inutil consumir-se em estereis lamentações, não fica por isso prejudicado o dever de testemunhar o respeito e a gratidão pelos conselhos do mestre. Foi o que procurei fazer n'estas breves palavras.



INDICE

	Pag.
ADVERTENCIA	v
Erros do individualismo.	3
Pessimismo e anarchia, origem <i>commun</i>	3
Soluções transitórias do problema	6
Insufficiencia do individualismo	7
O que é o individualismo	8
Falsidade do seu methodo.	9
Necessidade da intervenção do Estado	14
Liberdade d'acção e de discussão	16
Influencia moral do individualismo	19
O estylo de Montague	22
Associação e concorrência	25
Os animaes e as plantas nas suas relações com a ci- vilisação	26
Bourdeau e A. de Candolle	27
Duas phases capitaes da civilisação	28
A associação e a riqueza	33
A associação e o desenvolvimento intellectual do homem e dos animaes	34
Lei dominante na evolução das relações do homem com o mundo animal	37

	Pag.
Introdução ao estudo da colonisação científica	41
Necessidade do estudo dos principios scientificos da colonisação	41
Especies de colonias	43
A colonisação é a reproducção social	45
Condições da criação e educação	47
A aclimação	65
Oliveira Martins	73
O artista	77
O vulgarizador	79
Origem do bom acolhimento publico	84
O socialismo	86
Duas escolas	87
Programma de reformas	91
Pessimismo	93
Crítica da paizagem	97
O sentimento da natureza entre os antigos e modernos	97
Origens d'esta revolução no gosto.	103
Pobreza da critica.	107
A expressão na paizagem	109
A paizagem e o estado physico do espectador	113
O amor sensual da paizagem, a harmonia	117
A agricultura e a paizagem	122
Os animaes na paizagem	124
Efeitos de luz e colorido	126
A firmeza do desenho	129
Idéas e sentimentos associados á paizagem.	132
Museus e bibliothecas	137
O estado presente e a necessidade de reforma	137
Relações do museu e da bibliotheca	143

	Pag.
Museus de estudo e museus de ensino	146
Museus populares.	151
Museus industriaes	156
Bibliothecas independentes do museu	157
Direcção dos museus	158
O estudo do paiz	163
Os concelhos	164
A carta de relevo.	167
A carta dos arvoredos.	170
A carta agronomica, os terrenos	173
O clima	175
O imposto predial	178
População e gados	178
Utilidade d'estas cartas como guia pratico.	181
Como livro de ensino	184
Amaral Girne	191
O homem	191
O pedagoga e o escriptor	196



UA/SD	
N.º	46286
Data	10 AGO. 1987
Cota	AV/RS-13

Magalhães & Moniz — Editores

Ramalho Ortigão

<i>Banhos de Caldas e águas minerais de Portugal.</i> 1 vol. ill.	1\$000
<i>As Praias de Portugal.</i> 1 vol. ill.	1\$000
<i>A Hollanda.</i> 1 vol.	1\$500

Julio de Mattos

<i>História natural illustrada.</i> 6 vol. com muitas grav. color.	18\$000
Encadernada.	25\$000

Theophilo Braga

<i>Contos tradicionaes do povo portuguez.</i> 2 vol.	1\$000
--	--------

David Livingstone

<i>Viagens de exploração no Zambese e na Africa Central.</i> 1 vol.	400
--	-----

Antonio Feljó

<i>Lyricas e Bucolicas.</i> 1 vol.	700
<i>A janella do Occidente.</i> poemeto.	200

Luiz de Magalhães

<i>Odes e Canções,</i> com um prologo por Oliveira Martins. 1 vol.	700
--	-----

João de Deus

<i>Flores do Campo.</i> 2. ^a ed. 1 vol.	600
<i>Folhas soltas.</i> 1 vol.	600
Os dois vol. encad. e dour.	1\$600

Oliveira Martins

<i>Politica e Economia nacional.</i> 1 vol.	700
---	-----

J. J. Rodrigues de Freitas

<i>O Portugal contemporaneo,</i> do snr. Oliveira Martins. 1 vol.	200
---	-----

Alberto Braga

<i>Contos d'aldeia.</i> 1 vol.	500
<i>Contos da minha larra.</i> 1 vol.	500
<i>Novos contos.</i> 1 vol.	500

Guilherme Gama

<i>Prosas simples; impressões e paysagens.</i> 1 vol.	300
---	-----

0037267

ESTUDOS

SOBRE A

LITTERATURA CONTEMPORANEA

bibRIA

Porto: 1886—Typ. de A. J. da Silva Teixeira

Rua da Cancellia Velha, 70

bibRIA

JAYME DE MAGALHÃES LIMA



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

ESTUDOS

OFERTA

SOBRE A

LITTERATURA

CONTEMPORANEA

bibRIA



PORTO

LIVRARIA UNIVERSAL

DE

MAGALHÃES & MCONIZ

12, Largo dos Loyos, 12

ADVERTENCIA

Nem todos podem trilhar caminhos desconhecidos, desvendar novos horisontes ao pensamento e ao saber; mas empregando com zelo a sua intelligencia, permutando activamente o resultado dos seus estudos, todos ou quasi todos podem accelerar um pouco o trabalho alheio, ajudar os que pisam a mesma estrada e aplanar o caminho aos que vierem mais tarde. Este foi o pensamento que me resolveu a passar a limpo os presentes estudos.

Dei o primeiro logar ao estudo d'um livro sobre *Os limites da liberdade individual*, porque vejo que é sob a invocação da Liberdade que ha um seculo se tem operado as maiores reformas politicas. E vejo tambem que não obstante uma tão larga e tão profunda diffusão das idéas e das

instituições liberaes, todas as desigualdades, todas as injustiças de que era accusado o antigo regimen resurgem com tanta ou maior intensidade que nos tempos passados. Duvido ás vezes que todo este seculo chamado de progresso tenha alliviado um só opprimido, tenha mitigado a fome a um unico desgraçado. A Allemanha sob o despotismo d'um só homem soffre do mesmo mal que a França republicana. De um e do outro lado do Rheno, como de um e do outro lado do Atlantico, os mesmos perigos, as mesmas revoluções da miseria e da fome.

A simples liberdade nada resolveu e o povo continúa sempre na mesma angustia. Mudou de senhor mas não deixou por isso de ser explorado; o que d'antes era propriedade d'uma familia é agora propriedade dos partidos e *coteries* que em seu proveito governam a sociedade. Emanciparam-nos de toda a tutela, emanciparam-nos do rei e do padre e da familia e do Estado, deram-nos todas as liberdades possiveis e ao fim de tanta luta estamos tão pobres como estavamos e ainda, além de tudo, sujeitos á mais dissolvente depressão moral.

Esta bancarrota da revolução franceza, para me servir d'uma expressão já vulgar, tem levado os publicistas ao estudo das suas causas e remedios, e cada dia se torna mais evidente a reacção

contra a anarchia quasi geral. Começa-se a fazer as contas da famosa conquista da liberdade e não falta quem lamente o sangue e o dinheiro dispendido, e também quem afiance que sem ella talvez estivessemos melhor e mais ricos. É que na realidade a liberdade, como até hoje tem sido comprehendida, é a negação de toda a sociedade e, como tal, havia de conduzir irremediavelmente á anarchia presente.

De tantos males que produziu, nenhum se me afigura de tão difficil remedio como a dissolução moral. É singular que nunca se tivesse contado com a indestructivel unidade do espirito humano, e que se podesse imaginar que, emancipando o individuo da sociedade ou do Estado, sua expressão concreta, não era esse o caminho para dissolver todos os laços sociaes, ainda mesmo os laços de familia; mas desgraçadamente ninguem poderá contestar com verdade que nas universidades e no exercito, na familia, na vida domestica e em toda a sociedade, cada vez são mais frequentes os casos de rebellião e desobediencia, e que o mundo se vae tornando verdadeiramente ingovernavel. A liberdade converteu-se na desobediencia a todo o poder legitimo e na satisfação de todos os appetites e caprichos. Á sombra d'ella deixaram-se sem regra todos os instinctos e todas as paixões, os vicios vão crescendo n'uma

completa ausencia de repressão, e da vida moral vão desaparecendo todos os motivos verdadeiramente humanos.

As gerações que immediatamente nos precederam applaudiam-se da victoria das suas doutrinas mas governavam uma sociedade educada na obediencia. Só nós pudemos vêr onde conduzia a liberdade, porque só nós conhecemos sociedades educadas nas instituições liberaes. Agora, ao fim d'um seculo de esperanças e desillusões contínuas, vemo-nos tão pobres como outr'ora e menos felizes. Ao menos, os nossos avós tinham a par da miseria, as consolações da fé, a resignação d'um espirito obediente e nenhuma d'estas necessidades creadas n'uma liberdade sem limites, n'uma obediencia cega a todas as suggestões do instincto.

Sendo a vida a redução constante de todas as nossas aspirações, aspirações de força physica, de saber, de riqueza, de gosos e de gloria, é preciso saber abdicar de uma parte de nossos desejos, e n'esta abdicção reside todo o principio d'ordem e governo do individuo e da sociedade.

Não é esta a mesma conclusão a que nos leva o estudo scientifico das sociedades animaes? Pois as leis da associação no mundo vivo não comprehendem esta mutua subordinação, este sacrificio reciproco d'uma parte dos nossos desejos?

É verdade que a associação é consciente e moral d'um lado, e do outro é puramente animal e inconsciente, mas nem por isso deixam de ter como base commum o sacrificio mutuo.

Estudando um caso particular de associação, a *Conquista do mundo animal*, conclui que o alargamento dos principios da associação era a lei que regulava toda a evolução nas relações do homem com o mundo animal. Parece-me este modo de vêr mais fecundo em resultados praticos do que o famoso principio da lucta pela existencia, cuja ultima consequencia não pôde deixar de ser o despotismo e o direito do mais forte, que é igualmente onde nos conduz a doutrina da liberdade negativa. Parece-me tambem que, tomando a associação como base natural das sociedades, vou conforme com a sua evolução historica e com o que nos indica a observação do seu estado presente.

Proseguindo no estudo das questões politicas que no momento presente mais nos preoccupam, procurei esclarecer-me n'um livro de Bordier sobre as condições scientificas da colonisação.

Bordier considera-a como a reproducção social e, olhando a colonisação d'esta fórma, não posso deixar de vêr com grande desanimo todas as suas promessas de riqueza e felicidade.

São tantas e tão difficeis de reunir as condi-

ções necessárias para estabelecer uma colonia com algumas garantias de prosperidade que certamente seria mais prudente dedicar-nos primeiro a questões caseiras cuja resolução mais seguramente nos daria o bem-estar que vamos procurar longe, em regiões desconhecidas.

Já tinha publicado esse estudo n'uma revista de Coimbra quando um discurso de Virchow, em setembro do anno ultimo, veio confirmar as minhas apprehensões.

Fallando «dos problemas a resolver para que de futuro se possa esclarecer os colonos sobre a sorte que os espera e fundar colonias, prevendo antecipadamente os seus resultados», diz Virchow: «São questões a que nem um general, nem um ministro da guerra, nem um homem de Estado responsavel teem o direito de fugir. Porque seria d'outra fórma para aquelles á voz de quem deixam a sua patria batalhões de emigrantes! Indica-se-lhes uma Nova-Guiné: planicies ferteis, florestas immensas que descem até á praia; não ha mais que mandar especialistas para designar as especies boas para exploração e depois fundar estabelecimentos. Absolutamente como no seculo ultimo quando se queria colonisar Cayenna. Vêde as descrições francezas d'este paiz fertil, da sua flora luxuriante, das suas admiraveis florestas, dos seus prados encantadores.

«Quando milhares e milhares de colonos que para lá mandaram, morreram até ao ultimo, resolveram extasiar-se deante das admiraveis florestas, collocadas nos albuns em fórma de photographias, e ficar em paz em sua casa, deixando áquelles que teem em Cayenna a sua provincia ethnologica o cuidado de lá se propagarem e tratarem dos seus negocios. Pela minha parte, não duvido que em breve sejamos forçados a seguir este exemplo.» Oxalá nós sejamos mais felizes, mas receio muito que, não obstante a nossa faculdade de aclimação ser maior que a das nações do norte da Europa, talvez um dia tenhamos de passar ao rol das illusões todas as nossas presentes esperanças de colonisação africana. O exemplo do Brazil, da Australia e da America do Norte não se repete facilmente; é limitadissimo o poder de aclimação dos europeus.

Ainda n'esta mesma ordem de questões politicas, procurei orientar-me n'um livro do snr. Oliveira Martins sobre a politica e economia da nação portugueza. Aconteceu porém que a leitura que anteriormente tinha feito d'algumas obras do mesmo escriptor levou-me a um estudo de litteratura que substituiu o estudo de politica que primeiro meditára. Resolvi reimprimil-o tal qual então o publiquei, á parte correccões insignificantes, porque não tinha a reformar coisa alguma que

involvesse alteração importante no meu pensamento.

Pensava então que o snr. Oliveira Martins a um vastissimo saber e um raro bom senso junta-va faculdades de artista de primeira ordem; pensava que os merecimentos do artista prejudicavam o propagandista e finalmente que o favor com que o publico acolhera as suas obras, era principalmente o resultado das qualidades moraes que transpareciam atravez das suas obras.

Nada tenho a accrescentar. N'este illustre homem de letras, o que mais intensamente impressiona os meus olhos, são as suas faculdades creadoras, o poder magico com que a seu sabôr resuscita as épocas passadas, a vida primitiva das sociedades, o terror e a anciedade das religiões balbuciantes. Simplesmente, pelo que respeita ás suas qualidades moraes, lembrarei que os factos posteriores da sua vida publica revelaram um character tanto mais para respeitar quanto a nossa época é moralmente d'uma extrema mesquizez.

Puramente litterario é o estudo immediato sobre *Critica da paisagem*. Tomei para base um livro de P. G. Hamerton, que teve na Inglaterra o acolhimento brilhante que sempre teem tido todos os livros do mesmo auctor.

O sentimento da natureza e particularmente

o amor da paizagem, é um d'estes factos de psychologia collectiva que, á maneira do pessimismo, do espirito de analyse e outros sentimentos, mais ou menos se manifesta em toda a litteratura contemporanea.

Ninguem como Hamerton o poderia comprehender. É um artista e um homem de letras, ao mesmo tempo desenhador, gravador e escriptor de talento, dotado além d'isso d'um grande poder de analyse que polvilha as suas obras de repetidas e interessantes observações psychologicas; é um espirito admiravelmente equilibrado por uma educação scientifica e litteraria proporcionada, um d'estes homens no genero de E. Fromentin, duas vezes artista, tendo ainda sobre este ultimo a vantagem que lhe dá uma vasta instrução scientifica.

Passando a estudos de litteratura pedagogica pensei em traduzir um ensaio posthumo de W. Stanley Jevons sobre o *Uso e abuso dos museus*, ensaio que foi publicado conjuntamente com outros n'um livro intitulado *Methods of social Reform* (London; Macmillan and Co, 1883). Mas por tal fórma o alterei que do estudo de Jevons pouco mais ficou que a sua idéa e pensamento capital, — a necessidade d'uma organização systematica dos museus.

Julgo de vantagem trazer este ponto á discus-

são, pois creio que se tem procedido com pouco ou nenhum criterio na criação e organização dos museus e bibliothecas. O que é realmente muito para sentir, não só porque estas instituições podem ter na educação uma influencia poderosissima, mas tambem porque a falta de methodo na sua organização esterilisa toda a actividade e meios pecuniarios que se dispende com ellas.

Depois da primeira publicação d'este estudo, abriu-se no Porto o Museu industrial que é na verdade um museu bem dirigido. Advirta-se, porém, que o titulo não corresponde á materia. O Museu industrial do Porto é ao mesmo tempo museu nacional, museu de ensino e museu propriamente industrial. Como museu nacional, tendo reunido os documentos das industrias e costumes nacionaes, é um nucleo importante e contém para mim e para o publico em geral, verdadeiras revelações sobre a nossa vida e tradições. Terá certamente grande influencia no despertar do espirito nacional, se é que elle é susceptivel de acordar.

Não creio porém no valor educativo dos museus exclusivamente industriaes como em geral estão organisados, o que não impede de reconhecer as largas vantagens que trazem ao commercio como fonte de informações e um quasi mercado geral e permanente. Coisa singular!

Em Portugal, os commerciantes, aquelles a quem realmente interessa, teem sido os menos promptos em perceber a sua utilidade.

Proseguindo nas questões de ensino estudei as *Cartas elementares* do snr. B. Barros Gomes. Por muito tempo ignorei todo o valor d'esse livro e, se não fossem indicações alheias, talvez ainda hoje o tratasse com o mesmo descuido que afinal se resolvia n'um prejuizo para mim e n'uma injustiça para o seu auctor.

Porque este livro do snr. Barros Gomes é realmente precioso. Toda a nossa administração publica e particular está eivada d'uma profundissima ignorancia das condições naturaes do paiz, e não posso calcular a quanto montariam as vantagens economicas que necessariamente haviam de derivar do seu estudo. Fallo só das vantagens economicas porque me peza insistir em recordar a vergonha de não conhecermos a nossa propria casa.

Esta ordem de estudos levou-me naturalmente a fallar do meu querido mestre e amigo Francisco Antonio do Amaral Cirne. Era um homem de grandes faculdades e, ouvindo as inspirações da amizade, tenho a consciencia de que advoguei por igual os interesses da justiça. Dou para testemunho os seus livros e, se o leitor os quizer examinar, ha de julgar como eu julguei. A sen-

tença só poderá parecer de favor a quem não quizer ter o trabalho de examinar os documentos do processo.

Estes foram os estudos que colligi no presente volume. Espero que a bondade da intenção que os dictou, desculpará os seus erros; e em abono da justiça devo reconhecer, como Rémusat em circumstancias semelhantes, que é preciso saber muito pouco para aprender n'elles alguma coisa.

Outubro de 1886.

bibRIA

